



Estudo Preliminar de um Centro de Acolhimento e
Serviços para animais domésticos em João Pessoa-PB

Breno Lucas Teodósio de Araújo

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Breno Lucas Teodósio de Araújo



Estudo Preliminar de um Centro de Acolhimento e
Serviços para animais domésticos em João Pessoa-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba como requisito para
obtenção de título de bacharel em Arquitetura e
Urbanismo, realizado sob à orientação da Professora Dra.
Ivanize Cláudia dos Santos e Silva.

JOÃO PESSOA
OUTUBRO, 2025

Breno Lucas Teodósio de Araújo



Estudo Preliminar de um Centro de Acolhimento e
Serviços para animais domésticos em João Pessoa-PB

Professor Orientador:

Profa. Dra. Ivanize Cláudia dos Santos e Silva

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dimitri Costa Castor

Prof. Dr. Marcos Aurélio Pereira Santana

JOÃO PESSOA
OUTUBRO, 2025

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663p	Araújo, Breno Lucas Teodósio de. Patamiga: Estudo preliminar de um Centro de Acolhimento e Serviços para animais domésticos em João Pessoa-PB / Breno Lucas Teodósio de Araújo. - João Pessoa, 2025. 77 f. : il. Orientação: Ivanize Cláudia dos Santos e Silva. TCC (Graduação) - UFPB/CT. 1. Abandono animal. 2. Bem-estar animal. 3. Abrigo. 4. Arquitetura para animais. 5. Serviços veterinários. I. Silva, Ivanize Cláudia dos Santos e. II. Título. UFPB/CTCDU 72(043.2)
-------	--

Elaborado por ROSANGELA GONCALVES PALMEIRA - CRB-216

Agradecimentos

Muitos dizem que o TCC é um trabalho como qualquer outro. Para mim, é fruto de uma vida de dedicação, esforço e muita fé e compromisso. Por isso deixo aqui meus singelos agradecimentos.

Primeiramente à Deus e Nossa Mãezinha... se cheguei até aqui é por quê me deram força, sabedoria e proteção para enfrentar as duras batalhas do ensino e aprendizado, sempre provando minhas esperanças em alcançar os meus objetivos.

Em segundo lugar agradeço aos meus pais. Silvio e Poliana nunca esconderam o orgulho que sentem dos seus filhos e sempre mostraram que tudo vale pela sua educação e amadurecimento. Sem vocês nada disso teria sido possível, e cabe a mim retribuí-los pedacinho por pedacinho, a começar por este diploma. Às minhas irmãs Bárbara e Brendha, que talvez não sintam o peso que tiveram na minha vida até aqui: vocês foram essenciais para meu equilíbrio e determinação, muito obrigado mesmo.

Agradeço imensamente a Letícia, quem mais esteve perto de mim nos últimos anos, meses e dias; você, meu amor, foi meu porto seguro, meu respiro, onde sempre me inspirei a continuar, mesmo nos momentos que queria desistir. A você minha expressão nunca será suficiente.

Aos meus amigos de jornada: Zé, Evelyn, Bruno, Lucy, Larissa, Nika, Vanessa, Alexia, Gabi, Allan, Geovana, Yslane, Marta... Seriam necessárias páginas e mais páginas para dizer o quanto amo vocês e como foram importantes para esta minha fase. Que possamos subir de nível juntos, sempre, pois a vida com vocês tem mais cor e sorriso sem dúvidas.

Deixo um agradecimento especial para minha orientadora, professora Ivanize dos Santos, que sempre acreditou no meu sucesso e me inspirou por esse caminho; e a tantos outros professores que tiveram a paciência e a inteligência de me mostrar em pouco tempo o que levaram anos para aprender.

E agradeço, por fim, a você Breno. Você que sorriu quando queria chorar, que soube esperar quando queria seguir, que enfrentou mesmo tendo medo. Você é meu maior agradecimento, mereces o melhor. Obrigado por chegar até aqui.

Resumo

Os animais domésticos têm participado cada vez mais dos lares brasileiros. O país ocupa agora o terceiro lugar no ranking mundial do quantitativo de animais domésticos, em que os maiores responsáveis são cães e gatos, e tende a evoluir os números. Esse fator implica também na ampliação do mercado *pet*, das políticas públicas sobre a causa e da necessidade de conscientização popular sobre os cuidados animais. Entretanto, cresce também o número de animais abandonados nas ruas, ultrapassando os 30 milhões de indefesos só no Brasil, de acordo com os estudos. Em João Pessoa, estima-se que mais de 16 mil cães e gatos estejam vagando pelas ruas e impactando nas relações urbanas: saúde pública, infraestrutura, relações interespecies, e etc. Os números podem ser o reflexo da falta de investimentos públicos no setor, onde a carência de equipamentos veterinários urbanos, em número e qualidade, desmotivam o comprometimento popular com a proteção animal. Apesar das recentes ações da prefeitura municipal, sobretudo com relação à legislação de bem-estar animal, verifica-se a necessidade de um investimento que apoie os animais, a população e àqueles que de, forma independente, contribuem com a causa. Portanto, este trabalho propõem-se a elaborar o estudo preliminar de um centro de acolhimento e serviços para animais domésticos, mais necessariamente cães e gatos, em João Pessoa-PB, como medida de amenização do abandono animal e dos consequentes impactos urbanos negativos causados pelo problema. Se utiliza de uma metodologia baseada em pesquisas bibliográficas, referenciais normativos, sugestivos e projetuais, além de estudos de técnicas arquitetônicas que podem contribuir para o bem-estar animal, dentro de uma política humanitária. De maneira indireta, busca-se colaborar com o aprendizado social sobre cuidado animal, instigando o gesto de adoção, enquanto apresenta uma ação alternativa para a problemática de abandono através da arquitetura e urbanismo.

Palavras-chaves: *Abandono animal; Bem-estar animal; Abrigo; Arquitetura para animais; Serviços veterinários.*

Abstract

Pets have become an increasingly important part of Brazilian homes. The country now ranks third in the world for the number of domestic animals, with dogs and cats being the main contributors, and this number is expected to grow. This factor also implies the expansion of the pet market, public policies on the issue, and the need to raise public awareness about animal care. Meanwhile, the number of abandoned animals on the streets is also growing, surpassing 30 million defenseless animals in Brazil alone, according to studies. In João Pessoa, it is estimated that more than 16,000 dogs and cats are roaming the streets, impacting urban relations: public health, infrastructure, interspecies relations, etc. These numbers may reflect the lack of public investment in the sector, where the lack of urban veterinary equipment, both in quantity and quality, discourages public commitment to animal protection. Despite recent actions by the city government, particularly regarding animal welfare legislation, there is a clear need for investment to support animals, the public, and those who independently contribute to the cause. Therefore, this work proposes a preliminary study for a shelter and service center for domestic animals, primarily dogs and cats, in João Pessoa, Paraíba, as a measure to mitigate animal abandonment and the resulting negative urban impacts caused by this problem. It uses a methodology based on bibliographic research, normative, suggestive, and design references, as well as studies of architectural techniques that can contribute to animal welfare within a humane policy. Indirectly, the aim is to collaborate to social learning about animal care, encouraging adoption, while presenting an alternative approach to addressing the issue of abandonment through architecture and urban planning.

Keywords: *Animal abandonment; Animal welfare; Shelter; Architecture for animals; Veterinary services.*

Lista de figuras

01 – Cachorro em situação vulnerável comendo lixo orgânico	11	30 – Esquemas de cobertas do bloco de galeria	50
02 – Planta baixa do Centro para Animais DOA Dierenasiel	18	31 – Esquemas de cobertas do bloco de administração	50
03 – Área de acesso do Centro para Animais DOA Dierenasiel	18	32 – Esquemas de cobertas do bloco de resgate	50
04 – Fotografia do Busto de Tamandaré, marco de João Pessoa-PB	22	33 – Planta baixa térreo de recorte do bloco clínico escala 1/250	51
05 – Placa educativa instalada nos arredores do Campus I da UFPB	23	34 – Acesso principal	52
06 – Gatos vulneráveis na Universidade Federal da Paraíba	23	35 – Espera clínica	52
07 – Castramóvel instalado para ações de castração em João Pessoa-PB	24	36 – Área de triagem	52
08 – Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses de João Pessoa	24	37 – Planta baixa térreo de recorte do bloco de galeria escala 1/250	53
09 – Fachada principal do Hospital do Pet no Bairro dos Estados	25	38 – Pátio jardinado	54
10 – Frente da Clínica do Pet, centro de João Pessoa-PB	25	39 – Academia pet	54
11 – Espaço pet da praça do Clube do Carro Antigo, bairro Manaíra	25	40 – Salão de banho e tosa	54
12 – Entrada da Unidade de Controle Populacional de Cães e Gatos	25	41 – Interiores da cafeteria petfriendly	55
13 – Vista para os abrigos do Centro Social Veterinário de Gokdere	27	42 – Planta baixa térreo de recorte do bloco de resgate escala 1/250	56
14 – Vista para a entrada do Centro de Reabilitação Animal de Blacktown	27	43 – Elevação da fachada principal do bloco de resgate sem escala	57
15 – Fachada principal do Hospital Veterinário Escola da Unileão	27	44 – Planta baixa térreo de recorte do bloco administrativo escala 1/250	58
16 – Planta baixa do Centro Social Veterinário de Gokdere	28	45 – Elevação da fachada principal do bloco administrativo sem escala	59
17 – Vista para os blocos de serviços	28	46 – Perspectiva da fachada principal	60
18 – Corredores e baias internas	28	47 – Gatis coletivos	61
19 – Planta baixa do Centro de Reabilitação Animal de Blacktown	29	48 – Gatis individuais	61
20 – Vista panorâmica dos fundos complexo	29	49 – Panorama do parcão	61
21 – Recepção e interiores do edifício	29	50 – Planta baixa térreo de recorte do bloco de abrigo escala 1/250	62
22 – Plantas baixas do Hospital Veterinário Escola da Unileão	30	51 – Pátio do parcão	63
23 – Área de lanchonetes no acesso principal	30	52 – Canis individuais	63
24 – Jardins internos do edifício	30	53 – Vista para a entrada	63
25 – Ambiente enriquecido com circuitos para gatos	44	54 – Vista da proposta final no contexto do terreno	64
26 – Cachorros brincando com bola em quintal de casa	44		
27 – Planta baixa final setorizada escala 1/1000	47		
28 – Planta baixa de fluxos no edifício escala 1/1000	48		
29 – Planta baixa final de locação e cobertura escala 1/1000	49		

Lista de diagramas

01 – Proporcional de setores do edifício	32
02 – Análise das condicionantes naturais	39
03 – Zoneamento geral do terreno	39
04 – Setorização do programa em bloco único	40
05 – Segregação do programa e estudo de massas	40
06 – Fluxograma de microsetores do edifício	41
07 – Dispersão dos volumes e adoção de jardins	42
08 – Desenvolvimento de cobertas e vegetação	42
09 – Síntese do processo de setorização	43
10 – Moodboard da materialidade do projeto	45
11 – Composição de elementos vazados	46

Lista de mapas

01 – Localização dos espaços pet populares em João Pessoa-PB	26
02 – Centralidade da Mata do Buraquinho no município	35
03 – Identificação de terrenos viáveis e linhas de tráfegos da região	36
04 – Raios de distância e influência dentre terreno e bairros da cidade	37
05 – Zoneamento urbano da área de interesse	38

Lista de quadros

01 – As Cinco Liberdades dos animais	14
02 – Comparativo de leis e punições do direito animal	16
03 – As necessidades básicas dos animais	19
04 – Síntese dos projetos correlatos	31
05 – Programa de necessidades e pré-dimensionamento	33

Sumário

1 Introdução	09
2 Investigação bibliográfica	12
2.1 Abandono: uma urgência urbana	12
2.2 Bem-estar: direito animal, dever humano	14
2.3 Humanitarismo: um poder dentro das ONG's	17
2.4 Arquitetura: saúde e conforto animal	19
3 O universo animal de João Pessoa	22
3.1 Políticas e ações governamentais para animais	22
3.2 Espaços do animal de estimação na capital	25
4 Boas práticas arquitetônicas	27
4.1 Centro Social Veterinário de Gokdere	28
4.2 Centro de Reabilitação Animal de Blacktown	29
4.3 Hospital Veterinário Escola da Unileão	30
5 Primeiros esboços: pré-projeto	32
5.1 Programa e pré-dimensionamento	32
5.2 Escolha do terreno e suas condicionantes	35
6 O projeto Patamiga	39
6.1 Setorização e estudo de massas	39
6.2 Os elementos construtivos	44
6.3 A planta baixa e os fluxos	47
6.4 As cobertas do conjunto	49
6.5 Entrada principal e Clínica	51
6.6 Empreçamento e Galeria	52
6.7 Setor de resgate e isolamento	56
6.8 Bloco administrativo	58
6.9 Abrigo: o centro de tudo	61
7 Reflexões finais	65

1 Introdução

A presente pesquisa vem abordar a arquitetura para animais como ferramenta amenizadora de negativos impactos no meio urbano, consequentes da carência de equipamentos veterinários. Estuda o caso de João Pessoa-PB, em seu atual momento, e busca demonstrar como o acolhimento e atendimento veterinário qualificados podem auxiliar algumas das principais questões socioambientais, sobretudo o abandono animal.

Diante das diferentes discussões e medidas em esfera global para tratamento do meio ambiente – como sobre a amenização dos desmatamentos, a crise climática, dentre outros exemplos – a causa animal, em especial o seguimento doméstico, também tornou-se mais relevante, seja pelas preocupações e necessidades sociais ou pelo alavancamento de mercado neste ramo. O Brasil, segundo a ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), em parceria com o Instituto Pet Brasil (IPB), ultrapassou 160 milhões de animais domésticos em 2022, atingindo o terceiro lugar no ranking mundial desta categoria, onde aproximadamente 63% destes são cães e gatos (ABINPET, 2023). Já em abril de 2024, o Instituto de Medicina Veterinária do Coletivo, importante organização pró-animal no país, estima que o quantitativo dessas espécies supera os 120 milhões de indivíduos (IMVC, 2024). O cenário, portanto, é de mais animais dentro dos lares brasileiros, com perspectiva de aumento também por demanda de serviços.

Em contrapartida, o instituto relata ainda que cerca de 1/4 dos cães e gatos – 30 milhões – vivem em situação de vulnerabilidade (IMVC, 2024). Diferentes fontes, como Alves *et al.* (2013) e Pinto *et al.* (2024), indicam a forte ligação deste índice com a posse irresponsável e o descontrole da natalidade, possíveis reflexos da falta de investimentos em serviços e políticas públicas de proteção animal.

Nessa lógica, o Conselho Regional de Medicina Veterinária da Paraíba estima, em 2023, que são mais de 80 mil cães e gatos vulneráveis no estado (CRMV-PB, 2023), atentando à problemática. Na capital, João Pessoa, o tema “animal” tem sido mais acionado, por exemplo, com a entrega do Hospital Veterinário Público, em julho de 2024, e a determinação de novos decretos, como a Lei Ordinária nº 15.469/2025 – que cria a Secretaria Municipal de Cuidado e Proteção Animal. Apesar da ampliação legislativa em defesa dos animais e da oferta de serviços públicos do seguimento, o município ainda carece, em diferentes aspectos, de equipamentos veterinários populares atuantes na questão do abandono.

Hoje, o Hospital e a Clínica do Pet e o Centro de Zoonoses são os três principais estabelecimentos veterinários existentes. Entretanto, a monotonia dos serviços dentro dos poucos equipamentos populares para animais, sua má distribuição espacial no perímetro urbano e a qualidade questionável de atendimento, são fatores interligados às taxas de animais desamparados, onde as dificuldades apresentadas pelos serviços veterinários de custo acessível desmotivam à adoção e o cuidado animal. Com isso, os *pets*¹ com tutores ficam dependentes da rede privada de atendimento, que, comumente, gera despesas elevadas; enquanto que animais vulneráveis precisam de prestações voluntárias, normalmente, exercidas por abrigos informais e organizações não-governamentais (ONG's), atentando-se às condições que estes últimos podem ficar submetidos – como áreas precárias, insegurança médica e alimentar, superlotações e etc.

Ampliar e diversificar a rede de serviços veterinários populares da capital paraibana, paralelamente apoiando os abrigos e quebrando as distâncias entre ofertas e usuários, é fulcral para incentivar a proteção animal. Sendo assim, um novo equipamento fundamentado no seguimento pode ser essencial na diminuição dos problemas de prestações veterinárias à comunidade, a fim de impactar também, por conseguinte, na redução do abandono e mitigação do sistema involuntário de estocagem de animais².

¹ *Pets* é um termo popular utilizado para se referir à animais domésticos ou de companhia, geralmente, de pequeno porte, tais como cães, gatos, aves, peixes, entre outros.

² Sistema involuntário de estocagem de animais diz respeito à superlotação dos abrigos para animais por falta de alternativas, mediante dificuldades estruturais das organizações responsáveis, a partir do seu financeiro instável.

Portanto, existe uma necessidade crucial em abordar o espaço para o animal – neste caso doméstico – uma vez que a recente discussão urge de apoios e intervenções no país. Nesse viés, é importante retratar os direitos animais, negando o abandono e os sistemas inadequados para *pets*, enquanto prioriza-se o bem-estar de cães e gatos através de políticas públicas para além da legislação – como uma arquitetura consciente. A escolha do tema também justifica-se pela preocupação com o ecossistema urbano, ao buscar restituir o equilíbrio coletivo e a dignidade dos indivíduos indefesos com base em uma política humanitária³ de resgate e cuidados, a partir do entendimento de suas necessidades físicas e psíquicas – abordagem pouco explorada em trabalhos acadêmicos de mesmo tema e recorte espacial⁴ – enquadrando-se nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS's) da ONU⁵, sobretudo o n°15: Vida Terrestre⁶. E ainda, garantir o acesso democrático aos serviços veterinários é essencial para promover a adoção e proteção animal, amenizando os impactos negativos da problemática de abandono, valendo, assim, analisar o recorte espacial nesta perspectiva.

Sendo assim, o trabalho tem como objeto de estudo um edifício voltado para cães e gatos, em João Pessoa-PB, e objetiva elaborar o estudo preliminar de um centro de acolhimento e serviços que proporcione o bem-estar animal dentro de uma política humanitária. Mais especificamente, objetiva-se também:

- 1- Compreender os conceitos de bem-estar, conforto ambiental e humanitarismo, para aplicá-los na arquitetura em prol dos usuários, sobretudo os animais;
- 2- Identificar, mapear e caracterizar os espaços *pet* populares existentes em João Pessoa-PB, relacionando os dados às necessidades dos cães e gatos;
- 3- Locar o projeto de forma centralizada na cidade para facilitar o acesso popular, considerando o conforto ambiental em benefício do bem-estar animal.

Quanto à metodologia, o trabalho foi dividido em três etapas principais, onde a primeira buscou o embasamento teórico e informacional suficientes para transmissão dos assuntos abordados e seu respectivo uso no desenvolvimento do projeto, e a segunda parte tratou dos estudos do recorte espacial e objeto empírico, progredindo através de estratégias de desenho e auxílio de ferramentas digitais. A terceira e última etapa foi dedicada ao refinamento do material final a ser apresentado e entregue para a avaliação.

Nesse sentido, as pesquisas bibliográficas em artigos, dissertações, teses e livros, auxiliaram a compreensão dos conceitos utilizados no projeto: bem-estar, conforto e humanitarismo; ambos voltados para os animais domésticos. Alinhadamente, dados foram coletados para entendimento dos reais cenários de abandono e serviços, a fim de trabalhar as informações dentro da arquitetura e urbanismo para atingir os objetivos de forma mais eficaz. E, mais próximo do projeto, manuais especializados e projetos correlatos foram a base para o pré-dimensionamento, fluxos e espacialização do produto. Da parte documental, a pesquisa considerou a legislação vigente de Direito Animal, as regras e condicionantes urbanísticas deste viés que tangenciam o terreno proposto, bem como as normativas de projeto e funcionalidade de edifícios da categoria.

Embarcando na segunda etapa, foram mapeados os espaços populares para animais domésticos, em João Pessoa-PB, incluindo os principais equipamentos: 1- Hospital do Pet; 2- Clínica do Pet; e 3- Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses; em sequência, foi feita a caracterização dos locais baseando-se nas necessidades dos animais pesquisadas e experiências avaliativas coletadas em aplicativos. Logo depois, houve uma aproximação maior ao recorte espacial e objeto de estudo, articulando a fase de pré-projeto.

³ Humanitário(a) – Aquele que visa o bem-estar da humanidade (AURÉLIO, 2010, p. 1111). Este projeto utilizará de conceito e abordagem semelhantes sobre os animais domésticos.

⁴ Anteprojeto de centro de abrigo e adoção de cães e gatos para João Pessoa” (ALMEIDA JÚNIOR, 2019) e “UPAVET: Anteprojeto de uma unidade de pronto atendimento veterinário para cães e gatos na cidade de João Pessoa-PB” (SOBRAL, 2020) são exemplos de trabalhos acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo com a mesma temática, e que consideram a cidade de João Pessoa-PB.

⁵ Organização das Nações Unidas – É uma organização internacional formada por países que se reuniram voluntariamente, em 1945, para trabalhar pela paz e o desenvolvimento mundiais (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2024).

⁶ A ODS 15 – Vida Terrestre declara proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2024).

Este inicia com a definição do programa de necessidades e pré-dimensionamento, a fim de entender as demandas do edifício para melhor decidir o local de implantação. Em seguida, buscou-se o terreno ideal via Google Earth, designado por um lote amplo e isolado em detrimento das necessidades animais, mas precisamente situado em uma área central da cidade para facilitar seu acesso e usufruto pela comunidade pessoense. Posteriormente, foram definidos conceito e partido arquitetônicos, trabalhados nos exercícios de zoneamento e setorização, fluxograma, implantação do edifício no terreno, estudo de massas, espacialização e linguagem do edifício proposto.

Os estudos partiram do croqui à mão, estendendo-se com ferramentas digitais no desenvolvimento da parte técnica de desenho de arquitetura – plantas baixas, cortes, elevações, dentre outros – através do Revit, dos modelos tridimensionais pelo Sketchup e das imagens de destaque no produto final com o Enscape.

Os processos metodológicos foram finalizados com duas subetapas dentro da terceira. A primeira parcial diz respeito ao refinamento do material entregue, consistindo na vistoria e padronização dos elementos gráficos utilizados: mapas, gráficos, tabelas e diagramas. Esta revisão objetivou também fazer uma reanálise do trabalho quanto à ortografia, estrutura, legendas e demais elementos. Foram articuladas, ainda, as imagens de apresentação, buscando conceder uma produção visual mais interessante. A segunda subetapa sujeitou-se à reunião do material de apresentação para a banca examinadora e de depósito no repositório institucional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que contempla um caderno de trabalho escrito e as pranchas técnicas associadas.

Figura 01 – Cachorro em situação vulnerável comendo lixo orgânico



Fonte: CÂMARA DE SÃO PAULO, 2016.

2 Investigação bibliográfica

Retratar o abandono de animais é uma tarefa complexa, pela necessidade de entendimento sobre as motivações que levam a este fator. Sua abordagem na arquitetura está ligada aos direitos das espécies enquanto vítimas indefesas e ao dever humano de atender suas necessidades da melhor maneira. Este tópico caracteriza alguns dos conceitos fundamentais para esta tipologia de trabalho, a fim de se gerar um embasamento teórico pertinente para a elaboração de uma proposta arquitetônica de qualidade.

2.1 Abandono: uma urgência urbana

As discussões e medidas mundiais para tratamento do meio ambiente têm sido cada vez mais rigorosas, como as interferências sobre os desmatamentos florestais ameaçadores ou a busca pela regressão do aquecimento global. Nesse ínterim, a causa animal obteve sua maior relevância desde o início do seu debate, dada a ligação direta que possui com as demais questões ambientais.

Há alguns anos o seguimento doméstico se destaca neste cenário, especialmente com a crise de isolamento social causado pelo Coronavírus⁷, onde os animais foram fundamentais no papel de companhia das famílias. A participação de bichinhos nos lares vem crescendo com os animais de estimação cada vez mais sendo considerados da família (KICHEL; MADUREIRA, 2023), tal qual o mercado do ramo, alavancando as preocupações e necessidades sociais correlacionadas ao tema, dentre elas o abandono animal. Em 2022, segundo a ABINPET e o Instituto Pet Brasil, o país ultrapassou a faixa de 160 milhões de animais domésticos, se tornando o terceiro do mundo no ranking da categoria, onde mais de 60% são cães e gatos (ABINPET, 2023).

Já em abril de 2024, o Instituto de Medicina Veterinária do Coletivo, importante órgão brasileiro da causa animal, estima que o quantitativo dessas espécies já superou a marca dos 120 milhões de indivíduos (IMVC, 2024). Relacionando com o último censo populacional (IBGE⁸, 2022), significa dizer que, praticamente, para cada 2 habitantes há 1 animal de estimação (canino ou felino) no país. Em contraponto, todavia, estima-se que 25% desses animais vivem em situação de vulnerabilidade (IMVC, 2024), 30 milhões de indivíduos indefesos.

O índice é alarmante, pois o abandono animal pode ser considerado uma ameaça relevante aos sistemas social e de saúde pública, ao equilíbrio ecológico e até à economia (ALVES *et al*, 2013). Diferentes fontes indicam a forte ligação da problemática com a posse irresponsável de *pets* e o descontrole da natalidade de animais vulneráveis, possíveis reflexos da carência de investimentos em serviços e políticas públicas de proteção animal. Pinto *et al*. (2024), relata que:

[os casos de abandono] “... envolvem problemas comportamentais dos animais, questões de renda familiar, falta de espaço, distorções entre expectativa e realidade no processo de adoção e desinformação sobre guarda responsável e bem-estar animal” (PINTO *et al*, 2024, p. 81).

Implicitamente, o autor menciona a importância de ser cauteloso no desejo e processo de compra ou adoção animal. Pesquisas em algumas das nações mais influentes, como os Estados Unidos, apontam os problemas comportamentais como principais causadores do abandono animal, seguidos pela disponibilidade e conduta espacial e pelo estilo de vida do proprietário (ALVES *et al*, 2013). Tais dificuldades são, geralmente, consequências do despreparo físico, econômico e emocional daqueles que naturalizam o processo de posse sem ou com quase nenhuma noção dos cuidados necessários do animal requerido. A posse ou guarda responsável implica na conduta humana de respeito ao animal, negando sua exploração, maus-tratos e outros crimes (OLIVEIRA; SOUSA, 2019).

⁷ Coronavírus – Vírus causador de infecções respiratórias, recentemente descoberto, que fez milhares de vítimas na última pandemia sanitária global.

⁸ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Sendo assim, a investigação sobre as necessidades do animal deve prevalecer sobre o sentimento pelo mesmo, pois é importante que o tutor seja precavido ante os possíveis motivadores da perturbação física e mental. Dentre as características básicas que devem ser sabidas pelo dono de um animal de estimação estão o tipo de dieta alimentícia, o nível de atividade e exercícios precisos e os custos de cuidados e tratamentos em serviços veterinários de rede privada em eventuais necessidades – como banho e tosa, acessórios, medicamentos e etc. Também é muito válido entender dos comportamentos normais da espécie e de métodos de adestramento passivo para permitir ao animal uma melhor interação e convívio social nos ambientes (ALVES *et al*, 2013). Nessa preparação, o indivíduo humano consegue avaliar se suas reais condições serão suficientemente satisfatórias, a fim de garantir uma maior segurança, para si, sobre o ato de adquirir um *pet* de maneira consciente, e para o animal, no sentido de reconhecer que os recursos existentes proporcionarão seu bem-estar, sem riscos de desistência.

Por outro lado, há o cenário dos animais que já vivem nas ruas, alvos da violência urbana, da fome e sede, da contração de doenças e do alto risco de acidentes (PINTO *et al*, 2024). Dos fatores consequentes, a saúde pública é, depois dos próprios animais, a mais impactada, pelo aumento do risco de disseminações infectológicas, casos com vítimas fisicamente lesionadas – animais e humanos – e pelo prejuízo ao saneamento dos espaços públicos devido os excretos, resíduos espalhados e até corpos finados. O alto número de animais vadios também exponencia o nascimento de outros sob mesma situação, elevando os problemas sociourbanos e a demanda por resolvê-los (SERRANO; ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, é preciso que as políticas públicas de proteção e cuidado animal sejam eficazes no tratamento aos desabrigados e na conscientização e motivação popular ante a problemática. Para tanto, além do dever público de salvaguardar o meio ambiente e seus habitantes – no caso do Brasil, perante a Constituição de 1988, Art. 225, parágrafo 1 – através da legislação e campanhas pró-animais, é necessário que se invista em equipamentos veterinários públicos qualificados para assegurar os cidadãos de ter um *pet* em casa.

Alongando tal raciocínio, o autor Ataíde Júnior defende que o “Direito Animal” deve estar inserido no “princípio da democracia participativa” da Constituição, isto é, as políticas públicas e controles de ações sobre animais não-humanos devem considerar as opiniões e decisões populares, uma vez que a o engajamento da população é uma peça chave na redução dos índices de abandono e no intuito de melhor servir aos animais (ATAÍDE JÚNIOR, 2020).

Na Paraíba, o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado relatou em 2023 que, segundo estimativas mais recentes da OMS (Organização Mundial da Saúde), haveriam cerca de 80 mil cães e gatos abandonados no estado (CRMV-PB, 2023), atentando à problemática. Com base no mesmo cálculo, que consistia em 1 animal para cada 5 habitantes, onde cerca de 10% estaria em situação de rua, só a capital, João Pessoa, poderia conter mais de 16 mil cães e gatos desamparados, um índice maior que muitos contingentes populacionais de municípios do país (CRMV-PB, 2023).

Até hoje, mesmo com investimento recente na legislação animal, bem como no efetivo de órgãos públicos da categoria, não se tem um levantamento concreto do número de animais desamparados na cidade, revelando uma deficiência quanto à abordagem da causa localmente. A falta de dados é, precisamente, um outro dado negativo que caracteriza a lentidão dos processos de interferência na questão do abandono e de urgência em debate e políticas públicas mais incisivas, para além das leis de comprometimento com os animais na Paraíba.

Assim, é necessário que haja defensores dos animais, antes mesmo dos decretos normativos, uma vez que a comunidade é a ferramenta de transição essencial entre o direito e o animal resguardado. No caso de João Pessoa, faltam locais acessíveis que possibilite à crescente população os recursos necessários para o bem-estar dos animais, o que desmotiva as ações de adoção ao condicionar o uso da rede privada de serviços de altos custos. Sendo assim, é importante abordar sobre o conceito de bem-estar e entender como o espaço pode influenciar benéficamente na criação de animais.

2.2 Bem-estar: direito animal, dever humano

Mesmo com os avanços científicos, ainda não é possível conversar diretamente com os animais, embora alguns possam ter uma capacidade de comunicação excêntrica. Mas os bichinhos⁹ têm comportamentos comuns que, notoriamente, indicam o que lhes agradam ou incomodam. O senso comum de reconhecer que estes seres também possuem consciência – apesar de considerados irracionais – traz necessidades éticas para a forma como os tratamos (COSTA, 2020). São capazes de sentir fome ou saciedade, frio ou calor, medo ou conforto, dor ou alívio, assim como capazes de entender, à sua maneira, a realidade que os rodeia, compreendendo o espaço atual e interpretando os fatos que se passam, tal qual o ser humano. Apesar disso, parte da população ainda é especista¹⁰ e caracteriza os animais como apenas produtos de bens ou serviços em detrimento da sociedade (COSTA, 2020).

As primeiras demonstrações de cuidados com os animais, por parte do homem, foram motivadas pelo seu aproveitamento nos âmbitos de comércios e serviços. Em matéria de “Direito Animal”, a jornalista britânica Ruth Harrison foi primordial nas discussões de “bem-estar” nos anos 60, expondo situações reais de criações de animais em fazendas do Reino Unido, através do seu livro *Animal Machines* (Máquinas Animais – 1964). Diante do publicado surge, ainda em solo britânico, a *Farm Animal Welfare Council* (FAWC – Conselho de Bem-Estar de Animais de Fazenda), em 1967, com as primeiras recomendações para a criação de animais com a inclusão da saúde animal como tópico sensível. Com o passar do tempo, o bem-estar animal deixou de ser unicamente uma preocupação econômica e se fortaleceu como dever público e político.

O documento publicado pela FAWC foi reconhecido mundialmente como “As Cinco Liberdades” (Quadro 01), tratadas como direitos básicos dos animais.

⁹ Bichinhos – Termo popular para se referir carinhosamente aos animais. Geralmente direcionado aos de pequeno porte, mas não necessariamente resumido a este nicho.
¹⁰ Especista – Derivado de *especismo* que é usado para identificar a discriminação baseada na espécie, onde uma considera-se superior à outra. É uma forma de preconceito e exploração (ANIMAL ETHICS, 2024).

Quadro 01 – As Cinco Liberdades dos Animais

Livres de fome e sede	Devem ter pronto acesso a água fresca e uma dieta alimentícia para manter plena saúde e vigor
Livres do desconforto	Devem possuir um ambiente apropriado, com inclusão de abrigo e área de descanso confortáveis
Livres de dor, ferimento ou doença	Devem ter prevenção de doenças e acidentes, bem como rápido diagnóstico e tratamentos adequados
Livres para o comportamento natural	Devem ser proporcionados de instalações que possibilitem seus instintos naturais, além de companhia dos seus semelhantes
Livres de medo e estresse	Devem ser assegurados de condições e tratamentos que evitem o sofrimento físico e mental

Fonte: FAWC, 2009. Elaborado pelo autor, 2025.

Hoje, as Cinco Liberdades são consideradas guias para obtenção e avaliação do bem-estar animal e fazem parte dos principais manuais e resoluções de cuidado e direito animal, além de servir de base para ações e pesquisas do contexto.

A ideia de bem-estar é muito associada à uma condição favorável do indivíduo em variados aspectos (saúde, segurança, condição financeira, etc). Com relação aos animais, o conceito mais bem aceito é o de que seu bem-estar está atrelado às circunstâncias do ambiente, devido a possibilidade de quantificação científica e capacidade de variabilidade (SILVA, 2023). A teoria partiu do biólogo inglês Donald Broom onde assume que “o bem-estar de um indivíduo é seu estado em relação às suas tentativas de adaptar-se ao ambiente” (BROOM, 1986, p. 524). Ou seja, se o indivíduo animal precisa se esforçar bastante para adequar-se ao espaço, pode-se considerar seu bem-estar pobre; do contrário, havendo facilidade de adaptação, independentemente da maneira que se deu, seu bem-estar é positivo. Costa (2020), complementa a ideia, dizendo que:

[o bem-estar animal] “... refere-se a uma característica do ser em um dado momento que depende de vários fatores mutáveis e, por isso, não é lógico utilizá-lo como um estado absoluto, da mesma forma que não se deve limitar o termo à porção boa da escala” (COSTA, 2020, p. 29).

O bem-estar animal, a depender das condicionantes, pode ser considerado ora adequado ou bom, ora pobre ou ruim, convergindo para um “mal-estar”. Além disso, há outros critérios para o estabelecimento do bem-estar animal, como a capacidade individual de adaptação soberano às oportunidades oferecidas pelo homem (BROOM; MOLENTO, 2004). Isto é, na prática, ninguém é capaz de proporcionar, diretamente, bem-estar positivo a um animal, mas condições para que este o alcance (WORLD ANIMAL PROTECTION, 2012). Um dos fatores que podem contribuir para tal adequação é a arquitetura e o design dos espaços atribuídos aos animais (BROOM, 1986). Para além de condicionantes para o animal, o bem-estar deve ser uma política implementada e uma ética respeitada nos espaços, especialmente nos estabelecimentos veterinários. Para tanto, é necessário investigar a senciência animal e compreender seus direitos básicos cabíveis que ultrapassem as cinco liberdades.

Hoje, semelhante ao homem, os animais possuem estatutos de defesa e leis de proteção universais e locais, bem como são representados por movimentos e manifestos sociais – a exemplo do Veganismo e do Altruísmo Eficaz. Uma das primeiras menções oficiais de direito animal é a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada pela UNESCO¹¹, em 1978 na Bélgica, a partir da mobilização de diversos ativistas¹². Além do documento surgir com o intuito de ser uma proposta para diplomacia legal internacional, passou também a servir de referência para a criação de leis e políticas públicas voltadas ao direito animal.

Já de início, o Art. 1º do documento proclama que “todos os animais nascem iguais diante da vida, e têm o mesmo direito à existência” (UNESCO, 1978, art. 1); ou seja, sem distinções, animais humanos e não-humanos possuem direitos equivalentes. Entretanto, o homem, como animal mais racional e influenciador dos ecossistemas, deve conduzir o meio ambiente e suas espécies de maneira cuidadosa, sem necessariamente controlá-los.

No cenário mundial de cuidado ao animal, em especial aos domésticos, a Holanda se destaca há um tempo como exemplo de proteção e preocupação. O país europeu foi o primeiro a zerar, em 2023, o número de cães abandonados nas ruas (G1, 2023), um reflexo da adoção de políticas educativas e conscientização social. Analisando-se superficialmente, as autoridades holandesas se utilizaram de uma metodologia simples de penalizações aplicáveis, acarretando em uma educação popular forçada, porém necessária, para amenização da problemática no país. Segundo Costa (2020), o plano de governo foi fundamentado em 4 pilares:

- 1 Leis mais rígidas para crime de maus-tratos aos animais;
 - 2 Penas e multas severas, para más condutas com animais;
 - 3 Controle da natalidade através de campanhas e programas de conscientização de cuidado animal e castração;
 - 4 Altos impostos sobre a compra de animais domésticos de raça, como um incentivo à adoção de vulneráveis.
- (COSTA, 2020, p. 22)

Um dos reforços para o pilar 3 foi a chamada “Política CNVR”¹³ (Collect, Neuter, Vaccinate and Return - Coletar, Castrar, Vacinar e Devolver), que contribuiu significativamente sobre os problemas sanitários e taxas de reprodução dos animais de rua (G1, 2023). Além disso, o acompanhamento e assistência dos animais através de número de identificação, microchips e patrulhamento especial foram medidas que incentivaram ainda mais à adoção animal (G1, 2023).

A eficácia legislativa com relação aos caninos passa, atualmente, por adaptações para que se atinja o mesmo objetivo com relação aos gatos vadios (G1, 2023). É interessante salientar que a proteção animal é uma questão abordada há mais de 100 anos no país holandês, e os números são frutos de estudos, planejamento e aplicações continuados de longa data, apontando a necessidade de outros locais agirem de forma semelhante o quanto antes.

¹¹ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, fundada em 1945.

¹² Ativista – Partidário do *ativismo*: doutrina que faz da atividade a essência da realidade; atualismo (AURÉLIO, 2010, p. 235).

¹³ Política CNVR (Collect, Neuter, Vaccinate and Return) consiste no tipo de manejo de cães e gatos vadios na Holanda, no qual os animais são coletados, tratados e devolvidos de forma segura e monitorada.

No Brasil, historicamente, a primeira legislação federal de proteção animal foi o decreto N° 16.590, editado em 1924, no qual priorizava a questão do sofrimento animal em Casas de Diversões Públicas, proibindo a realização de corridas de touros, rinhas de aves e outras atividades que envolvessem o tratamento de animais não-humanos de forma indigna em estabelecimentos públicos de entretenimento (BRASIL, 1924). Já o primeiro registro normativo com punição penal no âmbito animal foi a Lei de Contravenções Penais, de 1941, na qual sobretudo o Art. 64 estabelece:

“Tratar animal com crueldade ou submetê-lo a trabalho excessivo: Pena – prisão simples, de dez dias a um mês, ou multa, de cem a quinhentos mil réis” (BRASIL, 1941, art. 64).

Apesar dos decretos, a garantia do bem-estar animal passou a ser tomada mais em conta só a partir da promulgação da Constituição Federal Brasileira, em 1988, onde define-se – no Art. 225, parágrafo 1 – a garantia do direito a um ambiente ecologicamente balanceado (BRASIL, 1988), atribuindo ao Poder Público a responsabilidade de protegê-lo. Em relação aos animais, mas não diretamente aos domésticos, a Constituição garante a salvaguarda da fauna, proibindo ações que prejudiquem sua função ecológica ou provoquem crueldade.

Ainda no viés federal, contudo, se destaca a Lei de Crimes Ambientais¹⁴, de 1998. O decreto aborda sobre sanções penais e administrativas em relação a condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, dentre outras questões (BRASIL, 1998). Em meio às demais abordagens, visa coibir a prática de maus-tratos aos animais, incluindo os selvagens e os de companhia.

Além do distanciamento considerável no tempo, as normativas brasileiras, se comparadas à exemplar legislação animal holandesa, carecem de fiscalização e penalização eficientes que fortaleçam a persuasão social no tratamento adequado aos animais. O quadro 02 aponta um exemplo dessa relação:

Quadro 02 – Comparativo de leis e punições do Direito Animal

País	Crime	Medidas
Holanda	Crueldade ou negligência à animais	Até 5 anos de prisão, com multa de até €90 000
Brasil	Maus-tratos à animais	De 3 meses à 1 ano de detenção, em casos gerais. De 2 à 5 anos de reclusão, em casos mais graves. Multas variam de acordo com a gravidade e unidade administrativa, até R\$10 000

Fonte: HOLANDA, 2024; BRASIL, 2024. Elaborado pelo autor, 2025.

Observa-se que, apesar da variabilidade, o país europeu trata todos os casos de crueldade ou negligência animal dentro de um mesmo bloco de medidas penais, chamando atenção para os valores das multas que podem ser aplicadas – podendo superar os R\$ 500 000,00 na atual cotação do euro. Nas políticas brasileiras, apesar dos maus-tratos poderem ser caracterizados como atos de reclusão, raros são os casos, uma vez que a pena é mais cabível a crimes como homicídio, tráfico, estupro e outros mais violentos (JUSBRASIL, 2020). Neste caso a medida de detenção deve ser a mais aplicada, através do crime de danos, ao qual o cumprimento da pena começa em regime aberto ou semiaberto (JUSBRASIL, 2020), além de que as multas não ultrapassam 2% da penalização financeira holandesa máxima que pode ser atribuída.

Nesse sentido, o abandono animal no Brasil se torna uma prática recorrente e, praticamente, impune, com taxas alarmantes e necessidade de intervenção. Em um país continental, as políticas públicas de ordem federal impostas são fulcrais para que as unidades federativas independentes sigam o modelo maior. Penalidades e medidas protetivas mais leves facilitam as ações de criminosos pelo acobertamento da própria política nacional, o que pode acarretar em ascensão dos índices de maus-tratos onde entram os crimes de abandono.

Um dos fatores que amenizam a situação calamitosa desses animais é a atuação de instituições privadas e agentes independentes no seu resgate e acolhimento, buscando suprimir uma larga demanda de governo de forma voluntária.

¹⁴ Lei de Crimes Ambientais – Lei N° 9605, de 12 de fevereiro de 1998, um dos principais decretos de proteção à fauna e flora brasileira que ainda está em vigor, passando por revisões periodicamente.

2.3 Humanitarismo: um poder dentro das ONG's

Os centros urbanos funcionam perante a dinâmica imposta pelos agentes dominadores. A sociedade, dividida em diferentes sistemas, fica sob a articulação de autoridades políticas que nem sempre colaboram com necessidades vigentes. Cavalcanti (2021) diz que:

“...os atores políticos possuem grande importância dentro do ciclo político, pois são capazes de modificar o ordenamento jurídico, de onde se baseiam as prerrogativas para a execução e implementação de políticas, assim, mostrando o seu impacto social perante o público [...] podendo, portanto, no estabelecimento de problemas políticos, decidir quais medidas serão tomadas para combatê-los” (CAVALCANTI, 2021, p. 21).

Entretanto, no que tange a problemática de abandono animal, as autoridades brasileiras ainda custam a interferir nas demandas sociourbanas. Segundo o mesmo autor, a sociedade é constituída por inúmeros cenários de interesse, os quais são sustentados por diferentes grupos que apoiam e defendem causas específicas (CAVALCANTI, 2021). Tais organizações ocupam o Terceiro Setor da Ordem Administrativa¹⁵ que rege o país, e se responsabilizam por complementar demandas governamentais ainda não complementadas, de maneira voluntária (CAVALCANTI, 2021). Portanto, pode-se dizer que esse tipo de iniciativa está diretamente associado ao humanitarismo e, atualmente no Brasil, a causa animal é uma das necessidades políticas que depende das chamadas ONG's.

Humanitarismo é uma palavra derivada de “humanitário” que significa “aquele que visa o bem-estar da humanidade” (AURÉLIO, 1975, p. 1111). Geralmente remete-se a prestações de auxílio, nas quais o socorrista não exige recompensa da vítima ou qualquer indivíduo. Ou seja, é um conceito ligado à movimentos de afeto, que emergiu como ações neutras assistenciais sobre catástrofes, guerras e outros acontecimentos com vítimas vulneráveis (PUREZA; NASCIMENTO, 2024). Apesar

de se referir a ações do homem para com outros humanos, o humanitarismo pode ser empregado de outras formas, como o caso das contribuições de abrigos voluntários para os animais resgatados, ofertando-lhes moradia, alimento, água, assistência de saúde, dentre outros favores.

Já o termo “ONG” (Organização Não-Governamental), em teoria, aponta para um grupo de pessoas formalmente organizado e sem ligações governamentais, que luta por um objetivo específico e expressivo, sem fins lucrativos (MENESCAL, 1996 *apud* CARESIA, 2006). No entanto, salienta-se que, neste trabalho, o termo será referido a qualquer associação que pratique ações contra o abandono de animais de pequeno porte, seja ela juridicamente estabelecida ou não.

Mesmo nas grandes ONG's, como a World Animal Protection (WAP) – maior ONG animal internacional – a dependência de campanhas, patrocínios e outros apoios, mas especialmente financeiros, para realização das ações é contínua, visto que não há remuneração. Ainda que com essas assistências, é bastante complicado para as instituições atingirem altas metas de resgates e cuidados animais. Além da dificuldade de arrecadação dos recursos necessários, a capacidade e estrutura de edificações de abrigos é delimitadora de quantos indivíduos podem ser amparados, forçando as organizações a agirem de forma pontual sobre os problemas relacionados ao abandono de cães e gatos (SILVA, 2023).

Nesse viés, as dificuldades ambientais, sanitárias e sociais encontradas no meio urbano e geradas pelo abandono animal – como a propagação de doenças infectocontagiosas, a perturbação do espaço e das espécies, a superpopulação de animais nas ruas e etc – também se expandem para o interior dos espaços de abrigos voluntários, uma vez que suas limitações podem acarretar em um descontrole do sistema local, afetando diretamente o bem-estar dos indivíduos. Neste caso, é fundamental o apoio de ordem pública às instituições privadas para que sua função possa ser continuada, retribuindo para as próprias autoridades um

¹⁵ Terceiro Setor da Ordem Administrativa refere-se ao conjunto de organizações da sociedade civil, sem fins lucrativos, que atuam em áreas de interesse público.

suporte essencial sobre a problemática, assim criando um ciclo cooperativo em favor dos cães e gatos vulneráveis. A Holanda também é exemplar nesse quesito. O país possui abrigos espalhados no seu território que, através de uma política de apoio público-privado, assiste tanto aos animais domésticos indefesos, quanto aos tutores com bichinhos que demandam algum tipo de serviço.

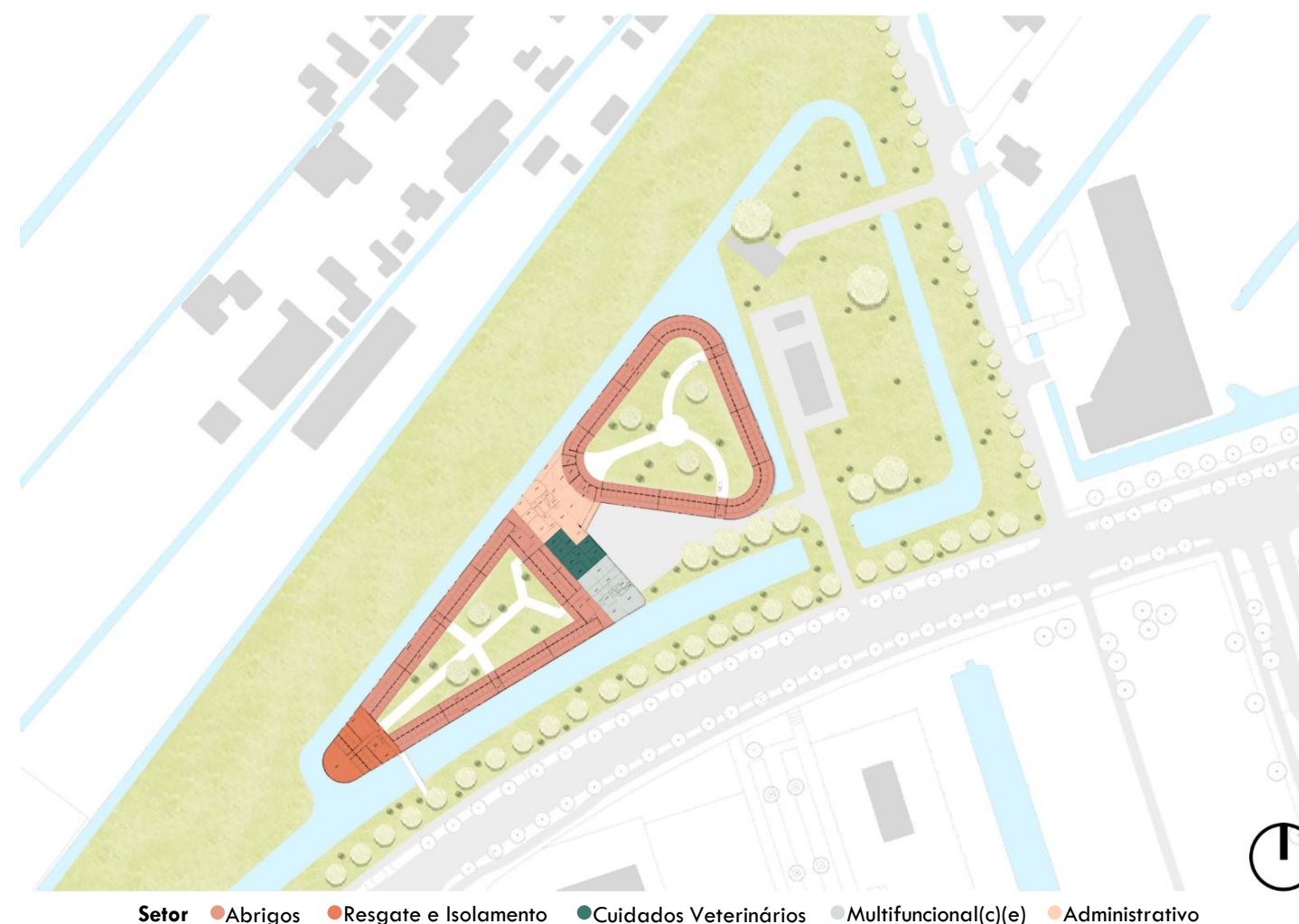
A maior referência é o DOA Dierenasiel (DOA – Abrigo de Animais). Surgiu da junção dos antigos abrigos de Amsterdã – Fundação de Ajuda Animal e Abrigo de Animais de Amsterdã – em 2007, em um novo edifício de formato ligeiramente triangular na zona periférica da cidade, e é comandado por uma das associações voluntárias mais antigas do país (DOA, 2023). O edifício é um projeto do Arons En Gelauff Arquitetos e é um dos precursores da tipologia no mundo.

O volume divide-se em dois pátios semelhantes, criando duas praças internas – observa-se em planta baixa na figura 02 – para diversão dos animais abrigados e visita da população, e que são rodeadas pelas baias de estadia, fugindo do “modelo pente” linear, que lembra penitenciárias humanas (ARONS EN GELAUFF ARQUITETOS, 2008). Além do abrigo animal propriamente, o DOA possui clínica veterinária, salas educacionais, áreas de serviços, escritórios administrativos, loja, bloco de funcionários e espaços técnicos de depósitos e equipamentos.

Desde a implantação o projeto busca a segurança e o bem-estar dos animais em especial, mas também dos usuários ao disponibilizar uma gama de serviços populares, e dos vizinhos quando o edifício consegue conter as importantes áreas de convivência animal e social sem perturbar o exterior, ao mesmo tempo que conversa com o entorno através de uma imersão natural e paisagística (ARONS EN GELAUFF ARQUITETOS, 2008).

Mais que um abrigo para desamparados, o DOA Dierenasiel é um exemplo de combate à problemática do abandono, de planejamento e respeito aos animais, pois se preocupa com os usuários ao fugir de modelos de abrigo que mais parecem “estocar” os animais, gerando um espaço autêntico e diversificado.

Figura 02 – Planta baixa do Centro para Animais DOA Dierenasiel



Fonte: ARCHDAILY, 2008. Adaptado pelo autor, 2025.

Figura 03 – Área de acesso do Centro para Animais DOA Dierenasiel



Fonte: ARCHDAILY, 2008.

2.4 Arquitetura: saúde e conforto animal

Muito disso se deu através da arquitetura¹⁶. Ela é a arte e ciência de projetar espaços habitáveis e envolve a criação de ambientes funcionais, esteticamente agradáveis e seguros, à medida que se preocupa com aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais, visando melhorar a qualidade de vida dos seres vivos. Ao se tratar de animais domésticos, a arquitetura se faz uma ferramenta essencial de aplicação para obtenção do bem-estar dos indivíduos em locais não habituais, sejam estes lares familiares ou abrigos de ONG's. Em políticas públicas de ampliação dos direitos animais e cuidado com o ecossistema urbano, a arquitetura pode entrar como investimento na construção de novos *pet places*¹⁷ planejados ou na reformulação dos estabelecimentos veterinários existentes, ressignificando os lugares e buscando o seu uso ideal, como o exemplo holandês.

Dos grandes centros aos pequenos lares, um projeto de arquitetura traz à tona os desejos e necessidades fisiológicas e psicológicas dos prováveis usuários, após sua investigação e análise completas. Ao profissional, cada detalhe é válido para a execução de um produto final competente. No caso de cães e gatos, uma série de requisitos devem ser minuciosamente preenchidos – ainda mais em casos de animais resgatados das ruas – pois são seres domésticos com instintos ligados à uma cadeia de animais selvagens, e o espaço se torna uma peça-chave para a expressão do seu melhor comportamento.

Para um ser vivo estar saudável é interessante que seus traços físicos e psíquicos estejam equilibrados e ativos para um bom funcionamento do conjunto, gerando a sensação de bem-estar, que Calderón (2009 apud WAP, 2012, p. 3) define como “a condição fisiológica e psicológica na qual o animal de companhia é capaz de adaptar-se comodamente ao entorno, podendo satisfazer suas necessidades básicas e desenvolver suas capacidades conforme sua natureza biológica”.

¹⁶ A palavra "arquitetura" tem origem grega, vinda de "*arkhitékton*", que é formada pela junção de "*arkhé*" (principal, chefe) e "*tekton*" (construtor, artesão).

¹⁷ *Pet place* – termo é inglês usado para designar espaços apropriados para usufruto dos animais domésticos.

É da natureza animal, inclusive do homem, a necessidade de variados espaços para diferentes exercícios – brincar, comer, relaxar e etc. A elaboração de um ambiente favorável à saúde, adequado à espécie e à duração da permanência prevista para os animais no local é requisito indispensável na construção de um centro humanitário (SILVA, 2023). A falta de espaço e estímulos pode causar aos cães e gatos problemas de comportamento. De acordo com a WAP (2012), os animais possuem 5 tipos de necessidades básicas (Quadro 03) que refletem nas “Cinco Liberdades” mencionadas anteriormente no trabalho:

Quadro 03 – As necessidades básicas dos animais

Fisiológicas e sensoriais	Água fresca; Dieta balanceada; Prevenção e tratamento de doenças e lesões; Exercícios; Brincadeiras; Estímulos sensoriais
Físicas e ambientais	Espaços suficientes e apropriados para as variadas atividades; Proteção à condições climáticas; Higienização; Acesso à comida e bebida
Comportamentais	Área própria delimitada; Contato com elementos naturais; Convivência com indivíduos da espécie; Estímulos dos instintos naturais
Sociais	Atividades e companhias de outros indivíduos; Oportunidades de interações; Organização social
Psicológica e cognitivas	Estimulações ambientais; Passatempos; Ativação dos instintos; Conforto e aconchego

Fonte: WAP, 2012. Elaborado pelo autor, 2025.

Na garantia dessas diretrizes, cães e gatos podem expressar um comportamento mais natural e sentirem-se confortáveis no ambiente, auxiliando no equilíbrio do ecossistema presente. O conforto ambiental é, justamente, um campo de estudo da arquitetura que apoia a convivência e a permanência dos usuários nos espaços, enquanto compreende suas especificidades e aplica estratégias de iluminação, termicidade, acústica e ergonomia para atendê-las. Aos animais, humanos e não-humanos, o conforto ambiental é ainda mais importante quando se consegue aproveitar dos recursos naturais para favorecer os indivíduos de forma mais sustentável e passiva.

Com relação maior às demandas físicas e fisiológicas, os caninos, especialmente as raças maiores, requerem espaços suficientes para liberdade de movimento, pois muitos são brincalhões, gostam de passear e precisam de áreas seguras para correr (HENZEL, 2014). No mesmo sentido, grandes portes de cachorros exigem mais espaço para descansar, se alongar e até fazer suas necessidades biológicas. Além disso, as áreas mais confinadas devem ser previstas de maneira cautelosa para comportar o cão adequadamente. Os gatos também gostam de amplo espaço para correr, pular e escalar, devido seus instintos de caça. Mas os felinos têm capacidade maior de se adaptar a ambientes menores, preferindo, por vezes, o isolamento e solidão (PET VIDA ANIMAL, 2025). A essas características de ambas as espécies, o conforto ergonômico é essencial, uma vez que trabalha a dimensão espacial dos ambientes, o posturamento adequado dos indivíduos e as atividades possíveis de serem realizadas apropriadamente.

Ainda considerando a ergonomia dos espaços veterinários, porém, atribuindo-se às necessidades psicológicas, os cães costumam ser sensíveis a comandos seguidos de recompensas, seja em brincadeiras ou hábitos de rotina. Portanto, analisar as ações que os cachorros podem exercer em troca de presentes, como brinquedos e petiscos, se faz necessário, para a composição ideal do seu espaço. Da mesma maneira, os felinos são exímios caçadores e analisam o entorno através dos seus sentidos. No seu caso, curiosidade, agilidade e esperteza são características que fazem os gatos necessitar de dispositivos como arranhadores, bolas e novelos, caixotes e até mesmo aromatizantes, para aliviar possíveis estágios de ansiedade, estresse e tédio (HENZEL, 2014).

Observa-se uma semelhança entre as espécies com relação aos instintos de caça e recreação presente nos espaços, como também à importância do contato com áreas mais naturais. Parques e campos livres são muito interessantes para os exercícios dos cachorros, enquanto que ambientes enriquecidos devem favorecer o comportamento natural dos felinos de forma mais segura. No dilema de propor espaços mais abertos ou protegidos é preciso analisar, detalhadamente, as demais esferas do conforto para um ambiente mais favorável.

O controle térmico e a iluminação são propriedades muito parelhas nos projetos, uma vez que ambas possuem os raios solares como protagonistas no tratamento de ambientes e podem tanger as necessidades comportamentais e físicas dos animais. A luz do sol é um essencial aliado para instigar a naturalidade de cães e gatos no meio. Assim como no corpo humano, os raios UV nos animais auxiliam, dentre os fatores mais importantes, na regulação da temperatura corporal e na produção de vitamina D3 – Colecalciferol (ROYAL CANIN, 2024).

Portanto, a iluminação solar, cientificamente, é benéfica para corpos e mentes. Além disso, a entrada da luz natural nos ambientes acarreta na diminuição do uso de aparelhos artificialmente luminosos. Em se tratando de grandes equipamentos urbanos, isso é um fator fundamental de gestão e manutenção, uma vez que se diminui os gastos e a demanda de reparos. Entretanto, quanto maior a entrada de luz solar nos ambientes, mais elevada será a sensação térmica interna, e em locais como o nordeste brasileiro, onde maiores temperaturas são prevalentes no ano, é necessário o controle adequado da iluminação natural.

Para tanto, indica-se o acesso à luz solar de forma indireta, isto é, a aplicação de estratégias bioclimáticas em que o rebatimento dos raios UV possibilite iluminar os espaços internos natural e apropriadamente. Dentre elas podemos citar jardins internos – também conhecidos como jardins de inverno – prateleiras de luz, uso de materiais refletores e até mesmo a orientação espacial do edifício. A primeira delas é bastante adequada para os *pets*, pois o uso de jardins tanto serve à iluminação, quanto à ventilação dos abrigos, e ainda se torna um espaço verde para passeios e necessidades, trazendo as espécies ao seu meio natural.

Quanto à sensação térmica, caninos, felinos e humanos possuem termicidade corpórea parecidas – próximo dos 37°C – assim, precisam controlar o alto calor ou o risco de hipotermia de forma similar. O homem exerce tal moderação através da produção e liberação do suor, que é sintetizado por glândulas especiais em casos de elevação térmica (SANTOS, 2015). Os animais domésticos, contudo, só possuem tais glândulas nas patas, não tendo eficácia igual.

No caso dos cães, segundo Rocha e Moraes (2017) o manejo térmico é melhor executado através do *panting*, que nada mais é que a respiração ofegante com a língua para fora. Essa postura permite aos cachorros a evaporação suave da água da boca e vias respiratórias, ao mesmo tempo que precisam se hidratar para evitar a secura desses instrumentos. Por outro lado, os gatos também não possuem essa técnica. Os felinos dependem, excessivamente, da proteção proporcionada pelo espaço que habitam e de materiais que possam amenizar a sensação de calor (ROCHA; MORAES, 2017). Por isso é muito comum observar gatos em locais frescos pela umidade, sombreamento ou ventilação. Neste caso, a materialidade de pisos e paredes das baias de acolhimento pode ser um grande aliado para o seu alívio térmico por condução.

A materialidade é um ponto essencial na arquitetura, pois é uma das principais despertadoras dos diferentes sentidos corporais e das variadas sensações. Para os animais não-humanos isso é ainda mais indispensável. Primeiramente, os instintos naturais podem ser mais atizados em ambientes com maior índice de elementos do gênero. O material das faces dos abrigos também podem ser protetivos contra o calor, o frio, os ruídos, bem como sobre o risco de acidentes, já que muitos *pets* são ativos. Sendo assim, evita-se componentes escorregadios, pontudos, ofuscantes, dentre outros que ameacem seu bem-estar.

No quesito segurança, o conforto acústico é essencial para saúde dos animais. Conectada ao bem-estar sensorial e psicológico dos seres vivos, a acústica dos ambientes pode ser um grande combatente do estresse e ansiedade, desde que tratada inteligentemente. Os bichos, especialmente os felinos, têm uma audição bem mais aguçada que o ser humano, logo, são mais prejudicados pelos ruídos urbanos. Porém, o tratamento acústico dos espaços é árduo, principalmente em locais em que aberturas permanentes são necessárias para o alívio térmico – como é o caso deste universo de estudo – pois as propriedades das ondas sonoras permitem a passagem de som nas mais estreitas brechas. Tal qual a ventilação e iluminação naturais, quanto maior forem as aberturas locais, mais elevados serão os índices de ruído – internos e externos.

Nesse viés, a propagação de ruídos se faz em um caminho de ida e volta, e a necessidade de conforto acústico animal tem os mesmos sentidos. Em outras palavras, os animais domésticos, e em maior parte os cachorros, precisam se proteger do caoticismo urbano à medida que devem ter garantia de exercer barulhos naturais – latidos e miados – de forma livre sem que cause perturbação no espaço externo ao abrigo.

Uma das soluções para tal dificuldade é o isolamento dos abrigos nas cidades. É comum que os espaços de resgate e cuidado animal estejam mais segregados das centralidades urbanas, muito em prol da calma e alívio acústico para os animais. Entretanto essa conduta também pode dificultar a logística do edifício devido o seu distanciamento dos pontos de recursos e manutenção, e no caso de polos multifuncionais – como o DOA Dierenasiel em Amsterdã apresentado anteriormente – pode gerar problemas de acesso popular ao local. Levando isso em consideração, a depender da localidade municipal e condições administrativas de um abrigo, mais pode valer o investimento em tratativas acústicas alinhadas com a materialidade e dinâmica dos espaços, incluindo a própria implantação do edifício, que o seu afastamento da pólis.

Dentro dos lares, os ruídos podem ser um dos principais causadores de abandono animal, seja pelo mal-estar do *pet* ou pela perturbação que o mesmo pode causar. Com as cidades cada vez mais verticalizadas, os espaços de moradias tornaram-se menores e morar em apartamentos é mais comum. Porém a proximidade dos condomínios favorece a propagação de som, inclusive pela tremulação dos materiais, o que compromete a escolha de ter um animal em casa. Além das condicionantes espaciais, os condomínios também possuem regras com relação à perturbação ambiente e proibir o instinto animal de latir e miar em favor da regulamentação, é, de certo modo, caso de maus-tratos

Desse modo, harmonizar o conforto ambiental dos espaços *pet* para atender suas questões é extremamente complicado, mas demasiadamente preciso, validando a preocupação em sua aplicabilidade dentro da arquitetura para animais.

Figura 04 – Fotografia do Busto de Tamandaré, marco de João Pessoa-PB



Fonte: FOLHA DE PERNAMBUCO, 2021.

3 O universo animal de João Pessoa

O município João Pessoa tem passado por um grande processo de expansão urbana, devido à ascensão demográfica provocada pela especulação imobiliária e pelas novas ofertas – fazendo a cidade receber apelidos como “bola-da-vez” e “nova joia do nordeste”¹⁸. Neste quesito, algumas ações e discussões também têm sido executadas quanto aos animais, contudo, assim como com outras demandas sociais, em ritmo que não acompanha o crescimento da urbe. O tópico aproxima o leitor da motivação por implantar um novo equipamento veterinário ao revelar as características atuais do universo de estudo quanto à problemática.

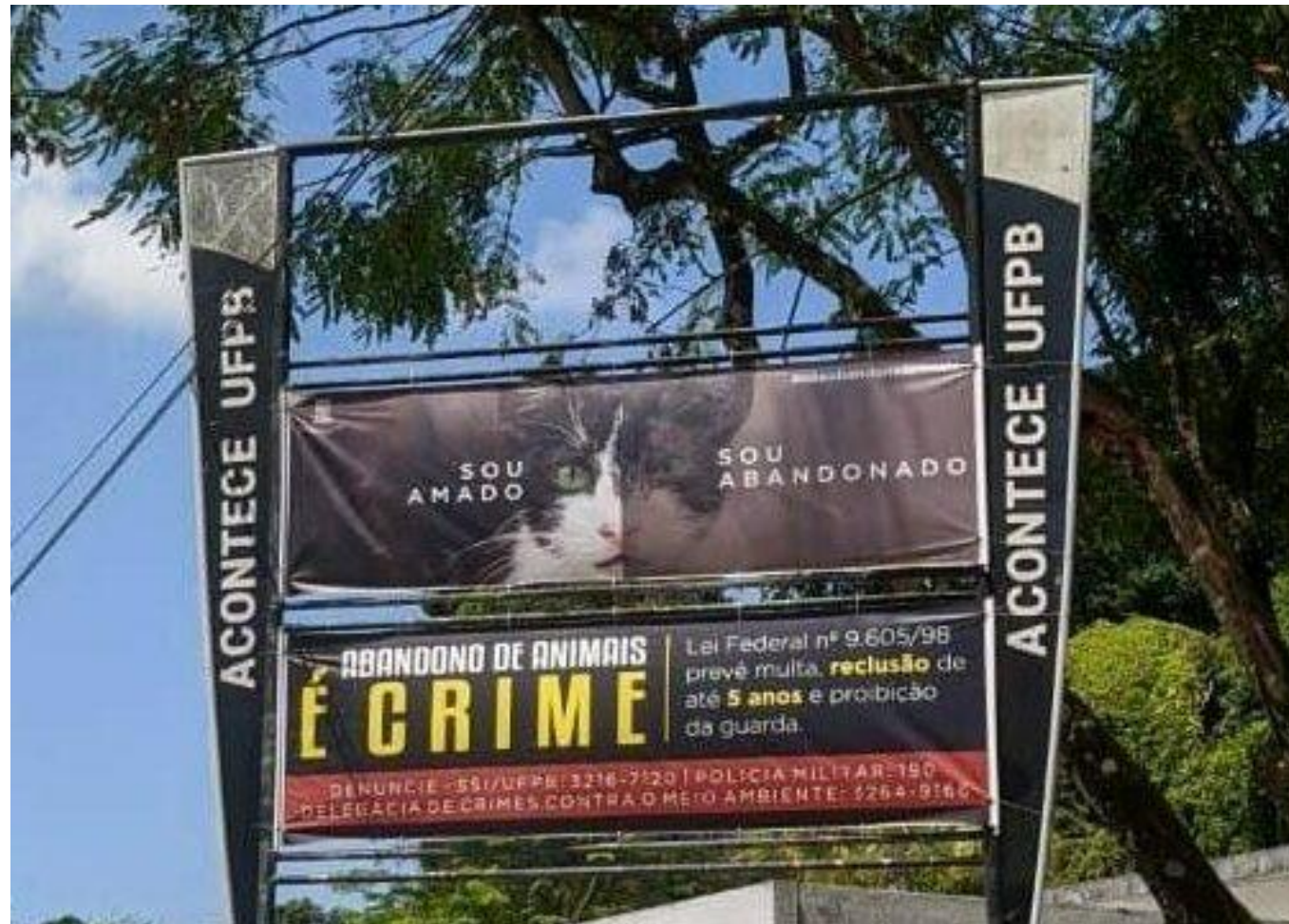
3.1 Políticas e ações governamentais para animais

O tema “animal” foi mais fortemente abordado pela legislação da capital paraibana nos últimos 5 anos, onde pouco mais de 30 leis que tratam da defesa animal, de programas, da conscientização popular e de outros similares foram decretadas (JOÃO PESSOA, 2025). As imposições são o reflexo da pressão exercida por ativistas, instituições, voluntários da causa. Em 2021, por exemplo, durante a pandemia da COVID-19¹⁹ – no qual o confinamento social levou muitas pessoas a adotarem animais de companhia – a prefeitura decretou a Lei N° 14.268, que instituiu o programa “Amor por patas”, de conscientização sobre a guarda responsável e proteção aos animais domésticos (JOÃO PESSOA, 2021). O decreto foi um pontapé para a criação de uma rede de apoio animal legislativa, crucial para os tutores e animais que residem na cidade e que se intensificou no final do mesmo ano, a partir do cadastramento municipal oficial de protetores e cuidadores de animais – pela Lei N° 14.286 – regulamentando o recebimento de benefícios dos programas públicos de castração, vacinação e atendimento emergencial a animais sob cuidados voluntários (JOÃO PESSOA, 2021).

¹⁸ Os termos referidos à João Pessoa destacam a atual visibilidade da cidade em cenário nacional, como um dos melhores locais para se viver atualmente, ascendido pelo crescimento turístico, econômico e construtivo.

¹⁹ COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

Figura 05 – Placa educativa instalada nos arredores do Campus I da UFPB



Fonte: ANIMAIS COMUNITÁRIOS UFPB, 2024.

Figura 06 – Gatos vulneráveis na Universidade Federal da Paraíba



Fonte: ANIMAIS COMUNITÁRIOS UFPB, 2024.

Nos anos subsequentes, a prefeitura intensificou as medidas voltadas para os animais domésticos em situação de vulnerabilidade. Uma delas foi a criação do Conselho e Fundo Municipal de Proteção aos Animais (FMPA), que objetiva captar recursos financeiros para programas de proteção e bem-estar animal, controle populacional, e tratamentos e medidas de prevenção sanitária veterinárias através de investimentos, financiamentos e ações (JOÃO PESSOA, 2022). Já em 2024, a adoção animal passou a ser juridicamente apoiada pela Lei N° 15.160, de 26 de abril, que instituiu o programa “Adote um animal”, em João Pessoa:

“Fica instituído o Programa Municipal “Adote um animal”, com o objetivo de incentivar pessoas físicas e/ou jurídicas a contribuírem para a melhoria da qualidade e quantidade de adoções de animais domésticos em situação de abandono ou abrigado no Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses, abrigos de organizações da sociedade civil e espaços públicos de grande concentração de animais no município” (JOÃO PESSOA, 2024, art. 1).

As políticas animais adentraram de vez à prefeitura a partir da Diretoria de Bem-Estar Animal, vinculada à Secretaria do Meio Ambiente no ano de 2023. Esta que, pouco tempo depois, passou a ser independente através da criação da Secretaria Municipal de Cuidado e Proteção Animal (SECUPA), pela Lei Ordinária N° 15.469/2025 (JOÃO PESSOA, 2025). A SECUPA é agora o principal órgão público da capital paraibana responsável pelos animais de rua, em especial domésticos, à qual compete, dentre outros fatores:

- 1 Planejar, implementar e supervisionar políticas públicas para a proteção, cuidado e bem-estar animal;
- 2 Promover ações de educação e conscientização voltadas à posse responsável e à causa animal;
- 3 Garantir o controle populacional de animais por meio de campanhas de castração e vacinação;
- 4 Fiscalizar o cumprimento de legislativo de proteção animal;
- 5 Estabelecer parcerias com ONG's, instituições acadêmicas e órgãos governamentais;
- 6 Realizar ações emergenciais para resgate e cuidado de animais em situação de vulnerabilidade.

(JOÃO PESSOA, 2025, art. 3)

Dentre as principais funções da SECUPA, a fiscalização e proteção dos animais passou a ser mais assistida com o auxílio das mídias e ferramentas digitais, como o aplicativo “João Pessoa na palma da mão”. Em matéria recente, a secretaria alega a realização de mais de 400 fiscalizações de maus-tratos só neste ano, onde a maior parte das denúncias foi exercida via aplicativo (JOÃO PESSOA, 2025). Isto mostra que os investimentos na causa animal precisam manter-se além do jurídico, como é o caso do castramóvel.

O Castramóvel (figura 06) é um equipamento movediço, montado em *trailer*, que compunha as ações voltados para o controle da natalidade de cães e gatos desde 2022 (JOÃO PESSOA, 2022). Comum de outros polos urbanos no Brasil, em João Pessoa ele apoia, principalmente, os serviços do Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses ou CVAZ (figura 07), no manejo populacional de cães e gatos, com a vantagem de ser locado em pontos mais periféricos ou de difícil tráfego, possibilitando a castração e cuidado animal em diversos lugares.

O programa, apesar das limitações estruturais, é de grande auxílio, sobretudo, para as famílias tutoras que residem em bairros mais distantes, com complicações de transporte público ou privado e às que não podem custear tratamentos de rede veterinária particular. Pode-se considerar que seu mantimento nesse seguimento é ainda mais essencial que no apoio ao CVAZ, uma vez que a própria SECUPA tem recursos e condicionantes melhores para realizar os procedimentos dentro do estabelecimento físico. É interessante salientar ainda que a expansão do programa com novos *trailers* e o aumento da continuidade destes nos locais – isto é, passar de eventualidades para um equipamento mais fixo – é de suma importância para o apoio às redes de adoção e proteção animal, tendo em vista que a disponibilidade desse tipo de assistência promove uma maior segurança à comunidade de possuir um ou mais animais sob tutoria responsável.

Além destes, a capital paraibana conta com dois estabelecimentos veterinários de serviços populares, e sua alta procura indica a relevância que as ações têm para a sociedade e a necessidade da sua progressão na malha urbana.

Figura 07 – Castramóvel instalado para ações de castração em João Pessoa-PB



Fonte: UFPB, 2024.

Figura 08 – Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses de João Pessoa



Fonte: ANIMAIS COMUNITÁRIOS UFPB, 2024.

3.2 Espaços do animal de estimação na capital

Desde 2024, o Hospital Veterinário Público (Hospital do Pet, figura 08), a Clínica Veterinária Municipal (Clínica do Pet, figura 09) e o Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses (CVAZ ou Centro de Zoonoses) são os únicos estabelecimentos de serviços veterinários públicos, ambos voltados para a saúde. A capital paraibana também passa por uma implementação de espaços para *pets* (figuras 10 e 11) em áreas livres públicas, geralmente ocupados por cães com tutores.

Apesar dos estabelecimentos ofertarem serviços de saúde, suas especialidades os diferenciam. O Hospital do Pet, entregue em julho de 2024, oferece ambientes e equipamentos complexos, que garantem o atendimento urgente para casos de saúde animal mais complicados. Dentre os serviços estão o atendimento clínico geral, cirurgias ortopédicas, de tecido e castração, salas de raio-X e ultrassonografia, consultas cardiológicas, oftálmicas e odontológicas, exames laboratoriais, dentre outros (JOÃO PESSOA, 2024). Já a Clínica do Pet, ativa desde 2023, realiza apenas alguns dos procedimentos mais leves, como as consultas gerais, cirurgias de baixa complexidade²⁰, exames laboratoriais e procedimentos ambulatoriais (JOÃO PESSOA, 2024).

O Centro de Zoonoses disponibiliza para a população apenas os serviços ligados à castração animal – já mencionados anteriormente – de forma limitada e um programa de adoção animal, permanente, mas com poucos indivíduos, uma vez que o edifício não possui a capacidade de abrigo (JOÃO PESSOA, 2024). O CVAZ também é responsável pelo controle de doenças infectocontagiosas e pragas, e pela coleta de animais doentes, lesionados ou violentos no meio urbano. Anexado ao CVAZ, a prefeitura entregou no ano passado a Unidade Municipal de Controle Populacional de Cães e Gatos (figura 12), a fim de ampliar o número de castrações diárias e o tratamento de animais indefesos em casos de necessidade por doença ou lesão (JOÃO PESSOA, 2024).

Figura 09 – Fachada principal do Hospital do Pet no Bairro dos Estados



Fonte: JOÃO PESSOA, 2025.

Figura 11 – Espaço pet da praça do Clube do Carro Antigo, bairro Manáira



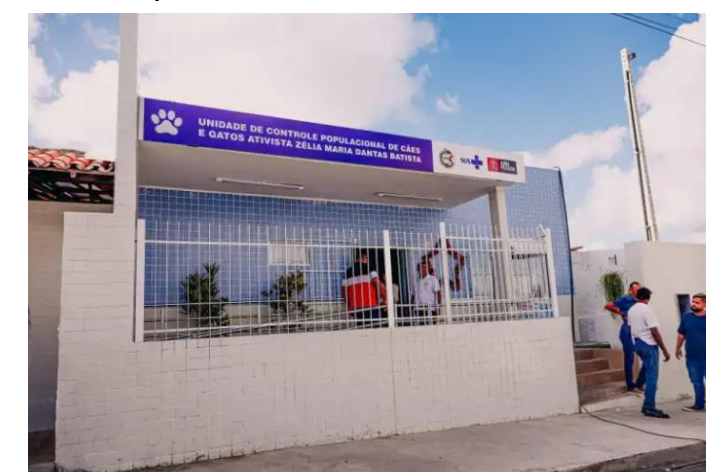
Fonte: PAUTA PB, 2024.

Figura 10 – Frente da Clínica do Pet, centro de João Pessoa-PB



Fonte: JOÃO PESSOA, 2023.

Figura 12 – Entrada da Unidade de Controle Populacional de Cães e Gatos de João Pessoa



Fonte: FONTE 83, 2024.

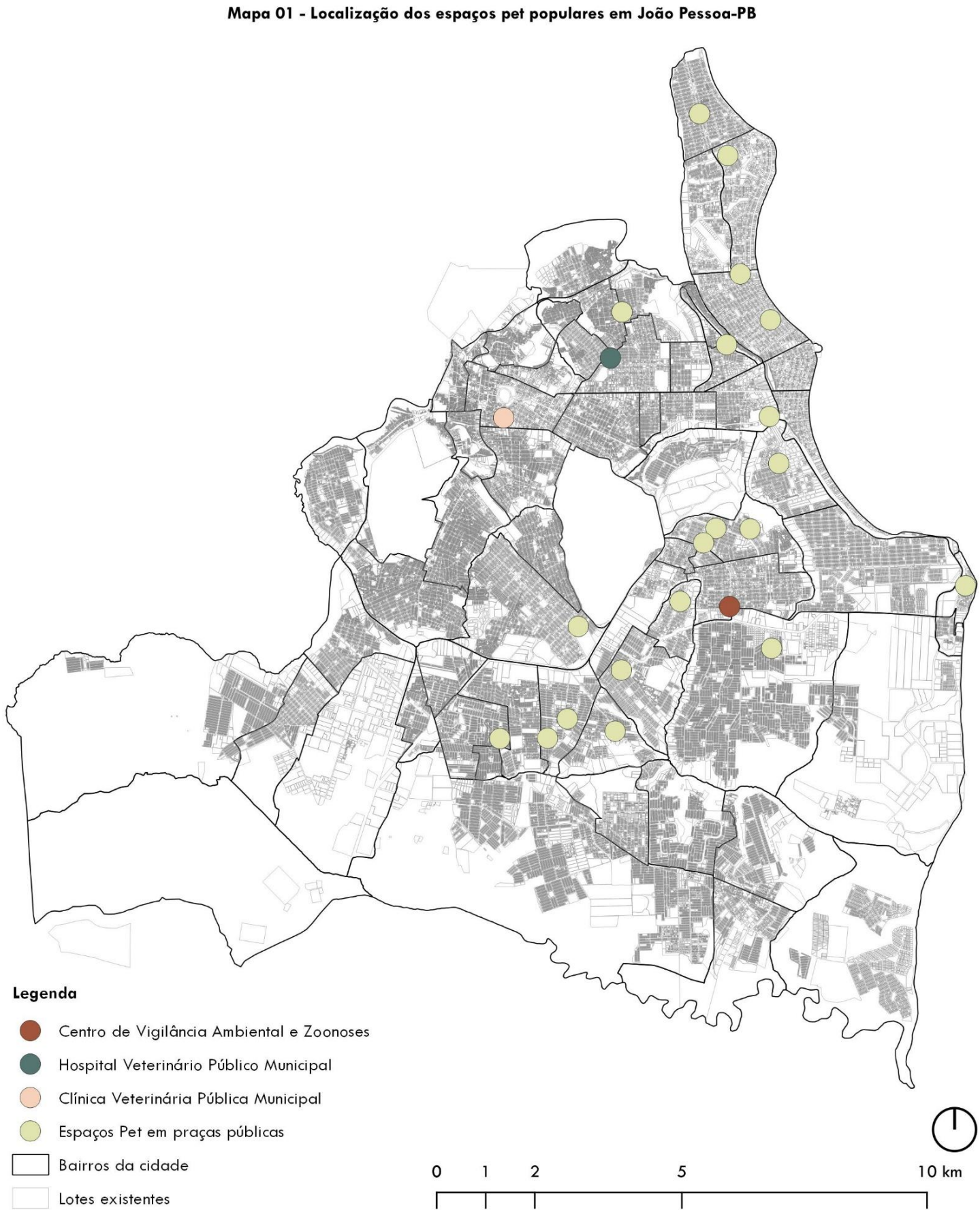
²⁰ Procedimentos cirúrgicos realizados em regime ambulatorial, geralmente para tratar condições superficiais da pele e tecidos subcutâneos. Esses procedimentos são agendados, não urgentes com curto prazo de alta.

Embora os serviços ofertados sejam importantes, falta à população pessoense ofertas mais variadas que, inclusive, funcionem como atrativo para a adoção e o cuidado animal. Os únicos equipamentos veterinários públicos fora do campo da saúde animal são os *pet places* das praças e parques abertos.

Os *pet places* ou espaços *pet* começaram a ser implantados em 2024, e o processo gradual conta, atualmente, com 20 dispositivos de playground nos espaços livres públicos, concentrados em bairros das zonas norte e sul da capital, onde há áreas do gênero mais consolidadas – como o conjunto Parque Parahyba, Bessa, e o Parque Linear das Três Ruas, no bairro dos Bancários – e que podem ser observados no Mapa 01 ao lado, com base em informações no site oficial da prefeitura. Em contraponto, os estabelecimentos públicos de serviços veterinários desfavorece boa parte da população pessoense pela sua má distribuição.

Observa-se que dois dos três equipamentos principais estão locados na parcela norte da capital paraibana, em especial o Hospital do Pet instalado no Bairro dos Estados, que se distancia das principais linhas de transporte público e vias de tráfego, o que dificulta seu acesso. O CVAZ, embora localizado na principal via do bairro Cidade Universitária (zona sul), não favorece os tutores usuários no sentido que os serviços disponíveis são ainda mais limitados, se comparados aos demais equipamentos, fazendo com que os animais domésticos dependam da rede privada de atendimento ou de serviços adequados de transporte para acessar os outros estabelecimentos de saúde animal – a depender da demanda.

Neste sentido, é fundamental que o governo de João Pessoa invista em mais equipamentos do gênero e amplie o sistema de serviços ofertados, não só para favorecer os animais domésticos com diferentes oportunidades de uso, como também para desafogar o sistema atual que contém altas demandas. Um novo edifício com diferentes tipos de atendimento para animais se mostra, portanto, pertinente, a fim de acompanhar o crescimento demográfico e a modernização do município, desde que o faça a partir uma estratégia de locação fundamental para que possa favorecer similarmente toda a população.



Fonte: JOÃO PESSOA, 2025. Elaborado pelo autor, 2025.

4 Boas práticas arquitetônicas

Pelo mundo existem projetos concluídos que espelham os ideais das novas propostas arquitetônicas. Nesse sentido, para além do apoio bibliográfico e técnico, a análise de projetos correlacionados ao tema proposto é essencial para o esclarecimento de questões e a interpretação de soluções reais.

Apesar da importância, projetos para animais que agreguem abrigos aos seus programas ainda são escassos se comparados, por exemplo, a quantidade de centros veterinários de saúde, incluindo o caso do Brasil. O trabalho, portanto, se apoiou, principalmente, em dois projetos que mais se aproximavam do programa pretendido: um complexo veterinário que inclui-se, para além de outras funções ou serviços, um programa de resgate e abrigo de animais vulneráveis; sem desconsiderar a referência holandesa DOA Dierenasiel já apresentada durante a investigação bibliográfica – tópico 2.

Dessa forma, foram escolhidos o Centro Social Veterinário de Gokdere, Turquia (figura 13) e o Centro de Reabilitação Animal de Blacktown, Austrália (figura 14) como propostas que mais se aproximavam do objetivo estabelecido, apesar das localidades que muito diferem do universo de estudo do trabalho, por razões climáticas, topográficas, demográficas, dentre outros fatores. A considerar a importância de uma referência nacional, também foi analisado o Hospital Veterinário Escola da Faculdade Unileão (figura 15), em Juazeiro do Norte, Ceará, que, apesar de se distanciar quanto a sua tipologia, aborda soluções interessantes sobre prestações ao usuário e estratégias bioclimáticas.

Dentro das análises considerou-se, especialmente, o programa, os elementos construtivos alinhados à materialidade e as estratégias de conforto ambiental. Cada projeto foi compreendido nos 5 setores relacionados a este produto: abrigo, resgate e isolamento, cuidados veterinários, administrativo e multifuncional; este último que varia entre comercial (c), institucional (i) e outros serviços (s).

Figura 13 – Vista para os abrigos do Centro Social Veterinário de Gokdere



Fonte: ARCHDAILY, 2023.

Figura 14 – Vista para a entrada principal do Centro de Reabilitação Animal de Blacktown



Fonte: ARCHDAILY, 2023.

Figura 15 – Fachada principal do Hospital Veterinário Escola da Unileão



Fonte: ARCHDAILY, 2025.

4.1 Centro Social Veterinário de Gokdere

Implantado em um terreno sinuoso de aproximadamente 110.000m², o Centro Social Veterinário do distrito de Gokdere traz um conceito de integração social. O *Pako Street*, como é conhecido, promove tratamento e reabilitação aos cães abandonados, tornando-os aptos para um novo lar e se configura como espaço público alternativo de interação livre entre os animais e a comunidade (MERT USLU ARQUITETURA, 2023).

O complexo é formado por 23 blocos de abrigos abertos, amplos e fluídos para garantir acessibilidade, conforto e segurança para animais e visitantes. A estes soma-se um centro com salas de cuidados veterinários, anfiteatro e espaço para eventos de adoção abertos, oficina, ala de treinamentos, e algumas unidades administrativas, ambos próximos do acesso principal. A permeabilidade físico-visual, a racionalização volumétrica dos edifícios e a materialidade imposta são características que fazem a convergência do projeto para uma unidade.

Dentro dessas propriedades, o desenho e a disposição espacial dos abrigos criam baías suficientemente espaçosas e naturalmente ventiladas e iluminadas, além de eixos de circulação interativos a partir da conectividade visual entre os próprios indivíduos e com a paisagem circundante. São dois principais acessos ao edifício, mas múltiplos vãos entre os blocos, entregando uma variedade de fluxos internos e externos que compõem uma extensa malha de passeios e paisagens (MERT USLU ARQUITETURA, 2023).

O concreto armado se destaca em seu tom natural como estrutura principal, recebendo tinturas e grafites em determinados pontos. Esquadrias metálicas e planos de aço e vidro permitem a interação visual. Com relação aos elementos naturais, o complexo não se detém à sua localização em meio às colinas da Turquia, mas permite, dentro das próprias baías, a presença de vegetação, terra e água – além da luz solar e vento naturais – para aproximar os animais aos seus espaços e instintos mais primitivos.

Figura 16 – Planta baixa do Centro Social Veterinário de Gokdere



Fonte: MERT USLU ARQUITETURA, 2022. Adaptado pelo autor, 2025.

Figura 17 – Vista para os blocos de serviços



Fonte: GOOOD, 2023.

Figura 18 – Corredores e baías internas



Fonte: ARCHDAILY, 2023.

4.2 Centro de Reabilitação Animal de Blacktown

Sendo o maior edifício de abrigo para animais de estimação do hemisfério sul, o Centro de Reabilitação Animal de Blacktown também é um espaço promotor da adoção e do cuidado animal. Com funções e instalações distintas, o complexo se divide em 6 blocos – apelidados de dedos – para ascender os confortos térmico, visual e auditivo dos animais em sua reabilitação e bem-estar (SAM CRAWFORD ARQUITETOS, 2023).

A conexão com a natureza tem papel-chave na ampliação do bem-estar animal e da comodidade dos funcionários. Sendo assim, os planos de vidro permitem a interação paisagística com o entorno, enquanto que a angulação e separação dos blocos possibilitam uma maior abrangência de iluminação e ventilação naturais e incorporação da vegetação. A implantação auxilia, ainda, no conforto acústico dos animais, ao dispor as menores fachadas para rua e quebrar o paralelismo entre os blocos com curtas rotações, amenizando os ruídos urbanos e criando ambientes mais acolhedores (SAM CRAWFORD ARQUITETOS, 2023).

Passarelas cobertas conectam os edifícios, diversificam os fluxos de visitas e facilitam as rotas de serviços, concordando com a estrutura à mostra e geometria dos blocos e marcando a identidade visual. O prolongamento do bloco de acesso destaca a recepção. Esta que, como todo o complexo, tem uma ambientação pensada na funcionalidade dos espaços e no acolhimento dos usuários, buscando estimular a adoção. O projeto impõe diferentes canis, gatis enriquecidos de mobiliários, clínica veterinária, loja, áreas livres para exercícios dos animais, além dos apoios para funcionários e visitantes.

A materialidade do edifício considerou sua durabilidade e manutenção, seguindo a racionalidade dos blocos e contrastando com o uso de recursos e elementos modernos de sustentabilidade. Para ampliar o aconchego diante da robustez, paletas de cores vibrantes, baseadas em pássaros, marcam e alegram os espaços do complexo, compondo também seu conceito.

Figura 19 – Planta baixa do Centro de Reabilitação Animal de Blacktown



Setor ● Abrigos ● Resgate e Isolamento ● Cuidados Veterinários ● Administrativo

Fonte: SAM CRAWFORD ARQUITETOS, 2023. Adaptado pelo autor, 2025.

Figura 20 – Vista panorâmica dos fundos complexo



Fonte: ARCHDAILY, 2023.

Figura 21 – Recepção e interiores do edifício



Fonte: AUS INTERIOR DESIGN AWARDS, 2025.

4.3 Hospital Veterinário Escola da Unileão

Situado na microrregião do Cariri, no Ceará, o Hospital Veterinário Escola do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO) é uma referência nacional de arquitetura para animais. Apesar de ser voltado para a educação veterinária de ensino superior, há serviços oferecidos no edifício para atendimento social para animais de variados tipos e portes, dentro dos seus 5236m².

O projeto tem como partido a cobertura que protege todo o edifício, com curvaturas e aberturas estratégicas para prevalecer um ambiente termicamente confortável no clima semiárido de Juazeiro do Norte. A grande estrutura metálica harmoniza com os blocos brancos de serviços construídos em alvenaria, e é adentrada pela luz natural através de telhas translúcidas e pela vegetação com empraçamentos florados (LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2024).

Os blocos variam entre um e dois pavimentos, conformando com os 02 platôs do terreno. Segregados pelos corredores que ligam os setores, também permitem a passagem das correntes de ar que, junto aos jardins, auxiliam na criação de um microclima agradável. O branco é majoritariamente presente, apoiando a leveza e o alívio térmico do edifício, que ainda conta com uma fachada principal ondulada de 07 metros de altura, feita com tijolos cerâmicos maciços desencontrados típicos da região (LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2024). Além de elemento estético em estrutura e iluminação, o paredão curvado serve também de proteção solar para os setores de atendimento e sinalizam o acesso do edifício.

A zona hospitaleira conta com consultórios educativos e de atendimento, salas de cirurgias, laboratórios, espaços para exames diversos e parte técnica de apoio e serviços completa. Das áreas públicas se destacam as pequenas praças e uma lanchonete no pátio de entrada. Aos animais, assim como variam-se os tipos de atendimento por porte e necessidades, são reservados diferentes tipos de abrigos, desde pequenas baias para gatos, até estábulos de cavalos na parte mais aberta, ambos com espaços generosos e beneficiados pelas táticas bioclimáticas.

Figura 22 – Plantas baixas do Hospital Veterinário Escola da Unileão



Setor ● Abrigos ● Cuidados Veterinários ● Multifuncional(c)(i) ● Administrativo

Fonte: LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2023. Adaptado pelo autor, 2025.

Figura 23 – Área de lanchonetes no acesso principal



Fonte: ARCHDAILY, 2025.

Figura 24 – Jardins internos do edifício



Fonte: REVISTA MDC, 2024.

Quadro 04 – Síntese dos projetos correlatos

SÍNTESE			
	Centro Social Veterinário de Gokdere, Turquia	Centro de Reabilitação Animal de Blacktown, Austrália	Hospital Veterinário Escola da Unileão, Brasil
DADOS DO PROJETO	29 916m² de área construída Terreno em colina levemente acidentado Clima mediterrâneo quente Arquitetura mais moderna em alvenaria pintada e concreto armado	6 180m² de área construída Terreno em planície Clima subtropical úmido Arquitetura mais contemporânea com uso dos elementos em aço e vedações com muitos panos de vidro	5 236m² de área construída Terreno regular dividido em dois platôs principais Clima tropical semiárido Arquitetura regional voltada especialmente para o conforto térmico interior
CARACTERÍSTICAS MARCANTES	1 Dimensionamento geral 2 Política de interação social 3 Simplicidade e racionalização dos blocos	1 Formato prolongado dos blocos que compõem o edifício 2 Estrutura aparente 3 Imersão da natureza por entre os espaços	1 Conjunto de telhados com papel funcional e estético 2 Elementos compositivos das fachadas e interiores
INFLUÊNCIAS	1 Configuração construtiva dos blocos de abrigo 2 Permeabilidade física e visual do complexo 3 Elementos construtivos de fácil execução	1 Implantação pensada no conforto acústico 2 Programa e dimensionamento do edifício 3 Ambientação voltada para os animais domésticos	1 Estratégias passivas de conforto térmico 2 Setorização do programa 3 Áreas de convivência com espaços amplos e verdes

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

5 Primeiros esboços: pré-projeto

A fase de pré-projeto inicia com o programa de necessidades, alinhado ao pré-dimensionamento dos ambientes, no sentido de compreender a real complexidade do projeto através das referências técnicas e, conseqüentemente, estabelecer o melhor local possível para implantação do edifício. Definido o terreno, se faz necessário a análise das condicionantes sobre o lote, que influenciam diretamente nas tomadas de decisões sobre a proposta.

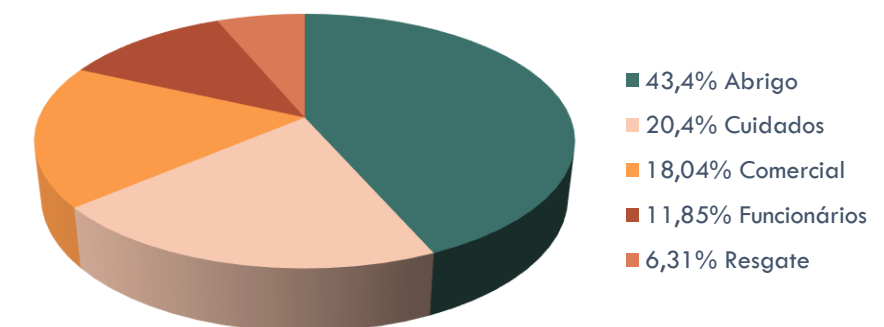
O tópico segue com as apresentações do conceito e partido arquitetônicos, trabalhados, a priori, nos exercícios de zoneamento e setorização, guiando as linhas de acessos e fluxos e a implantação do edifício no perímetro. Em seguida, aborda-se o estudo de massas, espacialização e linguagem do edifício, tangendo a proposta preliminar desenvolvida.

5.1 Programa e pré-dimensionamento

Além de se apoiar na investigação teórica, o programa foi imensamente assistido pelos manuais de recomendações e normativas vigentes, tanto no que diz respeito aos direitos animais, quanto à legislação para projetos arquitetônicos da categoria; e nos projetos correlatos de destaque no cenário mundial. O projeto foi pensado para conter 5 setores principais: abrigo (área de acolhimento para animais vulneráveis, de caráter rotativo a partir do estímulo da adoção), cuidados animais (locais com serviços de saúde veterinária disponíveis para a população), comercial (galeria de estabelecimentos privados do mercado pet), resgate e isolamento (zona de tratamento de animais resgatados da situação de abandono, para inserção no abrigo) e de funcionários (bloco de caráter administrativo e restrito). Os três primeiros possuem zonas para animais de estimação abrigados ou assistidos pelos serviços e zonas sociais para os visitantes. Já os setores de funcionários e resgate e isolamento, por outro lado, são de acesso restrito, respectivamente, aos operários do edifício e animais em recuperação.

Comumente aos 5 foram estabelecidas zonas funcionais, com microsetores e ambientes de apoio ao funcionamento e gestão do edifício – cozinhas, lavanderias e banheiros, além de banho e tosa quando necessário, cada um com depósitos respectivos (alimentício, de limpeza e higiênico, respectivamente) – separadas devido às especificidades de cada setor, buscando, essencialmente, evitar possíveis riscos sanitários aos usuários, em especial os animais abrigados. A proporção da divisão dos setores pode ser observada pelo diagrama 01:

Diagrama 01 – Proporcional de setores do edifício



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

A capacidade escolhida para o abrigo levou em consideração as estimativas divulgadas pelo CRMV-PB do quantitativo de animais domésticos abandonados em João Pessoa (2023). Neste caso, optou-se por dispor 40 baias individuais para cães e gatos, somados a 40 vagas em abrigos coletivos para ambas as espécies – 10 canis coletivos para 4 cachorros cada, e 4 gatis coletivos para 10 gatos cada; totalizando uma capacidade inicial de 160 animais acolhidos.

Significa dizer que cerca de 1% dos animais indefesos estimados pelo conselho regional teriam onde se cuidar e se abrigar momentaneamente, até que pudessem ser adotados. O total, apesar de parecer mínimo próximo às estimativas, pode se tornar expressivo se alinhado à políticas de conscientização e estimulação comunitária quanto à adoção, pondo em prática o sistema rotativo de acolhimento. No geral, o programa contabilizou a necessidade de 229 espaços ou ambientes, a serem mantidos por 88 funcionários, dentro de uma área total próxima de 3376m², que abraça espaços cobertos, áreas livres, divisórias e circulações.

Quadro 05 – Programa de necessidades e pré-dimensionamento

		LOCAÇÃO	AMBIENTE	Qtd.	Cpd.	M²	REFERÊNCIA TÉCNICA	DESCRIÇÃO
SETOR PRINCIPAL	COMERCIAL	SERVIÇOS	CAFÉ PETFRIENDLY	01	80 pes.	100	CRMV-PR, 2016	Comedoria onde são aceitos os acessos de cães e gatos de estimação
			MERCADINHO	01	02 fun.	80		Ponto comercial de artigos para animais domésticos
			ACADEMIA ANIMAL	01	02 fun.	80		Espaço de atividades e adestramento para cães e gatos com tutores
			FARMÁCIA VET	01	02 fun.	40		Ponto comercial de medicamentos para animais domésticos
			BANHO E TOSA + DPH	01	06 fun.	40		Área comercial de higienização para animais com tutores
		APOIO	COZINHA + DPA	01	02 fun.	20	WAP, 2012	Espaço para preparos alimentícios nutricionais para os animais em atendimento no café
			LAVANDERIA + DPL	01	02 fun.	20		Espaço de limpeza de utensílios têxteis utilizados pelos animais na academia
			BANHEIROS	02	04 pes.	20	NR-24, 2019	Área de higienização e alívio para visitantes e funcionários separados por gênero
		TOTAIS DO SETOR: 09 espaços/ambientes 16 funcionários 420m² + 15% div. + 30% circ. = 609m²						
	CUIDADOS VETERINÁRIOS	ATENDIMENTO	TRIAGEM	01	03 ind.	15	CFMV 1275/2019 + GOES, 2006	Sala reservada à avaliação prévia do animais para atendimentos clínicos com funcionário fixo + tutor
			CONSULTA GERAL	02	03 ind.	15		Salas reservadas para atendimento de consulta geral dos animais com funcionário fixo + tutor
			CUIDADOS BÁSICOS	01	04 ind.	15		Sala destinada à primeiros socorros, vacinação e demais cuidados básicos com funcionário fixo + auxiliador + tutor
			ESPECIALIDADES	01	04 ind.	15		Sala destinada à consultas e exames específicos de caráter rotativo com funcionário fixo + auxiliador + tutor
			RADIOLOGIA	01	03 ind.	25		Sala reservada à exames raio-X para animais resgatados ou em atendimento com funcionário fixo + auxiliador ou tutor
			FISIOTERAPIA	01	04 ind.	60		Espaço destinado à atividades e treinos de reabilitação locomotores com funcionário fixo + auxiliador + tutor
		ESTADIA	CANIL INT. CURTA	08	01 anm.	02		Baia reservada ao cão em tratamento e supervisão de curto prazo
			CANIL INT. LONGA	08	01 anm.	02		Baia reservada ao cão em tratamento e supervisão de longo prazo
			GATIL INT. CURTA	08	01 anm.	01		Baia reservada ao gato em tratamento e supervisão de curto prazo
			GATIL INT. LONGA	08	01 anm.	01		Baia reservada ao gato em tratamento e supervisão de longo prazo
		OPERACIONAL	SALA DE CIRURGIAS	01	04 fun.	25	CFMV 1275/2019 + WAP, 2012	Sala destinada aos operatórios em animais resgatados ou em atendimento reservada aos funcionários especialistas
			HIGIENE E PREPARO	01	03 fun.	10		Espaço destinado à higienização corporal e preparo de funcionários para cirurgias
		APOIO	ESTERILIZAÇÃO + DPH	01	03 fun.	10		Espaço de limpeza e armazenagem de materiais e acessórios cirúrgicos veterinários
			COZINHA + DPA	01	02 fun.	20		Espaço para preparos alimentícios nutricionais para os animais internados
			LAVANDERIA + DPL	01	02 fun.	20		Espaço de limpeza de utensílios têxteis utilizados pelos animais do bloco clínico
			DISPENSA MÉDICA	01	01 fun.	06		Área de estoque e controle de medicamentos necessários para procedimentos e operatórios
			LABORATÓRIO	01	02 fun.	15		Sala reservada para análises de animais resgatados, operados ou em atendimento
		FÚNEBRE	SALA DE NECROPSIAS	01	02 fun.	25	CFMV 1275/2019 + GOES, 2006	Espaço controlado para guarda e exame de corpos de animais falecidos no edifício com funcionário fixo + auxiliador
			CREMATÓRIO	01	01 anm.	06		Área destinada à cremação de corpos de animais falecidos no edifício
			MEMORIAL	01	-	-		Área livre para homenagem e memória de animais falecidos no edifício
		PUB/PVD	RECEPÇÃO E ESPERA	01	60 pes.	60	NEUFERT, 1998	Área ampla com assentos de espera pública por atendimento clínico ou visita interna
			PÁTIO DE VISITAS	01	30 pes.	30		Área de circulação controlada para tutores com animais internados em observação
			BANHEIROS	02	03 pes.	20	NR-24, 2019	Área de higienização e alívio para visitantes e funcionários separados por gênero
		TOTAIS DO SETOR: 53 espaços/ambientes 24 funcionários 475m² + 15% div. + 30% circ. = 689m²						

SETOR PRINCIPAL	RESGATE E ISOLAMENTO		MICROSETOR										
ACOLHIMENTO	QUARENTENA	TRIAGEM	01	03 ind.	15	WAP, 2012	Sala reservada à avaliação prévia do animal resgatado com funcionário fixo + auxiliador						
		CANIL ISO. COMUM	08	01 anm.	02		Baia isolada de estadia variável do cão resgatado em condições normais						
		CANIL ISO. MATERNO	04	01 anm.	02		Baia isolada de estadia variável do cão resgatado em condições de gestante ou já com filhotes						
CANIL ISO. ENFERMO		04	01 anm.	02	Baia isolada de estadia variável do cão resgatado em estado de doente								
CANIL ISO. FERIDO		04	01 anm.	02	Baia isolada de estadia variável do cão resgatado em estado de maus-tratos ou atropelamento								
CANIL ISO. VIOLENTO		04	01 anm.	02	Baia isolada de estadia variável do cão resgatado em situação de estresse e difícil contato								
GATIL ISO. COMUM		08	01 anm.	01	Baia isolada de estadia variável do gato resgatado em condições normais								
GATIL ISO. MATERNO		04	01 anm.	01	Baia isolada de estadia variável do gato resgatado em condições de gestante ou já com filhotes								
GATIL ISO. ENFERMO		04	01 anm.	01	Baia isolada de estadia variável do gato resgatado em estado de doente								
GATIL ISO. FERIDO		04	01 anm.	01	Baia isolada de estadia variável do gato resgatado em estado de maus-tratos ou atropelamento								
GATIL ISO. VIOLENTO		04	01 anm.	01	Baia isolada de estadia variável do gato resgatado em situação de estresse e difícil contato								
APOIO	COZINHA + DPA	01	01 anm.	20	Espaço de preparos alimentícios nutricionais para os animais resgatados								
	LAVANDERIA + DPL	01	01 anm.	20	Espaço de limpeza de utensílios têxteis utilizados pelos animais resgatados								
	BANHO E TOSA + DPH	01	02 ind.	20	Espaço de higienização de animais resgatados								
TOTAIS DO SETOR: 52 espaços/ambientes 11 funcionários 147m² + 15% div. + 30% circ. = 213m²													
FUNCIONÁRIOS	ESTADIA	CANIL COLETIVO	10	04 anm.	20	CRMV-PR, 2016	Baia de abrigo para cães em grupo						
		CANIL INDIVIDUAL	40	01 anm.	05		Baia de abrigo para cães separados						
		GATIL COLETIVO	04	10 anm.	20		Baia de abrigo para gatos em grupo						
		GATIL INDIVIDUAL	40	01 anm.	02		Baia de abrigo para gatos separados						
	LAZER	SOLÁRIO PARCÃO	01	40 anm.	120	WAP, 2012	Área livre limitada com playground para atividades e lazer de cães em grupo						
		SOLÁRIO PLAYGATO	01	40 anm.	40		Área livre limitada com mobiliários para atividades e lazer de gatos em grupo						
	APOIO	COZINHA + DPA	01	03 fun.	20		Espaço de preparos alimentícios nutricionais para os animais do abrigo						
		LAVANDERIA + DPL	01	03 fun.	20		Espaço de limpeza de utensílios têxteis utilizados pelos animais do abrigo						
		BANHO E TOSA + DPH	01	06 ind.	20		Espaço de higienização de animais abrigados						
	PUB/PVD	PÁTIO DE VISITAS	01	160 pes.	160	NEUFERT, 1998	Área livre para observar os animais do abrigo						
		ENTREVISTAS	02	03 ind.	15		Salas destinadas à entrevistas e cadastros de adoção com funcionário fixo + tutor						
		BANHEIROS	02	04 pes.	20	NR-24, 2019	Área de higienização e alívio para visitantes separados por gênero						
	TOTAIS DO SETOR: 104 espaços/ambientes 19 funcionários 1010m² + 15% div. + 30% circ. = 1465m²												
	ESTADIA	ESPAÇO ATIVO	01	20 fun.	40	NEUFERT, 1998	Espaço de entretenimento para os funcionários livres						
		SALA TRANQUILA	01	20 fun.	40		Sala de descanso e relaxamento para os funcionários em intervalo						
		CHECK-IN	01	20 fun.	20		Área de chegada para registro de entrada dos funcionários						
		SALA DE REUNIÃO	02	20 fun.	30		Espaços reservados às reuniões variadas entre funcionários						
CO-DIRETORIA		01	06 fun.	20	Salas reservadas aos administradores gerais de cada bloco								
CENTRAL DE SEGURANÇA		01	02 fun.	06	Sala reservada ao monitoramento e vigilância do edifício por profissionais qualificados								
APOIO		BWC + VESTIÁRIOS	02	08 fun.	40	NR-24, 2019	Área de higienização, alívio e troca de vestimentas dos funcionários separada por gênero						
		REFEITÓRIO + DPA	01	65 fun.	60		Espaço destinado ao preparo e ingestão de alimentos pelos funcionários						
		LAVANDERIA + DPL	01	02 fun.	20		Espaço de limpeza de utensílios têxteis utilizados pelos funcionários						
TOTAIS DO SETOR: 11 espaços/ambientes 18 fun. 276m² + 15% div. + 30% circ. = 400m²													

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

5.2 Escolha do terreno e suas condicionantes

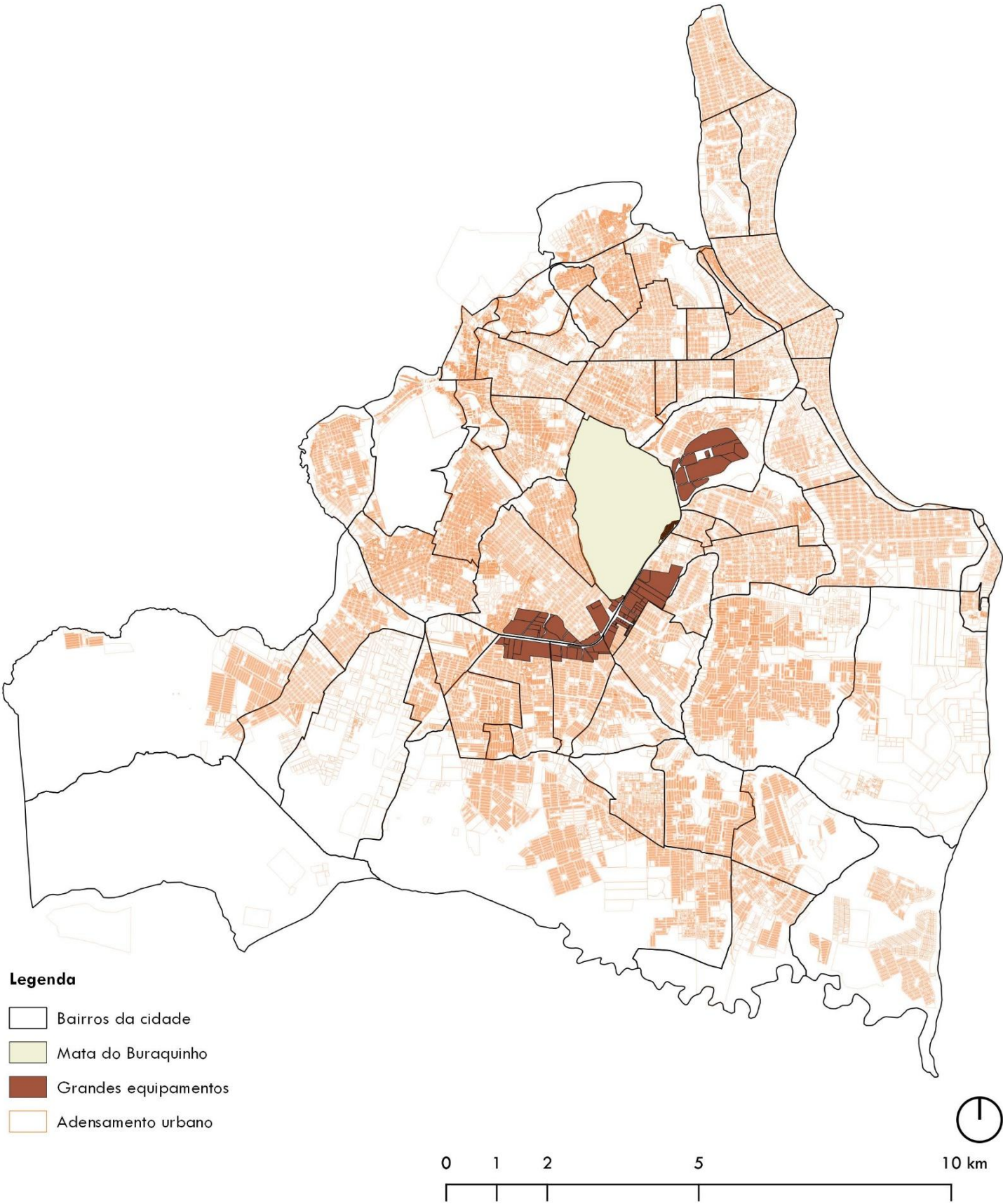
Para avaliação e escolha do terreno de projeto alguns critérios foram previamente estabelecidos, visando, principalmente, o vasto programa de necessidades e o bem-estar dos animais. De maneira ordenada, é fundamental que o terreno proposto apresentasse as seguintes características:

- 1 Estar localizado em uma área central do perímetro urbano de João Pessoa-PB, mas de forma isolada;
- 2 Ter facilidade de acesso considerando as vias circundantes;
- 3 Possuir uma área livre ampla para comportar o extenso e complexo programa, bem como validar futuras expansões;
- 4 Presenciar zonas de vegetação natural e outros elementos.

Nesse sentido, o Google Earth foi a ferramenta optada para uma busca rápida. Por meio desta, foi possível observar que a capital paraibana possui a Mata do Buraquinho como ponto de referência para o seu centro geográfico (EARTH, 2025). Pelo registrado, é possível afirmar que o “coração verde” da cidade é, superficialmente, um ponto médio entre seus bairros mais povoados ou movimentados – a exceção dos mais distantes, como o bairro Jardim Oceania, o mais ao norte – como pode ser observado no mapa 02 ao lado. No que tange o contorno leste-sul dessa zona de proteção ambiental, margeada pela rodovia BR-230, verifica-se uma série de grandes equipamentos urbanos mais internalizados ao perímetro do município, dando indícios da existência de terrenos capazes de suportar o programa da proposta, sem recorrer às bordas da cidade.

Através de uma visualização mais aproximada, indicada pelo mapa 03 a seguir, identificou-se que no lado sul do perímetro externo do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), dentro dos limites do bairro Água Fria, existem lotes exemplares na quadra 47 cabíveis de um novo grande equipamento (JOÃO PESSOA, 2024). Esses vazios urbanos fazem fronteira com a rua Diógenes Chianca, importante via conectora de tráfego entre os bairros da zona sul da capital paraibana.

Mapa 02 - Centralidade da Mata do Buraquinho no município



Fonte: JOÃO PESSOA, 2025. Elaborado pelo autor, 2025.

A quadra possui mais de 220 000m² de área disponível, chegando a englobar também os bairros de José Américo e Colibris. Nesse sentido, optou-se por adequar o projeto ao menor lote demarcado, de nº 850, uma vez que sua área de pouco mais de 15 900m² se mostra suficiente para comportar o projeto em relação ao programa de necessidades, e na estratégia de considerar os terrenos vizinhos livres como possíveis zonas de expansão. No cenário atual, os mesmos devem exercer o papel de isolamento do edifício no meio urbano, servindo de barreiras naturais ao afastá-lo das zonas residenciais mais próximas, um fator fundamental para o bem-estar dos animais abrigados e contra eventuais perturbações provocadas aos vizinhos.

Além disso, a região corresponde a alguns critérios de escolha quando é circundada de importantes vias de tráfego da cidade. Além da rodovia federal e da rua Diógenes Chianca, destaca-se a proximidade com as avenidas Hilton Souto Maior, um dos principais eixos de fluxos leste-oeste da zona sul; Empresário João Rodrigues Alves, conhecida como “principal dos Bancários”, que conecta Mangabeira à Universidade Federal da Paraíba; e Presidente Ranieri Mazilli, eixo viário que corta o bairro do Cristo, coletando o tráfego oeste-sul da urbe.

Nesse viés, apesar do terreno pretendido fazer fronteira apenas com a rua Diógenes Chianca, antes da BR-230, há pelo menos 3 vias de alto fluxo que começam/terminam no eixo tangente principal, contribuindo para que, não apenas veículos locomotores particulares chegassem ao edifício, mas também linhas do transporte público, abrindo espaço ainda para conexão entre malhas ciclovárias existentes na região sul da cidade.

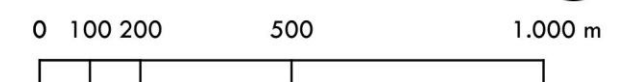
Com relação à centralidade geográfica de desejo foram traçados raios de distância de 1km a partir do ponto médio do lote alternativo, a fim de verificar sua verdadeira relação com o perímetro urbano da capital paraibana (mapa 04). De imediato, nota-se uma proximidade do local com bairros da zonas sul e oeste já citados anteriormente – como Água Fria, José Américo e Cristo Redentor – que podem ser conectados à área através das vias locais e rotas curtas

Mapa 03 - Identificação de terrenos viáveis e linhas de tráfego da região



Legenda

- | | |
|-------------------------------|----------------------------|
| Av. Emp. João Rodrigues Alves | Centro Universitário UNIPÊ |
| Av. Pres. Ranieri Mazilli | Área de terrenos vazios |
| Av. Hilton Souto Maior | Rua Diógenes Chianca |
| Rodovia BR-230 | Lote alternativo |



Fonte: JOÃO PESSOA, 2025. Elaborado pelo autor, 2025.

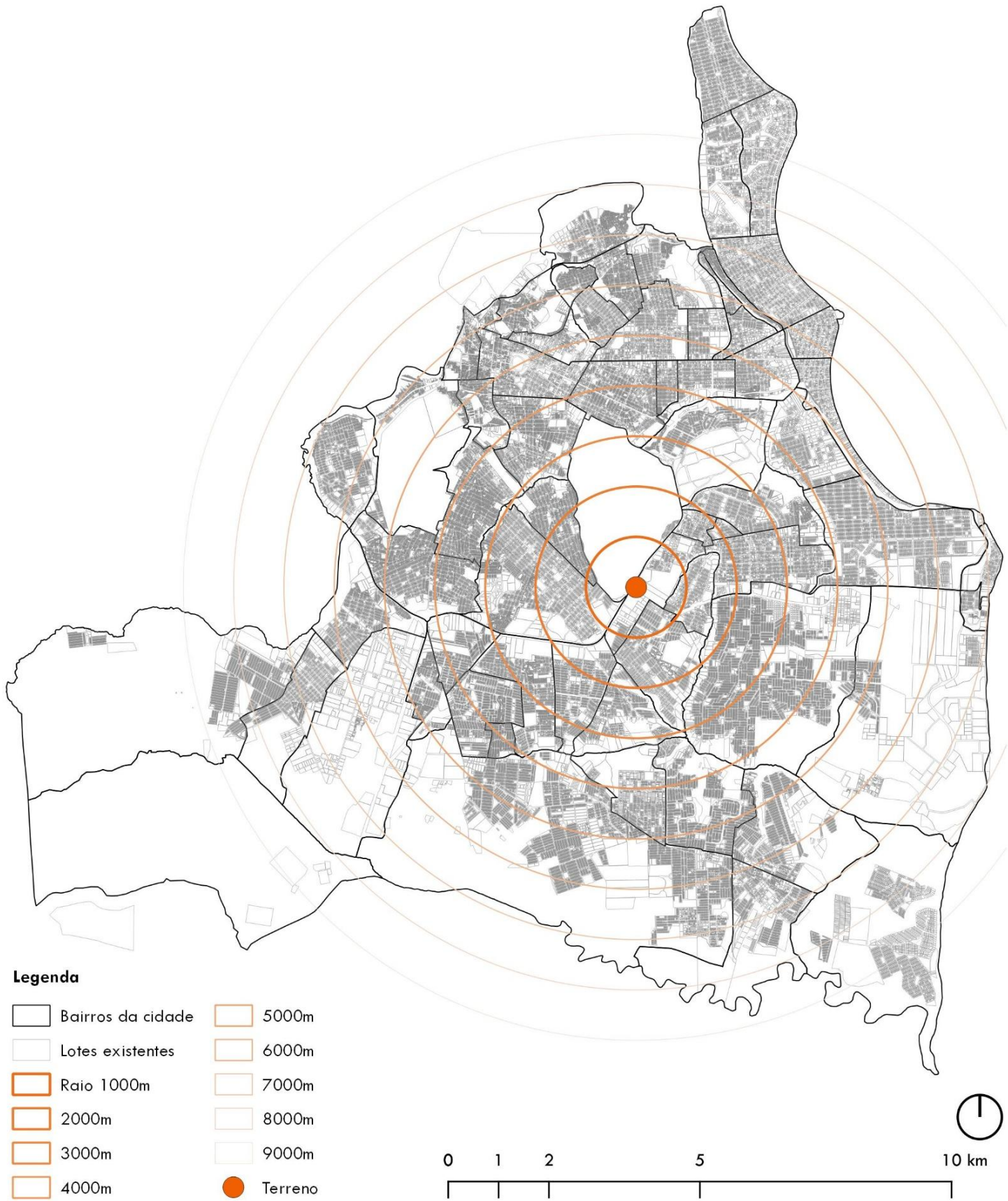
Já as áreas periféricas começam a ter relação com o terreno em questão a partir de um raio de 4000m – como o bairro de Gramame, mais a sul – tal qual a zona leste praiana que contém os bairros de moradores com maior poder de capital da cidade, como Altiplano Cabo Branco, Manaíra e Bessa. Salienta-se, portanto, esta última relação. O encurtamento de distância do edifício para as periferias e o aumento desta em relação aos bairros elitizados, se comparada à localização dos demais serviços veterinários existentes apresentada pelo mapa 01, representa o objetivo de igualar o distanciamento físico de um estabelecimento para animais domésticos entre variadas regiões da cidade, permitindo seu acesso mais democrático. Ademais, contribui-se também para a centralização de atendimento quanto ao resgate de animais vulneráveis em João Pessoa.

O terreno, dessa forma, atende às principais diretrizes de escolha, e se mostra apto a receber o projeto Patamiga. De maneira mais aproximada, é necessário fazer uma análise das condicionantes legais, naturais e de acesso do terreno, no sentido de adaptar o projeto de forma legal, sustentável e alcançável. O lote do terreno proposto faz parte da Zona de Comércio e Serviços 7 (ZCS-7) do zoneamento urbano; de acordo com o Plano Diretor vigente, pela Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS), subseção VII, Art. 24, se estabelece que:

[ZCS-7] “... incide em porções do território municipal com grandes equipamentos, localizada estrategicamente ao longo das rodovias federais e dos principais corredores de tráfego, são estabelecidas pela necessidade de articulação do espaço urbano com o sistema viário existente, proporcionando a implantação de empreendimentos de grande porte não compatíveis com o uso habitacional” (LUOS, 2024, art. 24).

Portanto, se trata de uma região marcada por grandes equipamentos de comércio ou prestação de serviços, alocados pela necessidade de se estabelecer próximo à vias principais. Tendo em vista o misto de usos atribuídos ao projeto, bem como sua escala, é possível classificá-lo como tipologia de Comércio ou Serviço Especial (CE/SE), em que as atividades comerciais ou as prestações de serviços servem para atender à população geral (LUOS, 2024). Com isso, a edificação no terreno fica delimitada pelos seguintes parâmetros apresentados:

Mapa 04 - Raios de distância e influência dentre terreno e bairros da cidade



Fonte: JOÃO PESSOA, 2025. Elaborado pelo autor, 2025.

Quadro 06 – Parâmetros de ocupação do terreno

Zona	Altura Máxima	Ocupação Máxima	Área Permeável Mínima	Recuo Mínimo (m)		
				Frontal	Lateral	Fundo
ZCS-7	-	65%	10%	8	4	4

Fonte: LUOS, 2024. Elaborado pelo autor, 2025.

Através do mapa 05, à direita, nota-se o distanciamento do terreno das zonas habitacionais 1 e 2, em decorrência de outros equipamentos tornarem-se barreiras nesta relação. É importante destacar também a aproximação de Zonas de Proteção Ambiental (ZEPAs) sobre o lote, em que, se tratando de priorizar os animais, é fundamental as interferências naturais para o equilíbrio do seu bem-estar, mesmo os animais domésticos.

Quanto ao número mínimo de vagas de estacionamento ou garagens, a LUOS se baseia na tipologia dos edifícios para delimitar seus requisitos legais, no entanto não estabelece critérios quanto aos abrigos de animais, tão pouco em casos de variedade de serviços internos – a exemplo deste projeto que ainda contempla clínica veterinária, galeria comercial e centro de resgate animal. Neste caso, o projeto se enquadra na categoria “Demais usos”, assim regulamentado:

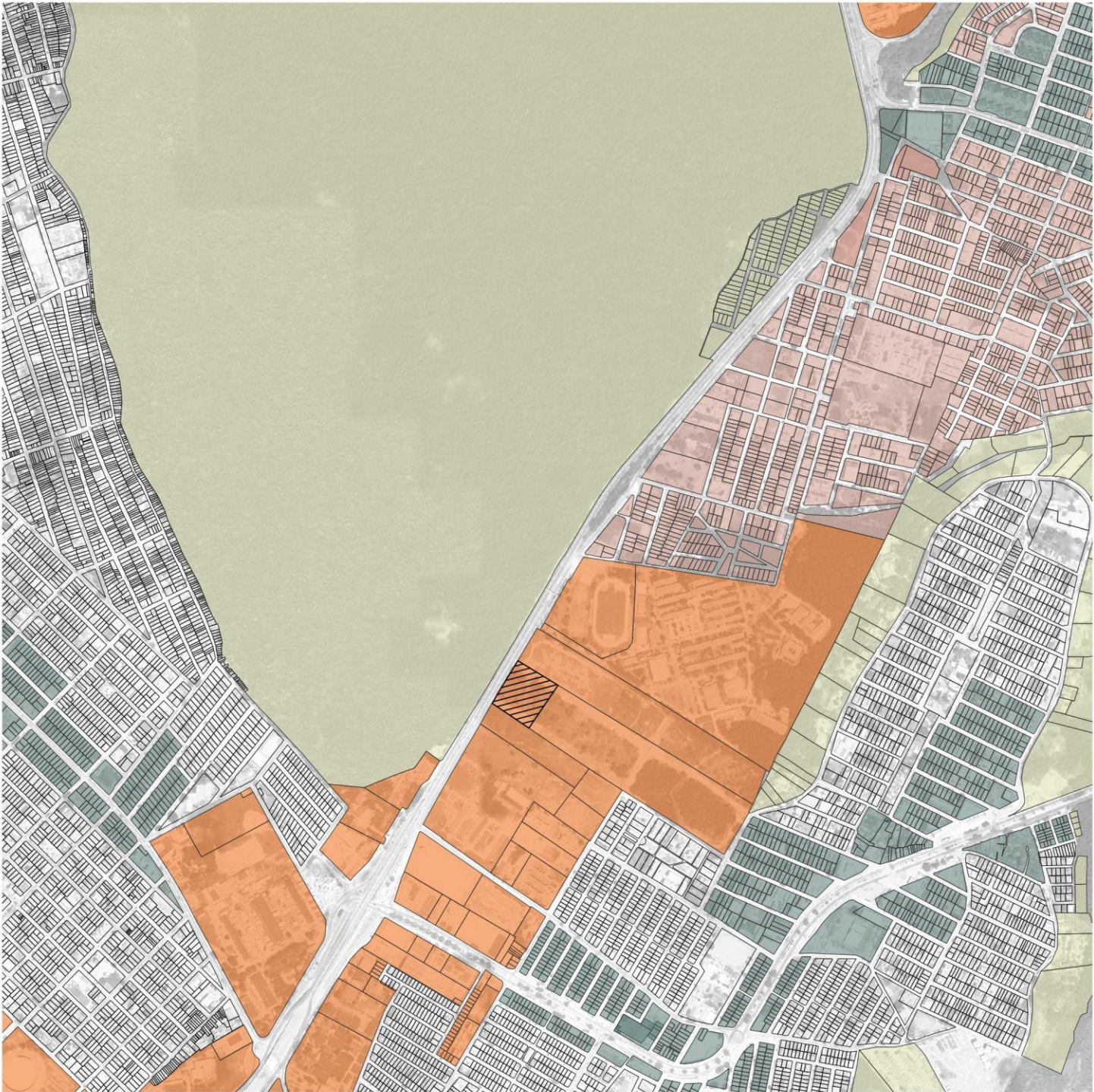
Quadro 07 – Número mínimo para vagas de estacionamento ou garagem

Uso	Área de embarque e desembarque	Área de carga e descarga	Vagas de motocicletas permutáveis	Vagas de bicicletas permutáveis	Vagas de automóveis	
					Vias locais	Demais vias
Demais usos	Facultativo	>1000m²: prever área dentro do lote	De grande impacto: prever vagas dentro do lote	Facultativo	> 300m²: prever 1 vaga a cada 50m² de área construída	> 300m²: prever 1 vaga a cada 70m² de área construída

Fonte: LUOS, 2024. Elaborado pelo autor, 2025.

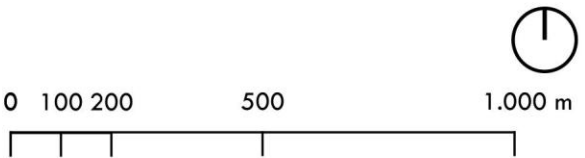
Em detrimento do programa de necessidades estimar quase 3400m² de área construída, calcula-se que o edifício necessita de pelo menos 68 vagas de estacionamento, não sendo necessariamente todas do acesso público – já que não é apontado pela LUOS – além da precisão de áreas de carga e descarga e de parada de motocicletas.

Mapa 05 - Zoneamento urbano da área de interesse



Legenda

- Zona de Proteção Ambiental
- Zona Habitacional 1
- Zona de Comércio e Serviços 4
- Zona Habitacional 2
- Zona de Comércio e Serviços 7
- Lote do terreno



Fonte: JOÃO PESSOA, 2025. Elaborado pelo autor, 2025.

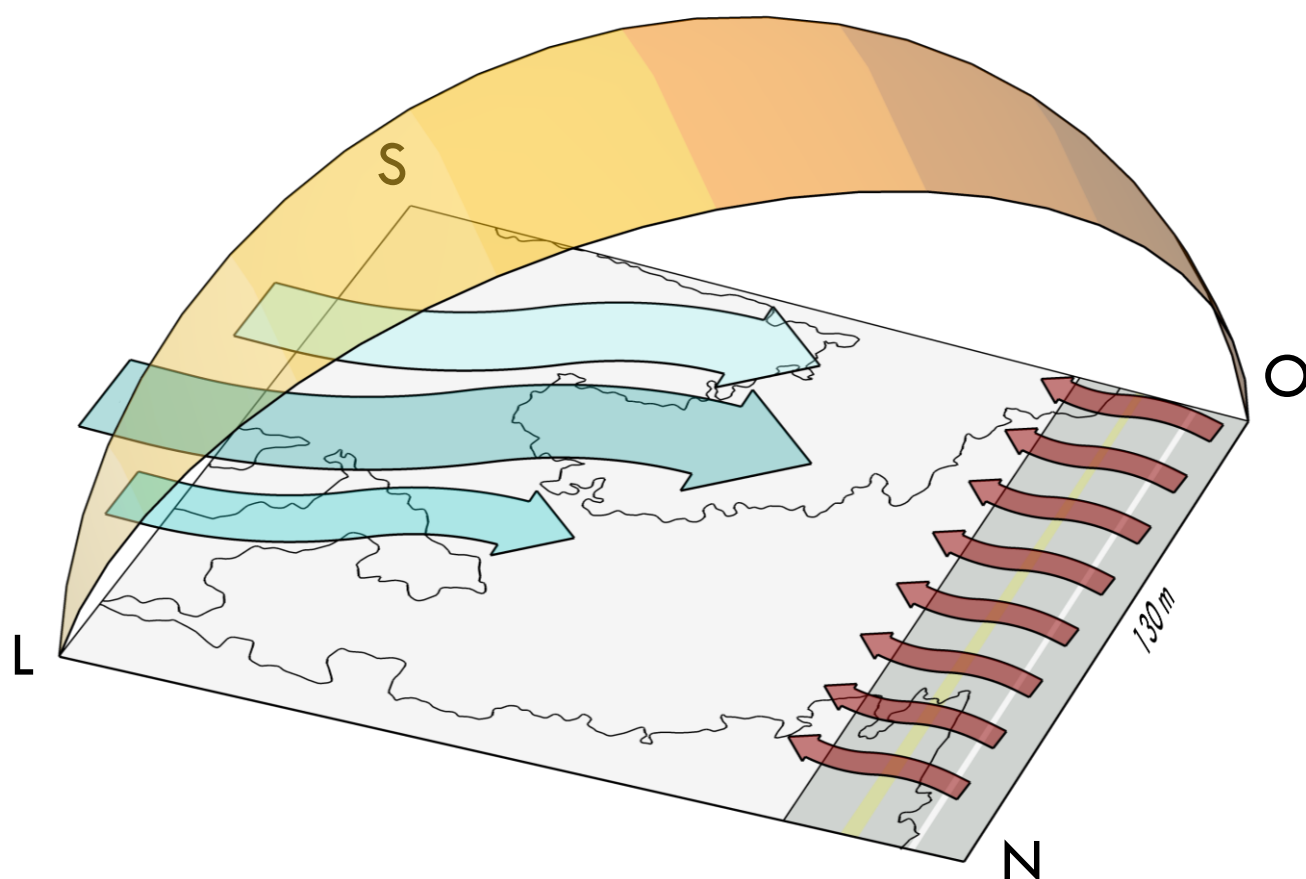
6 O projeto Patamiga

Definido o terreno quanto suas características legais e morfológicas, inicia-se a elaboração do projeto propriamente dito, partindo dos estudos de zoneamento do lote à definição dos desenhos finais.

6.1 Setorização e estudo de massas

O exercício de análise das condicionantes interfere, principalmente, sobre a implantação do programa no lote. A fachada principal do terreno é a noroeste, de 130m de extensão, que também recebe maior incidência solar por estar mais voltada para o sol poente junto ao lado sudoeste.

Diagrama 02 – Análise das condicionantes naturais

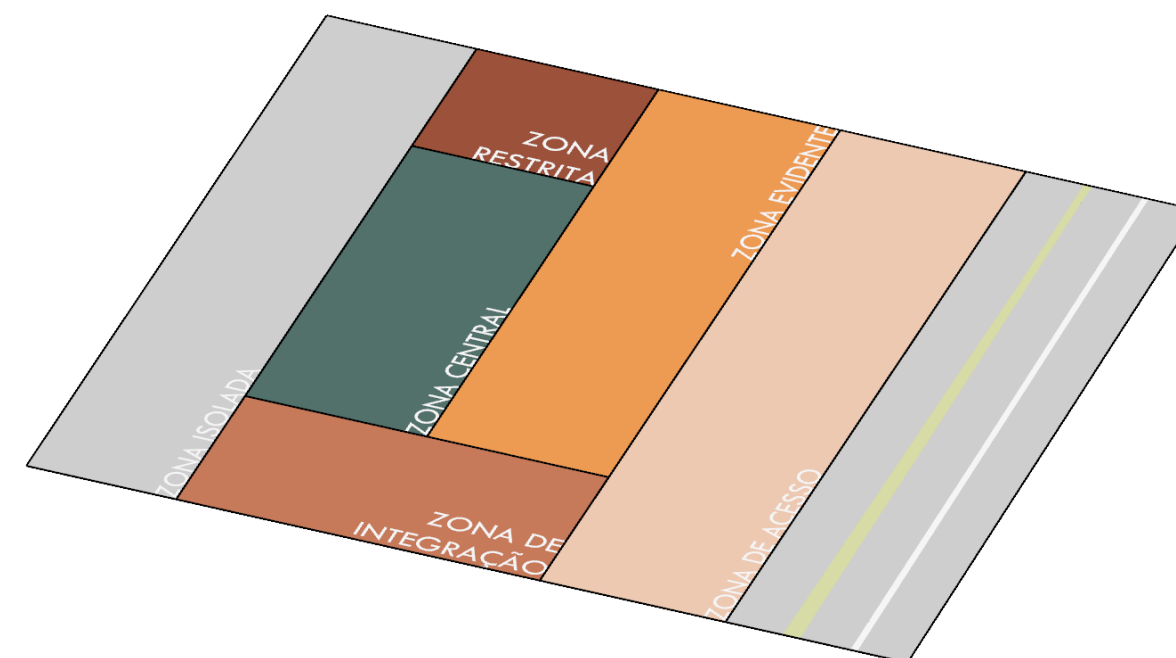


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Enquanto isso as fachadas nordeste e sudoeste – 123m e 136m, respectivamente – são mais privilegiadas pela direção e força predominante dos ventos, os quais vêm do sudoeste a maior parte do ano, com curtos períodos em que as correntes leste ou sul prevalecem. Esse fluxo de ventilação principal vai de encontro às maiores ondas de ruídos, derivadas do intenso tráfego de veículos da rodovia, criando uma zona incômoda na fachada de acesso do lote. Este que se mostra majoritariamente plano, com desnível de pouco mais de 1 metro que pode ser considerado suave em decorrência da área a ser trabalhada, permitindo a elaboração de um projeto que considere sua terraplanagem.

Nesse caso, um edifício com uma fachada principal maior e paralela à frente do terreno interessa, inicialmente, pela perpendicularidade com o eixo de ventilação natural, facilitando o alívio térmico interno, e pela ampliação da permeabilidade físico-visual do edifício em relação às vias externas, gerando zonas de acesso e visibilidade mais longitudinais. Essa frente poderia criar uma barreira natural para as partes internas, tornando o centro do edifício a área mais propícia para o setor de acolhimento, como ilustrado pelo diagrama 03 abaixo:

Diagrama 03 – Zoneamento geral do terreno



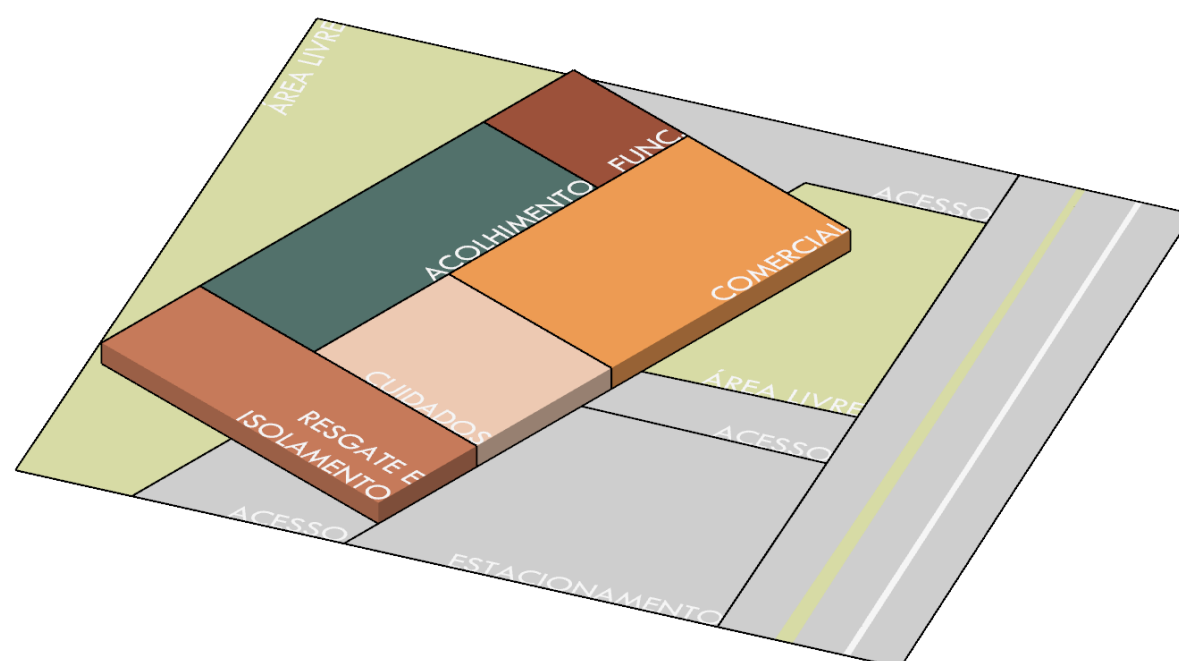
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

A configuração, no entanto, amplia as fachadas voltadas para oeste, com maior forte incidência solar, e a interferência de ruídos externos a partir do paralelismo com a rodovia. Já as áreas mais isoladas tornam-se desejáveis, em detrimento das necessidades animais.

Assim, o lote, em relação ao controle térmico, sugere o posicionamento do edifício no sentido do eixo leste-oeste dos vértices, onde as menores fachadas podem receber uma maior incidência de raios UV, facilitando o controle térmico ainda recompensado pela passagem de ventilação contínua, a partir da distribuição estratégica de vazios e aberturas.

Na tratativa geral da acústica, a distribuição descrita acima contribui para o alívio e desvio de ruídos quando o volume quebra o paralelismo com a zona de barulho, além de posicionar os ambientes mais sensíveis nos fundos do lote. Portanto, em relação ao zoneamento inicial, toma-se partido de um único bloco setorizado de forma correspondente ao programa de necessidades estabelecido, com uma abertura de 30° no sentido leste-norte para atender aos recuos referentes:

Diagrama 04 – Setorização do programa em bloco único

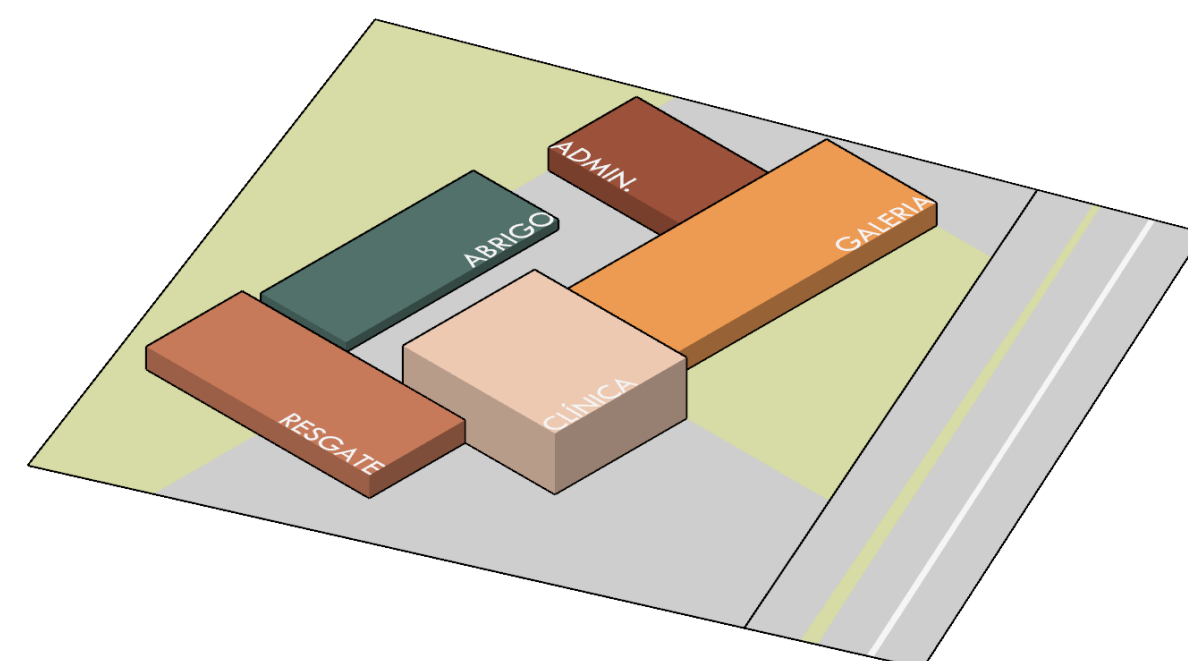


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

O estrangulamento das laterais gerados pela rotação do volume, permite a criação de duas linhas de acesso controladas que interessam às áreas restritas do programa. Uma terceira surge na região frontal mediana, permitindo uma entrada pública direta aos serviços e contínua ao seu interior. O apoia-se, portanto, com uma estacionamento e uma área verde que ameniza o impacto visual do centro, enquanto gera uma gentileza urbana na fachada principal, estabelecendo uma conexão direta entre a entrada e os serviços disponibilizados.

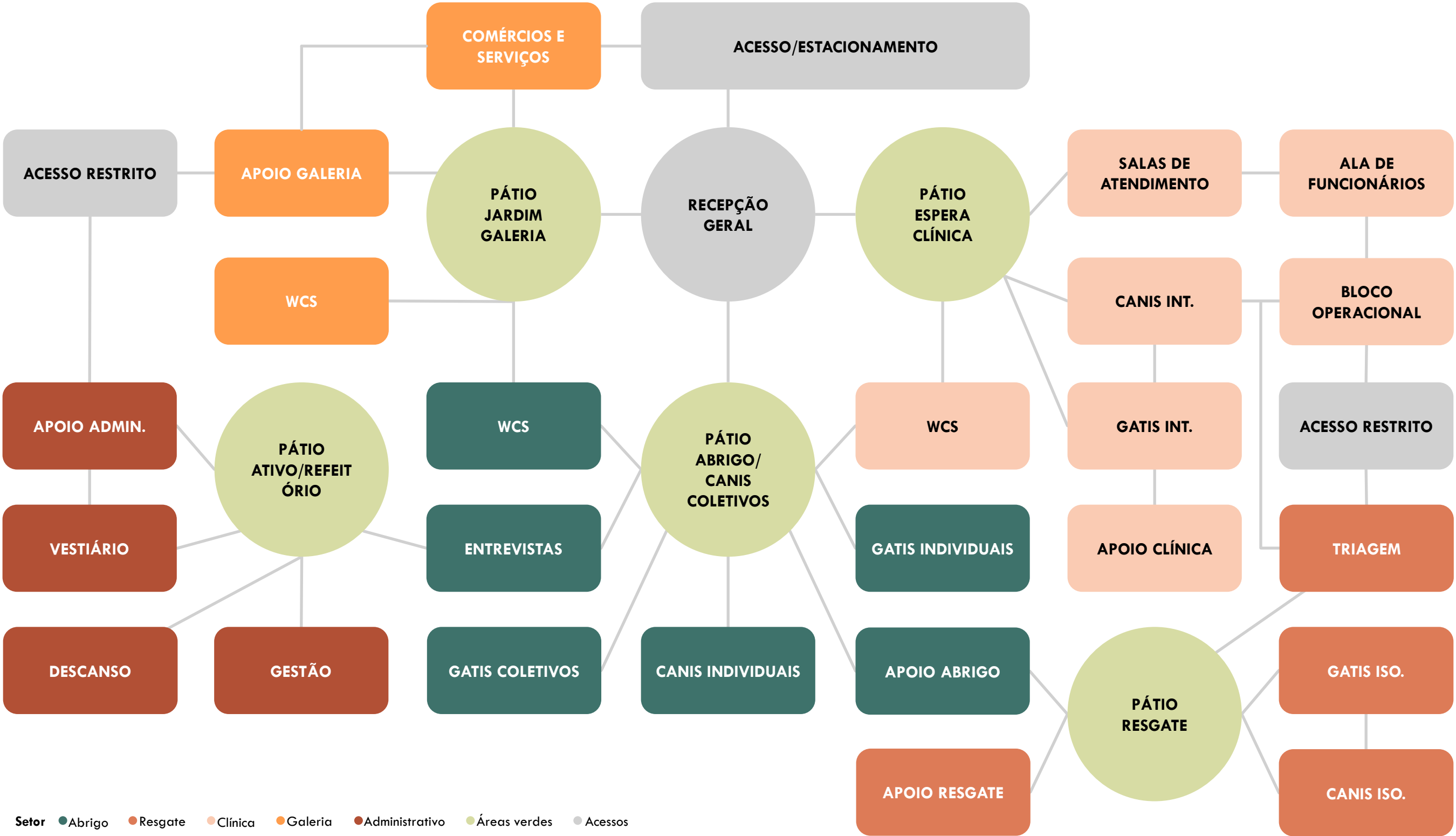
O estudo volumétrico inicia, de fato, com a segregação dos setores em blocos escalonados mediante sua importância ou precisão, gerando um efeito de rugosidade ideal para o fluxo de ventilação interna, além do aspectos estéticos quanto às massas e iluminação. Como representado no diagrama 05, a clínica se destaca, englobando a recepção geral do complexo. A galeria ao lado não acompanha sua altura, mas predomina longitudinalmente no *front* do terreno. Já o abrigo, apesar da menor altura, é marcado no interior por um pátio em “U” que o “abraça”, completando a integridade do edifício. As relações internas podem ser melhor compreendidas através do fluxograma de setores.

Diagrama 05 – Segregação do programa e estudo de massas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

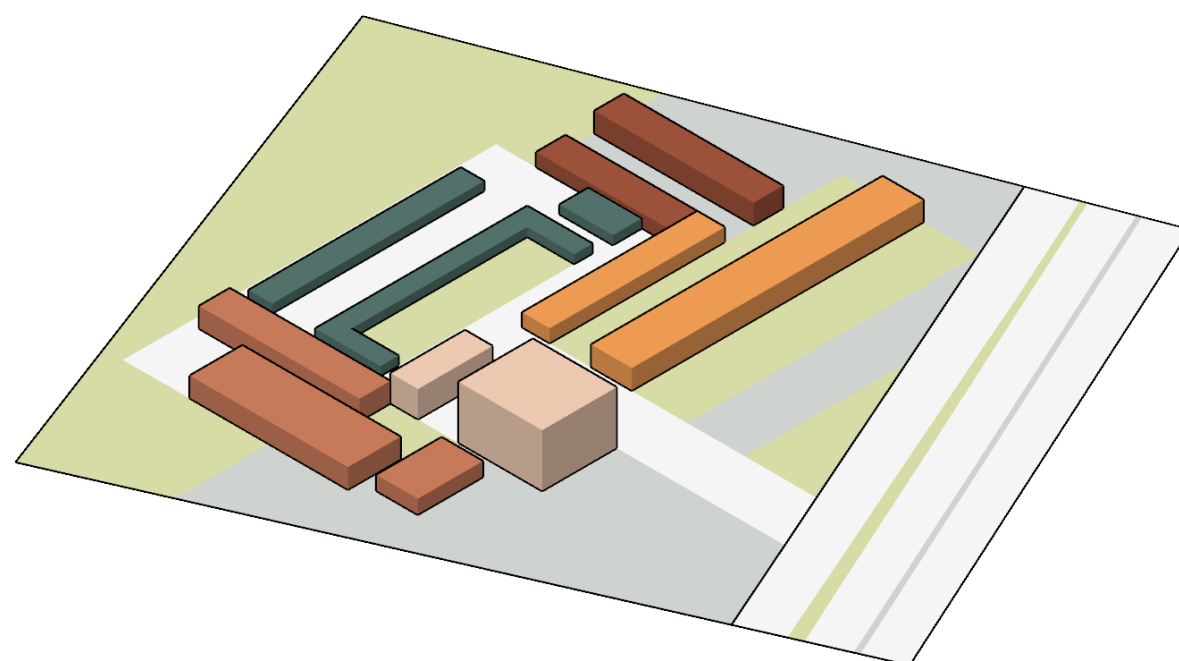
Diagrama 06 – Fluxograma de microsetores do edifício



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Consequentemente explorou-se a volumetria geral agregando o programa de necessidades através do diagrama 07. O bloco de clínica foi dividido em duas áreas principais – parte de atendimento convencional e bloco de fisioterapia – e integrado ao bloco de resgate através de um jardim interno e da ala de cirurgias, fundamental para ambos. Além do microsetor operacional, o bloco de resgate agrega duas massas de salas de internações e apoio, e um bloco menor para os funcionários da parte hospitalar do edifício, assistidos por um estacionamento privado da linha de acesso nordeste.

Diagrama 07 – Dispersão dos volumes e adoção de jardins



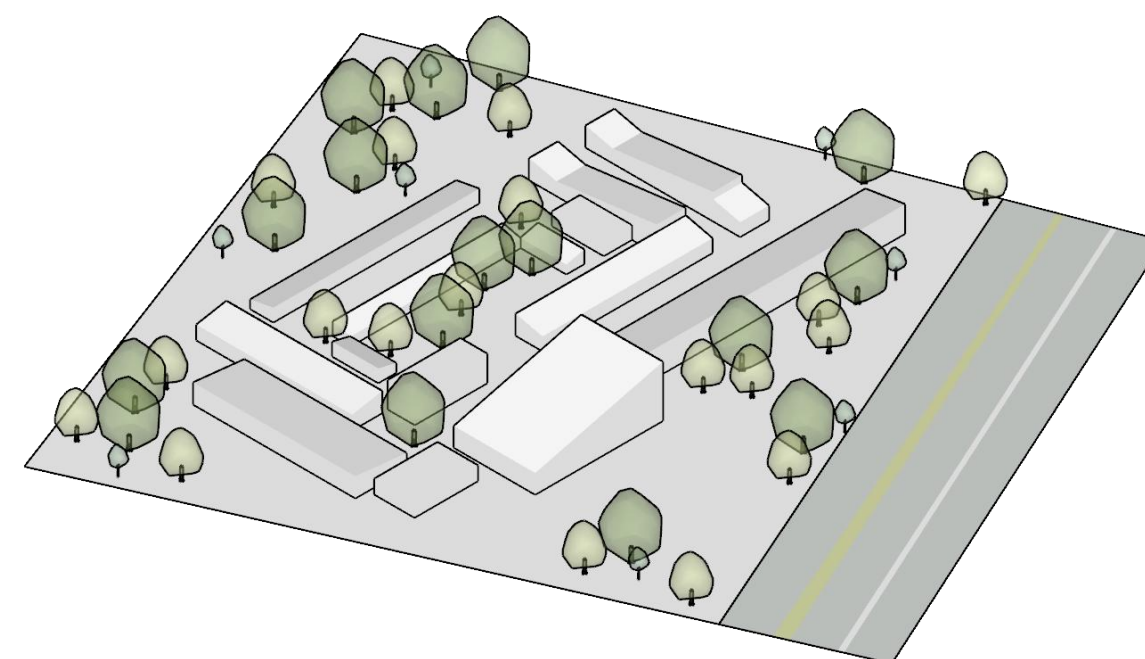
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Um longínquo jardim interno segrega a galeria em um bloco maior, voltado para a fachada principal com permeabilidade física e visual, e um bloco secundário que realiza o auxílio de suas atividades e a integração com o abrigo, estimulando sua visitação e atratividade. A massa de volume mais interna da galeria é continuada perpendicularmente pelo bloco administrativo, que também busca se conectar ao abrigo de forma direta. Neste bloco, as áreas de serviços ficam voltadas para a fachada sudoeste, onde se permite um estacionamento rotativo restrito e o fluxo de carga e descarga local.

A parte de abrigo é segregada pelos tipos de baias: os canis coletivos marcam o volume mais interno e partilham do “parcão”, um pequeno parque central para realização de recreios e exercícios; os canis individuais posicionam-se mais ao fundo, de forma linear, fechando o “U” do pátio principal, onde se aproveitam de uma extensa área verde aos fundos, também para a execução de atividades junto aos funcionários; os gatis coletivos são agregados ao bloco secundário da galeria, recebendo visibilidade em ambos os setores; e similarmente os gatis individuais integram o bloco de funcionários ao abrigo, através de uma pequena massa lateral paralela aos setores.

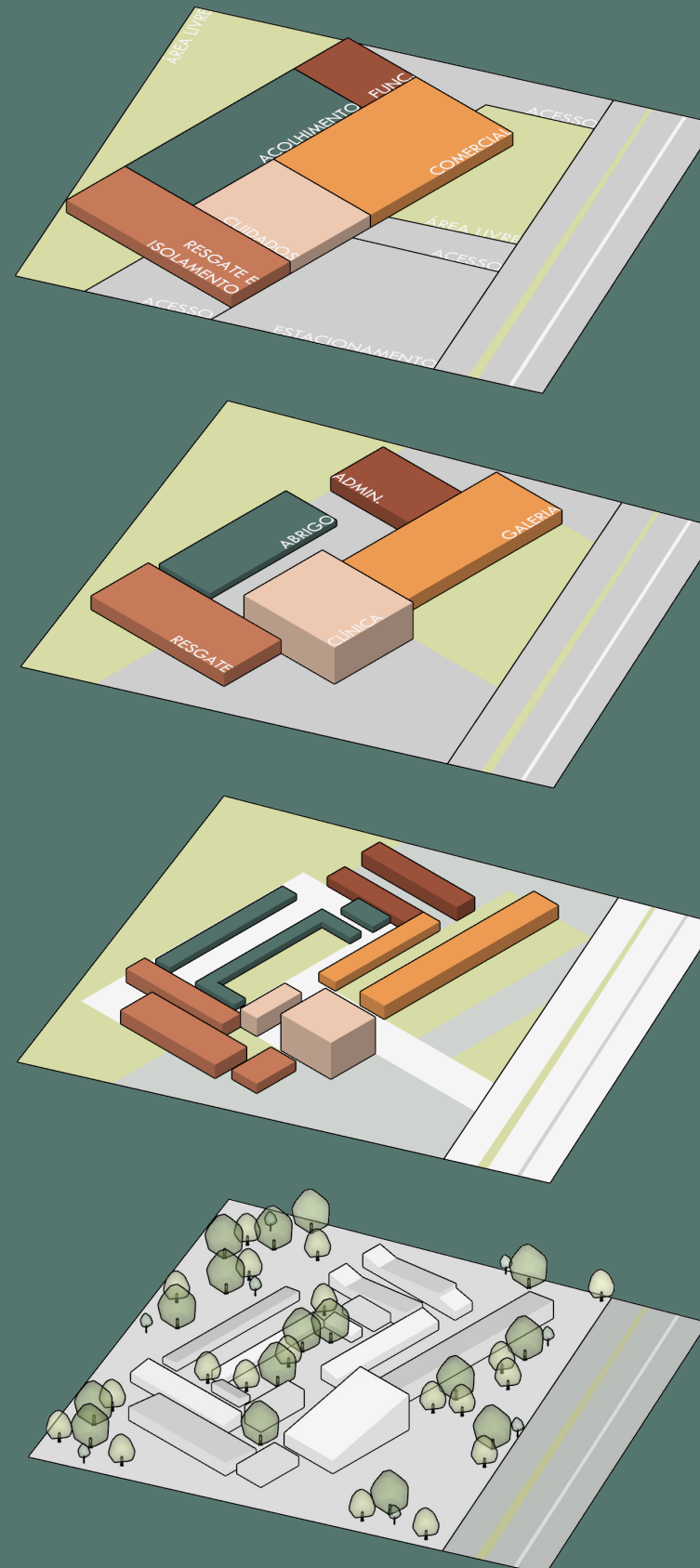
Finalizando os estudos de massas, buscou-se também trabalhar um esquema de cobertas que facilitasse o alívio térmico do complexo através de efeitos chaminés – onde o fluxo de entrada de vento dos blocos fosse mais baixo que a abertura de saída – integrando-as à vegetação interna e harmonizando os blocos, a fim de se gerar uma identidade visual do complexo. Além disso, o estudo mostra como tal dispersão promove a implantação de vegetação de maiores portes no interior do edifício, colaborando com a sensação térmica, o bem-estar animal e o paisagismo completo do projeto.

Diagrama 08 – Desenvolvimento de cobertas e vegetação



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Diagrama 09 – Síntese do processo de setorização



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 25 – Ambiente enriquecido com circuitos para gatos



Fonte: RA-DA ARCHITECTS, 2023.

Figura 26 – Cachorros brincando com bola em quintal de casa



Fonte: PETIKO, 2014.

6.2 Os elementos construtivos

Todo projeto é estabelecido de elementos construtivos, tanto intelectuais quanto físicos. O conceito projetual deste nasce do verbo “abrigar”, que significa acolher, proteger ou amparar. Esses termos são diretamente relacionados às funções de cada setor e bloco do centro, além de estarem associados com uma das ações primordiais que amenizam os impactos do abandono animal: a adoção.

A ideia participa já nos passos de implantação proposta, onde se originou um posicionamento de blocos que conduz o usuário ao interior do edifício, abraçando-o no complexo; e na mesma medida sobre a construção dos ambientes, onde a sensação de acolhimento é essencial para afastar sentimentos como tristeza e ansiedade, não raros em canis, gatis, hospitais e etc. Deve ainda surgir na materialidade e nas estratégias de conforto ambiental, que precisam transmitir a noção de segurança aos usuários, sem gerar barreiras para outras necessidades. E, por fim, na percepção do conjunto como um projeto de confiança e excelência, que apoie a causa animal.

Para os partidos arquitetônicos mirou-se nos dois usuários principais: o cão e o gato; e os lugares que, possivelmente, agradam sua personalidade e instinto. Sendo assim foram escolhidos o “quintal” e o “playground” como elementos base para a composição do projeto arquitetônico.

O primeiro se trata de um espaço presente em muitos lares, onde, inclusive, muitos cachorros habitam. O quintal é, geralmente, um lugar aberto e amplo, bem como a setorização do programa pôde proporcionar, além da presença abundante dos elementos naturais como os jardins, que passaram a ser adotados nas principais zonas sociais da proposta. Já o playground inspira o projeto a partir das diferentes funções e formas que um parquinho comporta – correr, escorregar, balançar, etc – permeáveis e conectadas, similarmente às diferentes massas elaboradas a partir dos setores, que acabam exercendo uma espécie de circuito pelo terreno abordado.

O partido também reflete sobre a materialidade diversificada da proposta. Para tal, foi adotado como principal elemento o bloco cerâmico de alvenaria estrutural, mais especificamente o de dimensões 29x19x14cm. Sua escolha se deve a:

- 1 Capacidade de preenchimento interno em prol do isolamento térmico-acústico, com lã de rocha, de vidro ou vermiculita;
- 2 Dispensar a necessidade de revestimento externo, enfatizando a regionalidade do elemento a partir da visualização natural da cerâmica e modulação;
- 3 Possibilidade de criação de um componente acústico vazado e de conjunto de blocos mais soltos, tendo em vista seu caráter autoportante que facilita a obra no geral.

Em outras palavras, apesar da capacidade construtiva que exonera o uso de um sistema estrutural convencional – uso de colunas e vigas – o bloco é mais quisto como um componente essencial no conforto ambiental e visual do edifício.

Ainda assim, optou-se pelo uso de pilares e vigas na composição da fachada principal e na sustentação das cobertas. Em aço permitem o seu descolamento das estruturas principais, atenuando a termicidade interna do centro, à medida que amplia a capacidade de vãos e alturas sem extravasar seus perfis, garantindo leveza e sofisticação ao conjunto. Nesta mesma linha, a utilização de telhas termoacústicas, como propriamente dito, interfere no condicionamento ambiental do projeto, beneficiando seus usuários. Além disso, o tipo de telhado é leve comparado a estruturas mais usuais – como telha cerâmica e lajes impermeáveis – e possui uma inclinação mínima de 5%, o que permite uma maior variabilidade de cobertas para harmonizar e conectar os setores segregados.

O concreto aparece mais nos pisos, onde o cimentício liso deve compor as áreas de maior fluxo e interiores dos ambientes, e o intertravado e *fulget*²¹ marcam externamente o conjunto com sua permeabilidade. Ambos personalizáveis, de fácil manutenção e longa durabilidade.

Diagrama 10 – Moodboard da materialidade do projeto



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

²¹ O piso fulget é um revestimento que mistura pedras naturais, agregados, cimento e resinas, garantindo uma estrutura granulada, permeável e resistente ao escorregamento.

O *moodboard* projetual conta ainda com elementos de proteção vazados – como cobogós e telas de proteção – painéis de vidro para composição das esquadrias principais e a vegetação natural em forma de jardins, que deve prevalecer em todos os setores do conjunto.

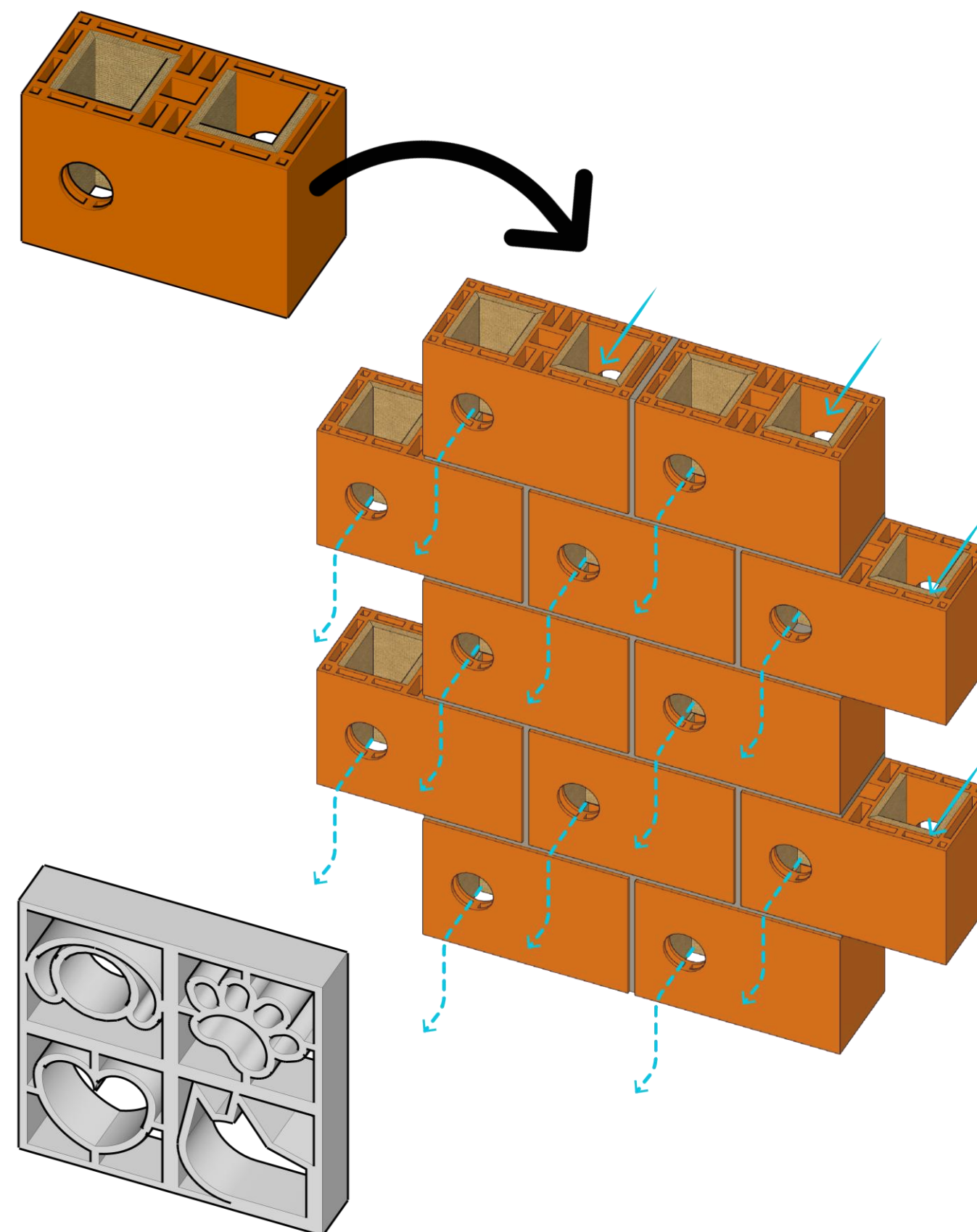
O tijolo estrutural, como dito, também foi trabalhado na criação de um bloco que permitisse a passagem de luz e ventilação natural, ainda que mínimas, enquanto ameniza as condições de ruído. Para tanto, com base no trabalho de doutorado da arquiteta e urbanista Bianca Carla de Araújo – intitulado “Proposta de elemento vazado acústico” – tomou-se partido do elemento original, adicionando dois cortes circulares de 3cm de raio cada.

Os cortes ficam centralizados em um dos dois vãos internos do bloco, de cada lado, ficando totalmente opostos, como ilustra o esquema ao lado. O corte permite a entrada das correntes de ar e raios UV, como também das ondas de ruídos. Sobre isso, as demais “paredes internas” do bloco, isto é, as faces dos vãos que não foram cortadas, podem ser revestidas com lã de rocha, absorvendo grande parte do ruído que atravessa a alvenaria, sem impactar os demais efeitos naturais.

Na composição de uma parede, os blocos são empilhados e amarrados de forma convencional. Os fluxos de vento e iluminação acontecem durante dois blocos sobrepostos, onde o furo de entrada do bloco superior, coincide com o furo de saída do tijolo abaixo, criando um sistema amenizador. É importante salientar que a ventilação e, principalmente, a iluminação natural são afetadas em relação a elementos vazados tradicionais; porém, dentro da linguagem material da proposta e da necessidade de proteger os cães e gatos abrigados dos barulhos, o produto se mostra coerente com as demais formas de conforto.

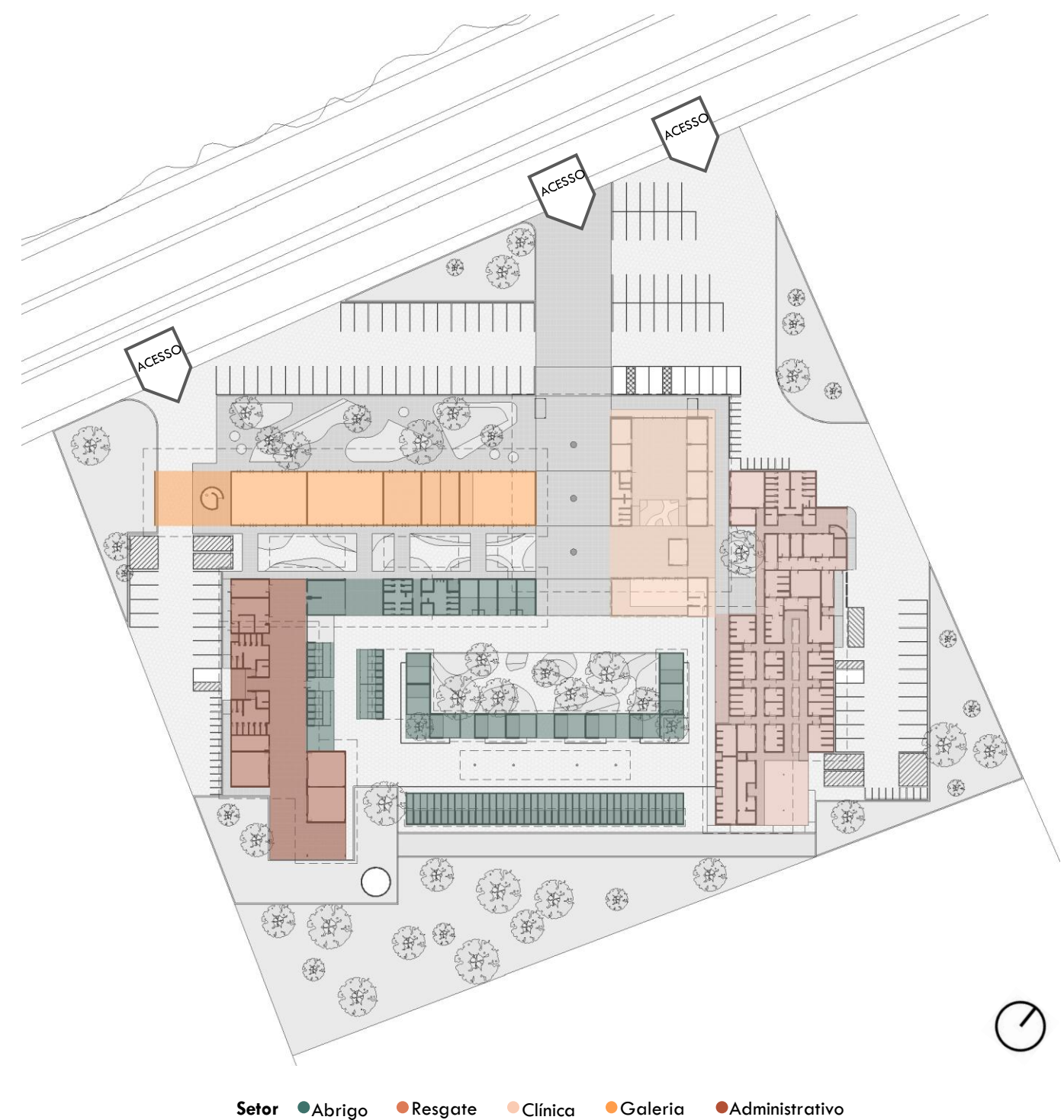
Ademais, foi pensado também um cobogó representativo de composição mosaica, utilizado em áreas onde o refreamento acústico não tivesse urgência, tornando-se um elemento estético do edifício. O mesmo desenho foi derivado em painéis de proteção solar e guarda-corpos projetados.

Diagrama 11 – Composição de elementos vazados



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 27 – Planta baixa final setorizada escala 1/1000



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

6.3 A planta baixa e os fluxos

De maneira geral, a planta baixa da proposta se ateuve ao estudo de massas, isto é, em blocos lineares, facilitando a conexão de eixos estruturais – embora o principal elemento construtivo seja autoportante – o direcionamento de fluxos e o jogo de cobertas, totalizando 3152m² de área construída.

O *front* do edifício é marcado pelos painéis de vidros angulados da galeria e da clínica, fazendo uma conexão visual entre o externo e interno. Estes blocos que possuem os ambientes organizados de maneira linear e geminada, são divididos por pátios internos ajardinados que criam maiores áreas de convivência.

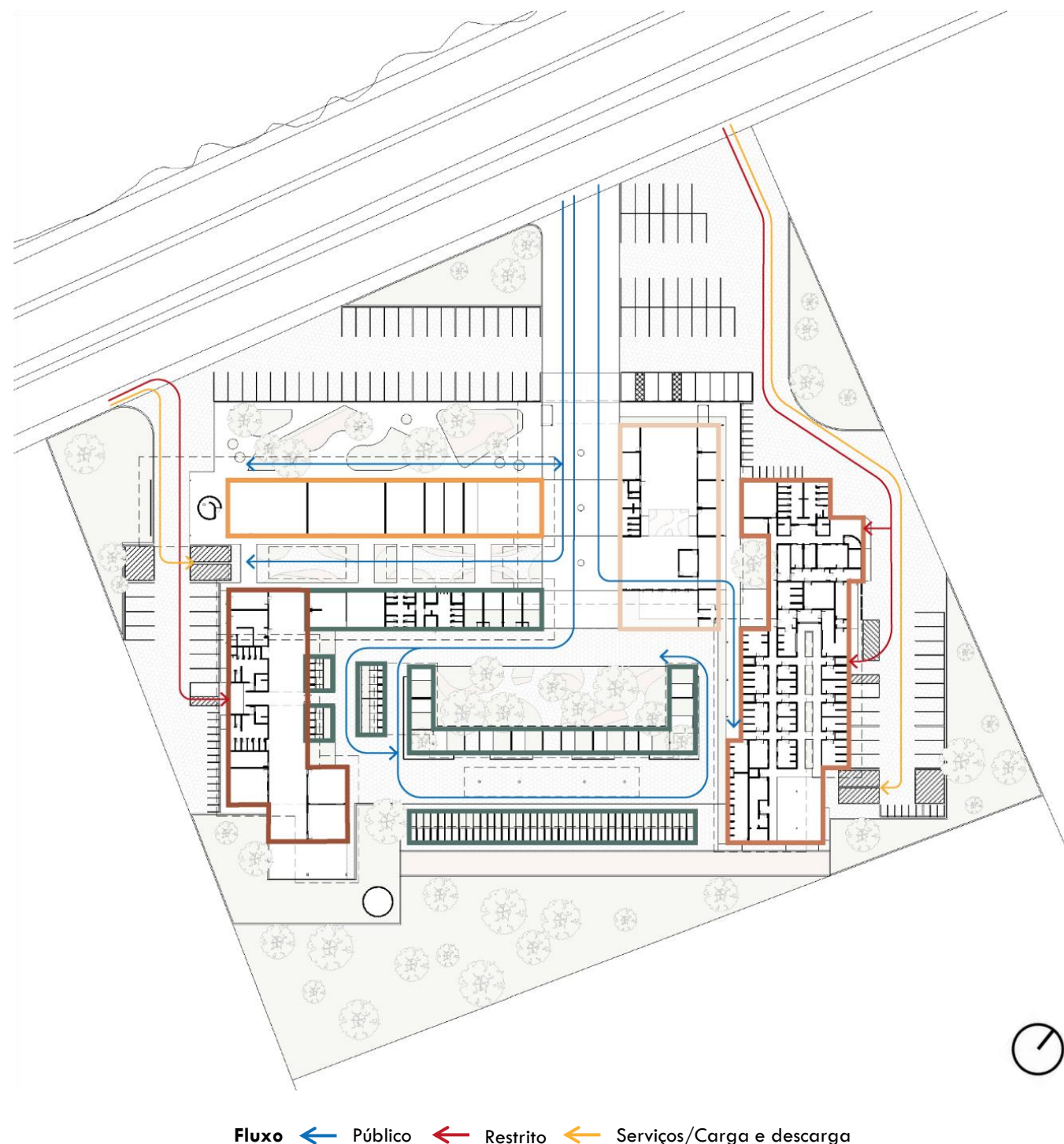
A posteriori fica o abrigo funcionando como coração do centro. Além de estar direcionado para a entrada principal, o setor é abraçado pelos demais blocos de modo que aumente sua visibilidade e importância. Nele fica o parcão, uma grande área verde central para o recreio de cachorros, que pode ser utilizada de formas variadas e funções diversas.

Mais a leste e oeste, respectivamente, os setores de resgate e isolamento e de funcionários configuram-se com ambientes intercalados por painéis de cobogós, conectados por pátios paralelos às faces e cobertos por beirais e varandas. Ambos possuem acesso aos demais setores e anexam estacionamentos restritos às suas fachadas principais.

É interessante apontar quanto à modulação exercida em cada prédio dos setores – vista com mais detalhes em plantas baixas futuras. Ela facilita a exequibilidade construtiva, alinha as estruturas e garante uma identidade visual do bloco.

Destaca-se também as áreas abertas, externas e internas, que permitem a criação de um microclima agradável, enquanto agrega no aspecto visual do centro – através do paisagismo – e integra o edifício ao entorno majoritariamente livre, sejam os terrenos vizinhos, seja a Mata do Buraquinho.

Figura 28 – Planta baixa de fluxos no edifício escala 1/1000



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Nessa configuração, os acessos seguem a fórmula pré-estabelecida, onde as vias restritas se limitam, praticamente, aos recuos do terreno, garantindo o controle do fluxo de entrada e fazendo surgir uma maior zona pública na fachada frontal.

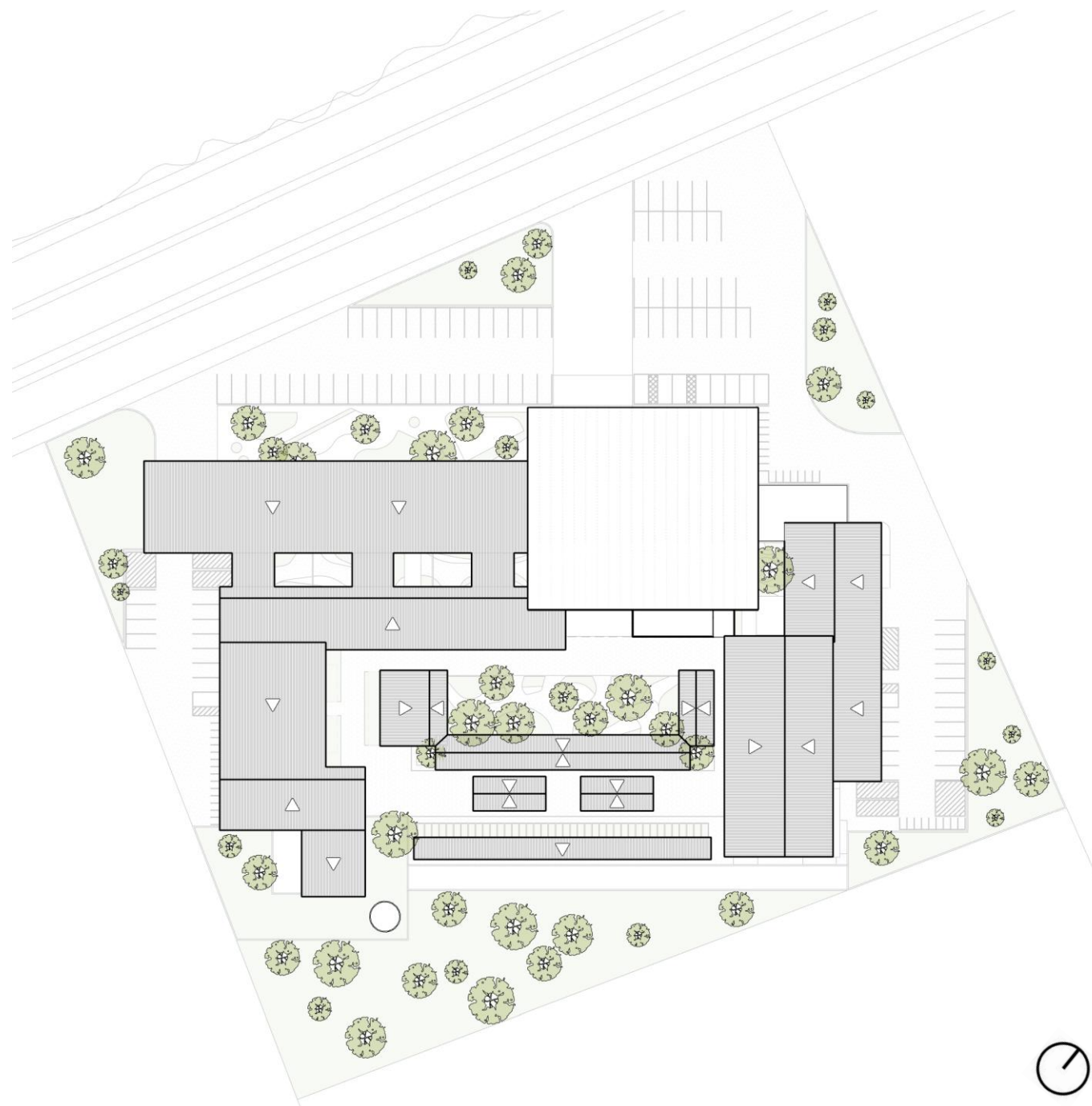
Os blocos administrativo e de resgate ficam totalmente restritos aos funcionários, com abertura para exceções nos casos de prestação de socorro animal público. A zona administrativa conta com 12 vagas de estacionamento de carros e partilha, com o bloco de galeria, duas vagas de carga e descarga. Já a área clínica e de resgate pôde ser contemplada por 16 vagas convencionais e mais duas de carga e descarga servindo aos ambientes e serviços de apoio. Adiciona-se uma vaga especial mais aproximada para serviços hospitalares – manejo de corpo animal, descarte de resíduos hospitalares, serviço especializado de limpeza e etc.

Os fundos do lote também se configura como área restrita, mas nesse caso livre. Através do microsetor de canis individuais, os funcionários podem transitar entre os blocos restritos durante uma conexão mais distante, porém pertinente. Essa área fica limitada também pelo parcão e o pátio de visitas que o circunda, gerando um fluxo social cíclico desde o acesso principal.

Esse, chamado de fluxo de visitação, pode ser variado com o acesso secundário ao bloco da galeria, que leva ao jardim principal. Nesse sentido, à galeria cabe o acesso indireto pelo abrigo ou diretamente através da recepção principal e da praça, garantindo uma diversidade de passeios. Para a clínica ficam reservados o caminho principal e um secundário por um pequeno corredor aberto entre o setor e a ala de funcionários veterinários.

As possibilidades de rotas internas, apesar de um único fluxo de entrada, bem como a separação dos blocos e a permeabilidade visual permitem aos usuários a experiência de explorar a maior parte do centro, mesmo em casos de visitação curta e imediata. Isto garante uma maior notabilidade para um edifício plural, instigando também a curiosidade do usuário. Para o abrigo em especial, é fundamental essa atenção e percepção causada pelos percursos.

Figura 29 – Planta baixa final de locação e cobertura escala 1/1000



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

6.4 As cobertas do conjunto

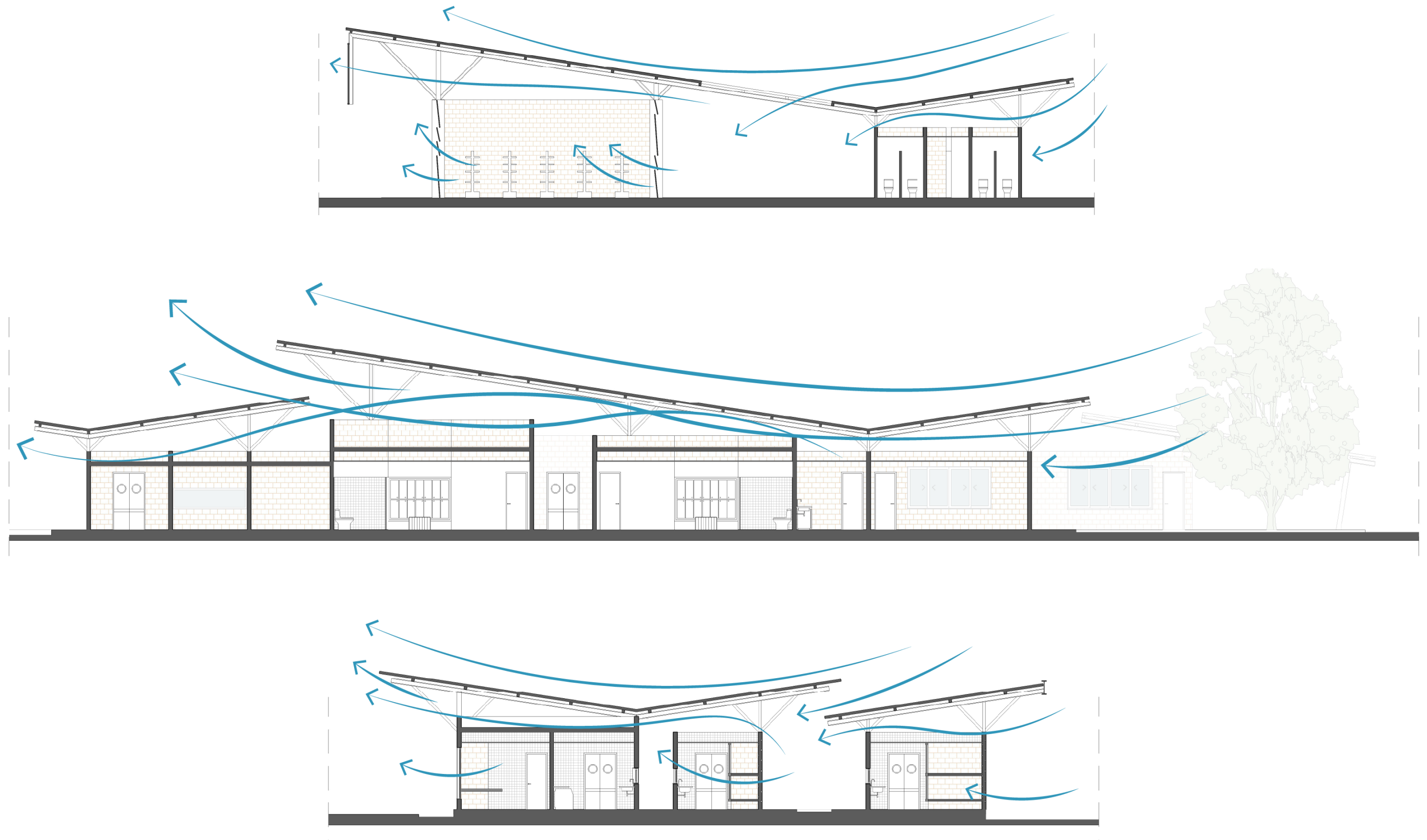
Além dos tijolos vazados outro elemento que se destaca é a coberta. Seguindo a setorização esquemática apresentada, o jogo de telhados tornou-se proporcional ao seu referido bloco, como mostra a figura 29 à esquerda. A coberta de maior destaque está sobre o bloco clínico e a recepção principal, organizando-se de maneira paramétrica, em que se parte do ponto mais alto no vértice oeste e declina para os demais vértices, deixando os lados nordeste e sudeste à uma mesma altura do solo.

Ao lado, o setor de resgate compõe-se de duas cobertas de duas águas cada, que convergem para calhas medianas. O jogo permite que alguns jardins internos recebam águas pluviais, enquanto que as fachadas do bloco recebem entrada da luz natural através dos beirais elevados, destacando o bloco longitudinal. Além do fator estético, o jogo combinado permite a evacuação do calor excessivo pelas fachadas maiores, que são auxiliadas por outras aberturas. A coberta se integra ao setor clínico através de lajes impermeáveis de transição sobre a ala de funcionários deste lado do complexo, e o prédio de fisioterapia.

De maneira similar, a coberta do setor comercial tem a função de englobar um grande jardim interno e o desnível de altura entre seus blocos. Perpendicular às correntes predominantes, o bloco permite um direcionamento do fluxo de vento a partir da coberta a sul, declinando o ar frio para o nível de escala humana e elevando a evacuação do ar quente na fachada oposta. Esta que, pela inclinação de 15% proposta, fica com uma altura final de mais de 7 metros em relação ao piso, necessitando incorporar um painel longitudinal de proteção solar.

A estrutura de coberta da galeria se repete no bloco administrativo com leves adaptações, travando, contudo, um efeito visual diferente, uma vez que tal prédio posiciona-se perpendicularmente ao anterior. Quanto às baías de abrigo, ficaram restritas à telhados mais lineares e suaves com conexões mais visuais. Os cortes a seguir exibem melhor o sistema de telhado de alguns blocos:

Figuras 30, 31 e 32 – Esquemas de cobertas dos blocos de galeria, administração e resgate



Fontes: Elaborados pelo autor, 2025.



6.5 Entrada principal e Clínica

O acesso principal do edifício se destaca por uma rua interna compartilhada, com largura equivalente ao vão entre os blocos iniciais – galeria e clínica. O percurso, marcado por “pilares árvores” que apoiam a coberta principal, se estende a um centro de cruz à medida que se eleva do nível da calçada, e direciona o usuário para três setores: comercial, cuidados veterinários e acolhimento.

A parte pública do setor de cuidados, apresentada pela figura 33 ao lado, se divide entre um bloco clínico principal de atendimentos e um bloco clínico de fisioterapia animal, integrados pela área de triagem. A opção pela configuração se deu quanto à semelhança do pré-dimensionamento das salas de atendimento clínico, possibilitando sua modulação, além do caráter de funcionamento desses serviços. Enquanto que consultas e atendimentos médico-veterinários precisam de uma ala de espera, o serviço de fisioterapia é comumente agendado, podendo, portanto, ser deslocado para um bloco à parte.

Este último é servido de um salão de quase 46m² para as atividades em solo e com auxílio de equipamentos, e uma piscina de 34m², dividida em área funda e rasa, para exercícios aquáticos, com fachadas inteiramente de painéis de vidro angulados, que permitem o cruzamento contínuo da ventilação natural, sob uma coberta de laje plana. Além disso, o bloco parcial conta com o apoio de uma lavanderia e depósito próprios e área técnica de manutenção, vedadas por paredes da alvenaria utilizada.

Figura 33 – Planta baixa térreo de recorte do bloco clínico escala 1/250

- | | |
|-------------------------------|-----------------------------|
| 01 – Entrada/Recepção geral | 08 – Sala de consultório 01 |
| 02 – Área de triagem clínica | 09 – Sala de consultório 02 |
| 03 – Fisioterapia | 10 – Atendimentos especiais |
| 04 – Lavanderia e DPL | 11 – Radiologia |
| 05 – Área técnica de apoio | 12 – Laboratório |
| 06 – Espera por atendimento | 13 – WC PNE |
| 07 – Sala de cuidados básicos | 14 – Acesso WCs |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.



Figuras 34, 35 e 36 – Acesso principal, espera clínica e área de triagem



Fontes: Elaboradas pelo autor, 2025.

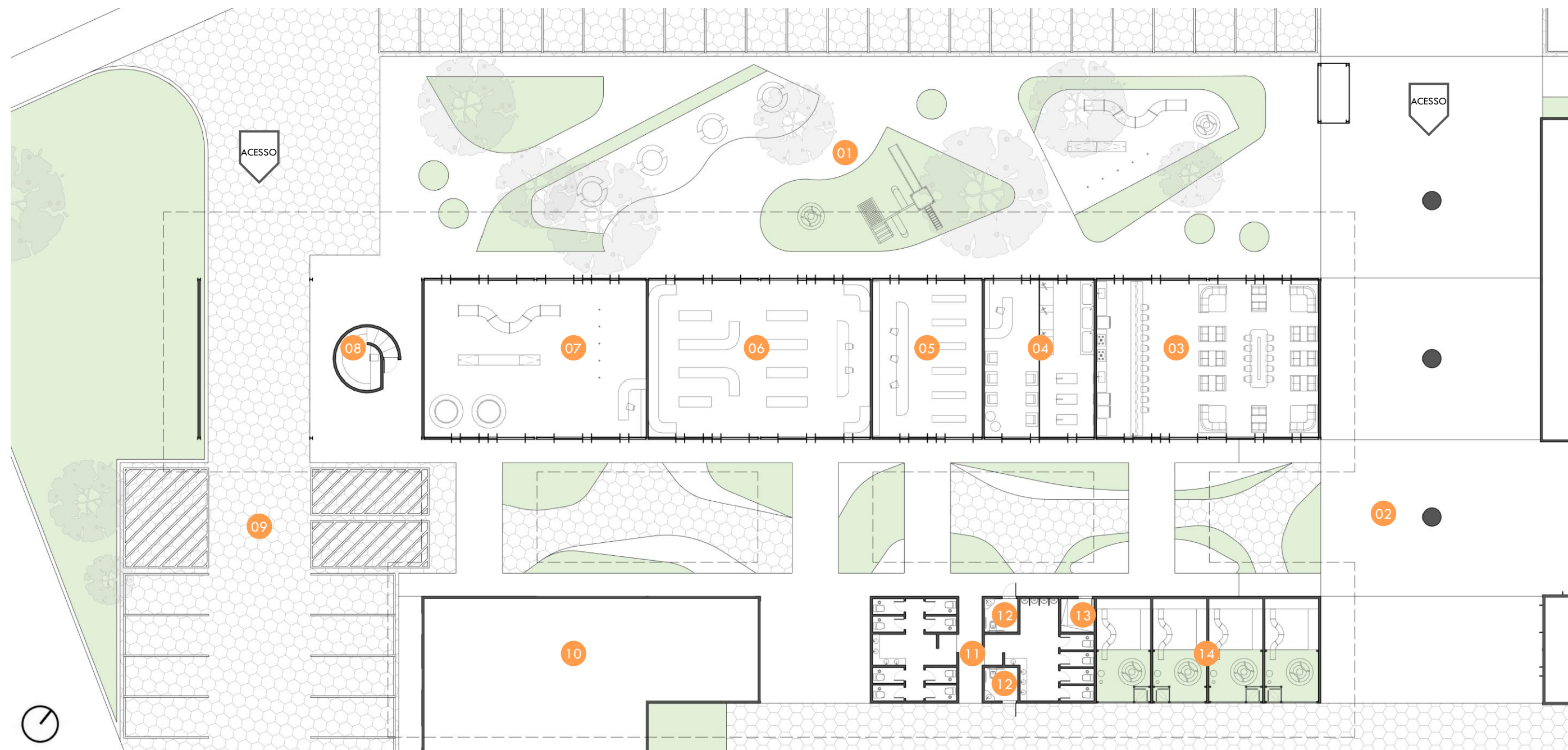
As salas cujos acessos são mais oportunos – neste caso radiologia e laboratório – e os banheiros foram posicionados para oeste, gerando uma barreira de sombra para a área de espera central. Esta que por sua vez conta com assentos ao redor de um quiosque de lanches e os mesmos painéis translúcidos angulados na fachada principal. Dessa forma, se garante permeabilidade visual à área de espera, tanto para as vias externas, quanto para o interior, onde se concentra o abrigo. Um jardim interno faz a transição da parte baixa para a parte elevada do bloco, permitindo um melhor panorama ao usuário presente.

Uma estrutura metálica externa revestida em ACM – alumínio composto – marca não apenas a entrada principal e do bloco, como o edifício em si, formando um grande pórtico trapezoidal. A zona principal do bloco clínico se eleva do solo através de colunas e vigas metálicas, a partir de um esquema que se repete na sustentação de lajes planas descoladas que cobrem as salas do setor. A colonata estendem-se ao nível da cobertura paramétrica, onde, junto aos pilares árvores da recepção, sustentam vigas diagonais que fazem o sistema do telhado.

O pé-direito-triplo destaca o bloco no conjunto e evacua o ar quente acumulado. A sensação de amplitude provocada pelo lado mais alto da cobertura se ameniza com o uso de jardins suspensos e verticais apoiados nas lajes internas, trazendo aconchego e natureza para dentro do bloco. Já a “caixa” da ala fisioterapêutica é elevada por um pé-direito-duplo que permite a visibilidade do abrigo sem maiores interferências do sistema estrutural, e harmoniza com o nível mais baixo da cobertura principal, gerando uma integração na fachada sul do bloco.

6.6 Empreçamento e Galeria

Também marcando a entrada alocam-se praça e galeria. Diante da necessidade de diversificar o uso do edifício, buscando gerar uma atratividade maior para os usuários em detrimento do abrigo, surge o setor comercial que contempla café *petfriendly*, salão *pet*, farmácia, mercado e uma academia de treinamentos.



O setor é voltado para a fachada principal, em que o requisito de visibilidade estabelecido no zoneamento do lote precisa atender suas funções. Nesse caso optou-se por um exterior de vitrines ventiladas e a projeção de beirais extendidos a partir de uma coberta descolada. As vitrines, além de possibilitar notabilidade do serviço projetado, amplia inclusive a permeabilidade visual do conjunto. Dentro do contexto de materialidade da proposta, elas se mesclam às estruturas metálicas do telhado, trazendo uma unidade.

Figura 37 – Planta baixa térrea de recorte do bloco de galeria escala 1/250

- | | |
|-----------------------------|--------------------------------|
| 01 – Praça pública | 08 – Central de segurança |
| 02 – Entrada/Recepção geral | 09 – Manobras/Carga e descarga |
| 03 – Café petfriendly | 10 – Setor de funcionários |
| 04 – Salão de banho e tosa | 11 – Acesso WCs |
| 05 – Farmacinha | 12 – WCs PNE |
| 06 – Mercado | 13 – DPL Depósito de limpeza |
| 07 – Academia de treinos | 14 – Gatis coletivos |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.



A coberta do volume mais influente se estende sobre o acesso noroeste restrito a funcionários, abarcando uma guarita de segurança, que tanto pode atender ao edifício, quanto à área de praça pública. Praça essa projetada para estender a área útil da galeria, à medida que exerce uma gentileza urbana. Isto é, enquanto o usuário é assistido pelos serviços disponíveis, há a possibilidade de permanência em uma área externa de convivência agradável.

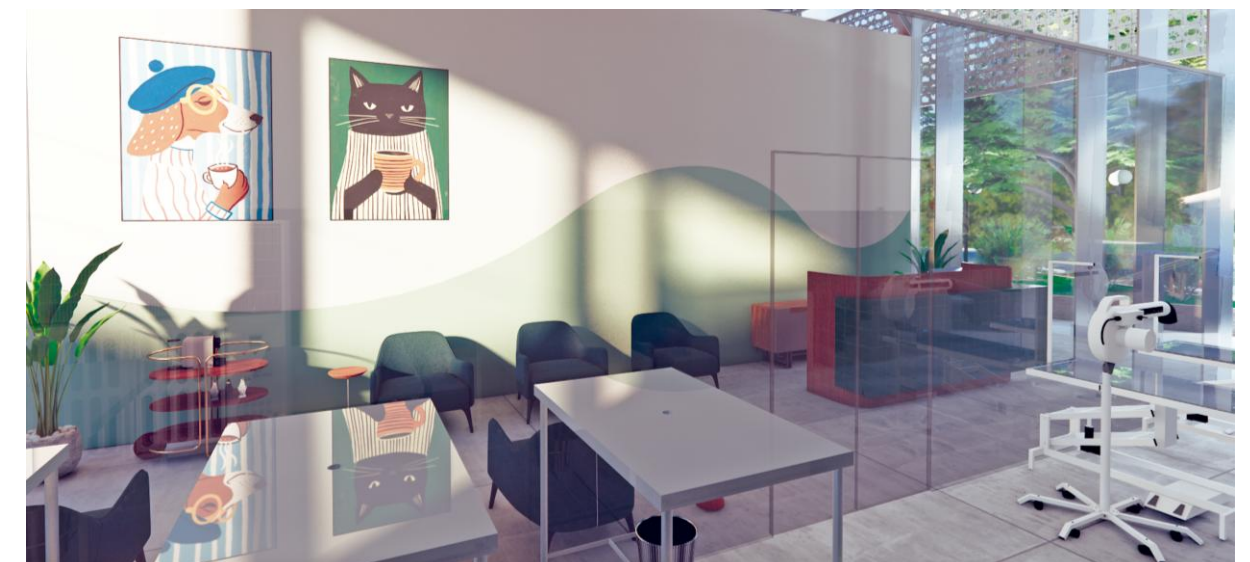
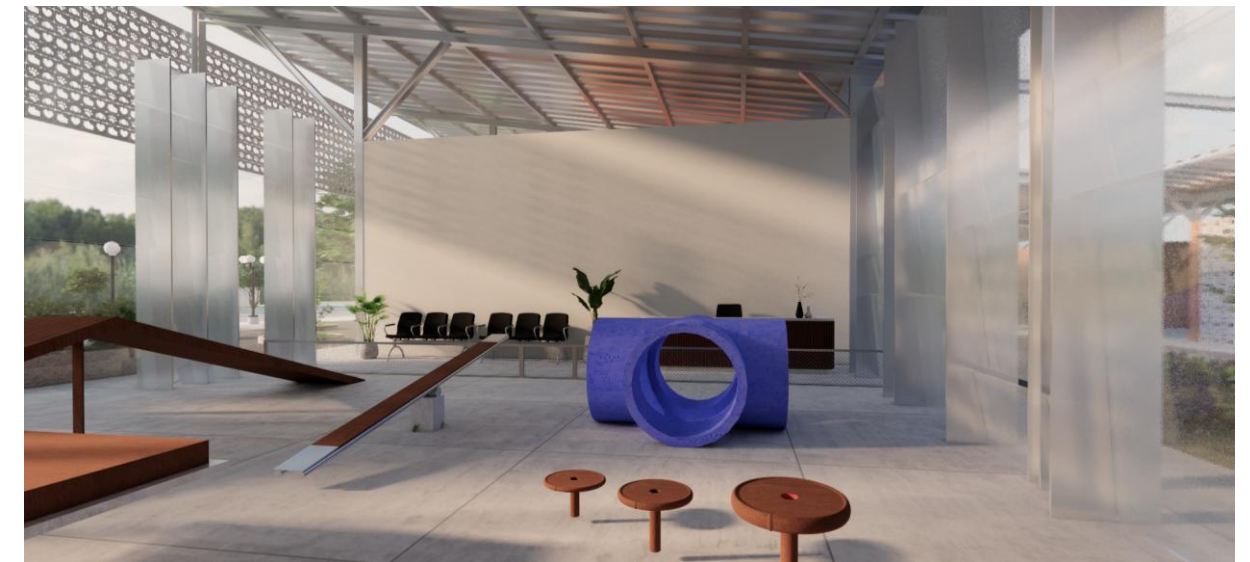
Em paralelo, o setor agrega um jardim longitudinal interno e caminhável, que influencia a propagação das correntes de ventilação no interior do edifício, à medida que traz iluminação natural e vegetação abundante. O jardim é fatiado por áreas de transição que avança a coberta principal, unindo as águas constituintes do bloco de galeria.

Já no volume menor, encontram-se o microsetor de banheiros – que se integra ao mesmo ambiente da parte de abrigo em um único bloco – os gatis coletivos que podem ser observados através de aberturas circulares, priorizando a melhor vista no setor de acolhimento, e áreas do setor de funcionários cujo os visitantes não possuem acesso, à exceção da sala de entrevistas.

Além da abundância da permeabilidade visual, o bloco de galeria também possui extensa permeabilidade física através da recepção geral e do pátio de abrigo acessando o corredor de jardins, e, a partir desse ou do emparelhamento, garante-se entrada aos ambientes internos através das esquadrias de vidro.

Como o conjunto adotou uma leve rotação durante o processo de implantação, a galeria também possui a incidência solar poente na fachada principal. Para além do jogo de cobertas duplas proporcionadas pela estrutura de telhado descolado, adotou-se um painel metálico personalizado no *front* que amenizasse o impacto dos raios UVs sobre a área comercial. Dessa forma, a praça também entra no sentido de proporcionar sombreamento às áreas caminháveis e de permanência externa, através da vegetação arbórea nativa, compactuando ainda com o cenário externo do entorno – primordialmente a Mata do Buraquinho.

Figuras 38, 39 e 40 – Pátio jardimado, academia pet e salão de banho e tosa



Fontes: Elaboradas pelo autor, 2025.

Figura 41 – Interiores da cafeteria petfriendly



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

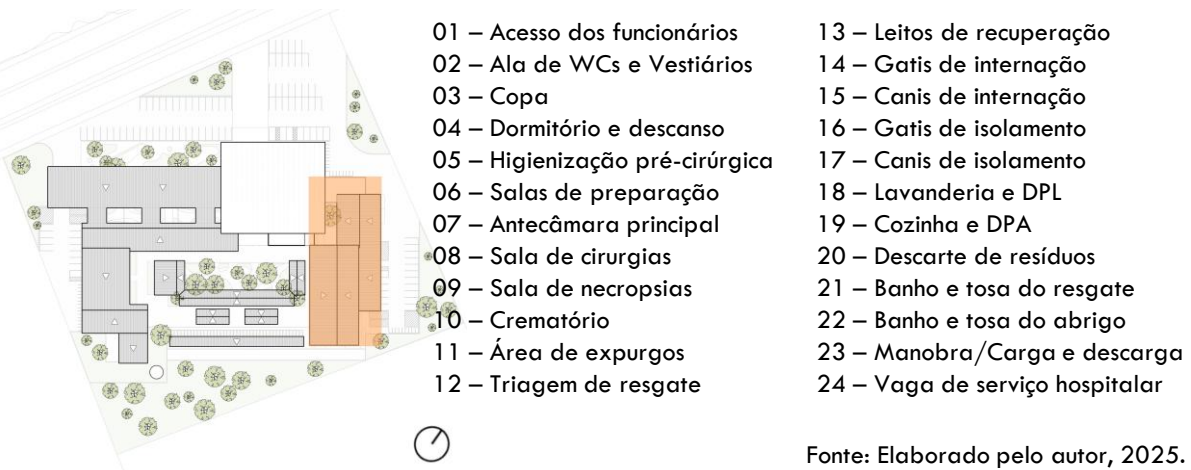
6.7 Setor de resgate e isolamento

Dentro da área restrita da fachada nordeste, o bloco de resgate compõe o volume principal com os microsetores cirúrgico e de funcionários anexados. O bloco possui uma área de estacionamento privativo, com vagas específicas para carga e descarga e serviços hospitalares. As entradas se dão pela área de funcionários, com acesso direto aos vestiários, e pela sala de triagem que apoia o setor de isolamento animal, conectando-se aos demais setores do edifício através dos pátios internos, com destaque para o central arborizado.

Na parte mais inferior da planta ilustrada, surgem as áreas de apoio que integram os serviços com os demais blocos – banho e tosa animal, lavanderia e cozinha nutricional – interligadas ao pátio jardinado por uma varanda coberta. Seguindo o alinhamento desta parcial são alocadas as salas de internação e leitos clínicos, apoiados por um pátio externo de visitação, que segrega-se fisicamente do setor de acolhimento através de um jardim rasteiro.

As salas paralelas ao pátio longitudinal correspondem a área de quarentena dos animais socorridos e integra-se ao microsetor operacional através da triagem e higienização animal que acessa diretamente a sala de cirurgias.

Figura 42 – Planta baixa térreo de recorte do bloco de resgate escala 1/250



O bloco cirúrgico também volta-se para a clínica – apresentada anteriormente – por uma rampa no jardim central, que restringe a área da parte social. O animal paciente acessa o bloco pela sala de higienização clínica, anexa aos ambientes de cuidados materiais e preparo cirúrgico, e adentra à sala de cirurgias através de uma antecâmara. A saída cirúrgica é contemplada por um hall de conexão dos leitos pós-operatórios, que se volta para o corredor de internações.

De maneira mais externa e próxima ao estacionamento, a sala de necropsias é conectada à ala cirúrgica pela extensão da antecâmara de acesso, que liga posteriormente a ala de crematório – com forno industrial específico para animais e câmara de manutenção e resfriamento – e a sala de expurgos hospitalares, onde ocorre a eliminação correta dos resíduos cirúrgicos. A fachada principal do bloco é marcada pela modulação das salas de quarentena, com paredes construídas com o tijolo perfurado desenvolvido, intercalados com painéis de cobogós personalizados, colaborando para uma maior circulação dos ventos e renovação do ar interno.

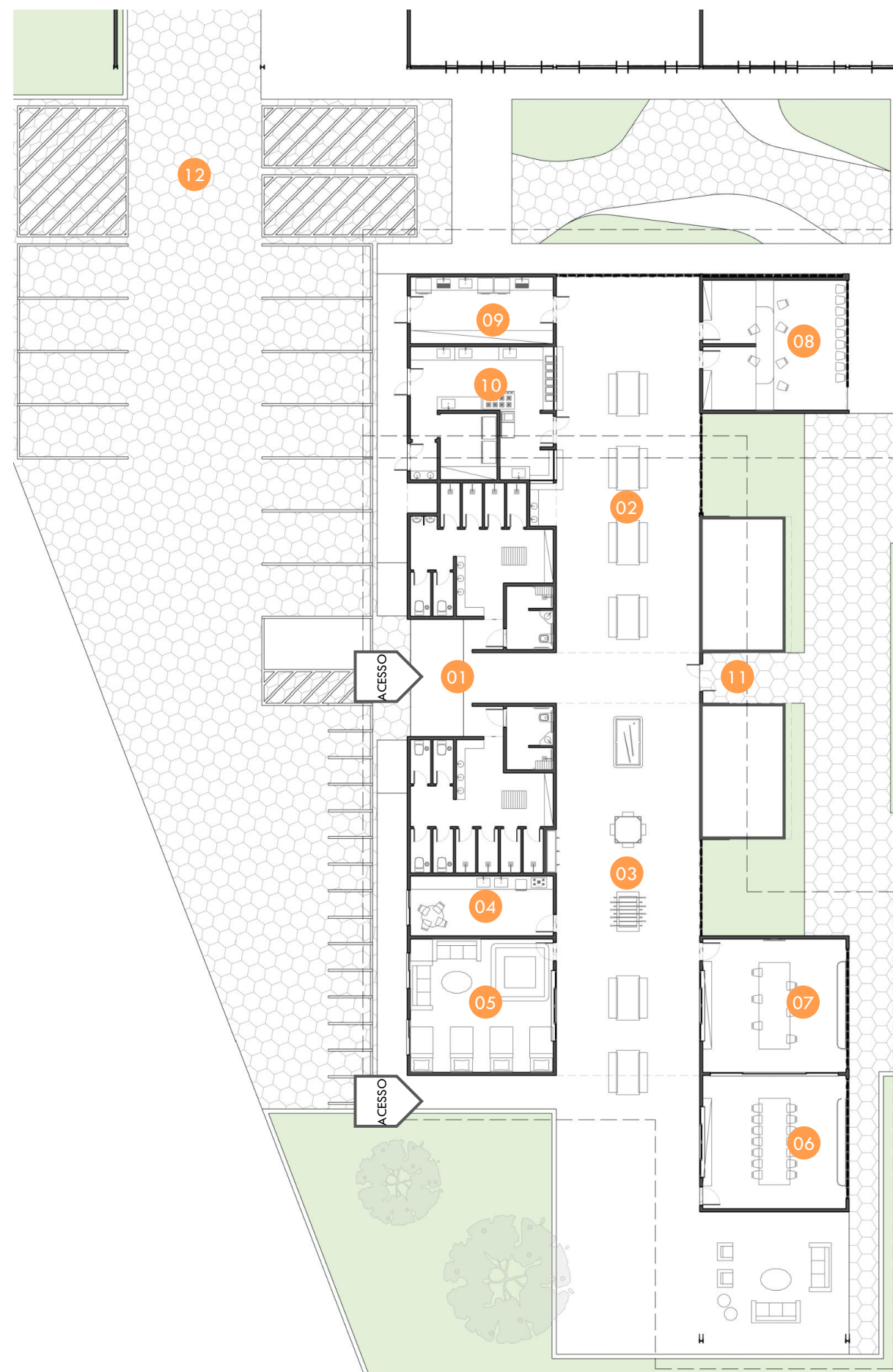
As salas são sobrepostas pelos beirais da coberta que sustentam a viga de acabamento, marcando a linearidade. O elemento vai de encontro à divisão entre ala cirúrgica e de funcionários. Um trio de paredes desconstruídas finalizam a composição da fachada mais externa, enquanto um paredão de elementos vazados formam um mural no jardim interno – que segrega o setor restrito a funcionários – permitindo a entrada da iluminação natural nos ambientes mais externos. Fator que se repete nos ambientes mais internos através do jogo de cobertas e auxílio de esquadrias.

As fachadas do microsetor de operações são revestidas por placas em ACM semelhantes à entrada principal do complexo. Junto às cobertas descoladas, geram uma impressão de massa que sustenta um longo balanço. Internamente, as salas de quarentena dispõem de murais de cobogós acústicos atrás de 04 baias sobrepostas, totalizando 08 por “bloquinho”, enquanto que as internações clínicas já possuem 08 baias cada, com painéis de vidro que fazem a fronteira com o abrigo em ritmo aleatório, gerando uma dinâmica vertical.



Figura 43 – Elevação da fachada principal do bloco de resgate sem escala

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.



O intuito dos painéis é permitir a visualização interior dos leitos por parte das visitas de tutores, do lado externo, no pátio protegido pelo prolongamento da cobertura. A composição ocorre também nas salas de banho e tosa à sul para animais abrigados e resgatados, proporcionando às visitas do abrigo uma interação visual também com os setores de serviços. Apesar do nível alto da cobertura voltada para oeste, a região é marcada majoritariamente de ambientes úmidos, desejando a interferência solar.

6.8 Bloco administrativo

Na lateral oposta do lote concentra-se o bloco administrativo propriamente dito. Diferente do setor de resgate e isolamento, com áreas pontuais voltadas para os funcionários, o bloco por completo é projetado para os colaboradores, com salas de trabalho, ambientes de lazer e serviços específicos.

O bloco é dividido pelo pátio interno de refeitório e áreas de lazer, protegidos por uma estrutura de cobertura copiada do setor comercial, tal qual sua modulação. Nesse sentido, a região torna-se uma continuidade volumétrica do bloco de galeria com um aspecto visual único provocado pelos telhados (figura 45).

O setor conta com um estacionamento privativo, a partir da guarita de vigilância instalada próximo aos serviços públicos. Compartilha áreas de carga e descarga com o setor tangente e se integra ao abrigo através da intersecção com os gatis individuais, onde se estabelece uma zona de acesso restrito central entre setores.

Figura 44 – Planta baixa térreo de recorte do bloco administrativo escala 1/250

- | | |
|--------------------------------|-------------------------------|
| 01 – Acesso e WCs e vestiários | 07 – Diretoria geral |
| 02 – Área de refeitório | 08 – Sala de entrevistas |
| 03 – Espaço ativo/Lazer | 09 – Lavanderia e DPL |
| 04 – Copa | 10 – Cozinha e DPA |
| 05 – Dormitório e descanso | 11 – Acesso ao abrigo |
| 06 – Sala de reuniões | 12 – Manobra/Carga e descarga |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.



A fachada virada para oeste é predominantemente constituída de áreas molhadas. Na entrada, os vestiários e banheiros geram o corredor principal de acesso do prédio, envolvidos pelos ambientes de cozinha, refeitório, lavanderia mais a norte e copa. Um passeio secundário desembarca os usuários na área de trabalho e lazer, onde a sala de descanso e dormitório complementa o volume principal, paralelo à diretoria geral e sala de reuniões, que podem ser integradas em um só ambiente através de uma esquadria central, tornando-se um grande salão de quase 80m² para necessidades maiores.

No vértice nordeste do setor, foi disposta uma sala de entrevista subdividida em duas alas de atendimento, conectando administração, galeria e abrigo. O visitante tem acesso pelos pátios de entorno, enquanto que o colaborador pode adentrá-la diretamente pelo bloco. Já a fachada oposta é marcada por uma área de varanda coberta que sucede o pátio central e contempla um jardim de fundos, englobando a natureza por onde também entra a ventilação mais relevante.

A fachada longitudinal do bloco composta pelas salas administrativas é definida pela locação também de painéis de cobogós. O elemento é adotado como tática de ventilação constante que se alastra para o pátio interno, na intenção de expelir o calor pela fachada norte do setor.

O bloco é constituído, em grande maioria, da alvenaria estrutural que suporta a cobertura longitudinal. Esta que nas fachadas maiores transmitem um visual mais residencial, onde duas águas cobrem todo um bloco. Na segunda parcial da cozinha, mais necessariamente acima da área de estoque, fica alocada uma laje impermeável de função transitória entre os beirais das cobertas do setor administrativo e da galeria.



Figura 45 – Elevação da fachada principal do bloco administrativo sem escala

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 46 – Perspectiva da fachada principal



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figuras 47, 48 e 49 – Gatis coletivos e individuais e panorama do parcão



Fontes: Elaboradas pelo autor, 2025.

6.9 Abrigo: o centro de tudo

O setor de acolhimento, abordado como bloco de abrigo, é na verdade a alma do centro. O bloco é compreendido pela união das diferentes tipologias de baias para animais domésticos, separando-os em grupos e individualmente. Apesar da separação, os ambientes se assemelham na configuração interna, em detrimento das normativas e recomendações: áreas livres e abertas como solários, anexadas a ambientes mais internos e protegidos.

O bloco se origina na esquina sul da recepção geral, entre a galeria e a ala de fisioterapia clínica. Neste concentra-se os gatis coletivos, com capacidade para abrigar até 10 indivíduos da espécie. O ambiente se constitui do tijolo estrutural cerâmico preenchido, que sustenta uma laje de cobertura, enquanto recebe o sistema de tela de proteção para resguardo dos animais, e permeabilidade visual dos visitantes. A ambientação de circuitos, abrigos e brinquedos instigam o instinto de caça dos felinos e agregam no seu bem estar.

Depois dos banheiros que se concentram na lateral, ficam alocados os gatis individuais. De maneira similar, entretanto menor dimensionada, a configuração de uma baia mais protegida com inserção de uma caixa telada aberta proporcionam os diferentes prazeres dos gatos. Apesar da elaboração de baias individuais, a parte de solário é compartilhada, minimamente, por dois gatos, em “caixas aramadas” verticais. Os animais, neste caso, ficam com a preferência de se isolar ou não, e compartilham da mesma área verde para suas necessidades. Em ambas as tipologias o acesso de funcionários é feita de maneira controlada através de gradis intercalados como câmaras antifugas.

São 40 baias de gatis individuais, separadas em três volumes de bloco estrutural vazado, ao longo de dois andares. Uma moldura em ACM cria uma percepção visual variada e harmoniza com uma ambientação de brinquedos e circuitos. Os volumes são protegidos pelas cobertas dos blocos adjacentes e pelas lajes intrínsecas aos módulos estabelecidos com pouco mais de 1m³.

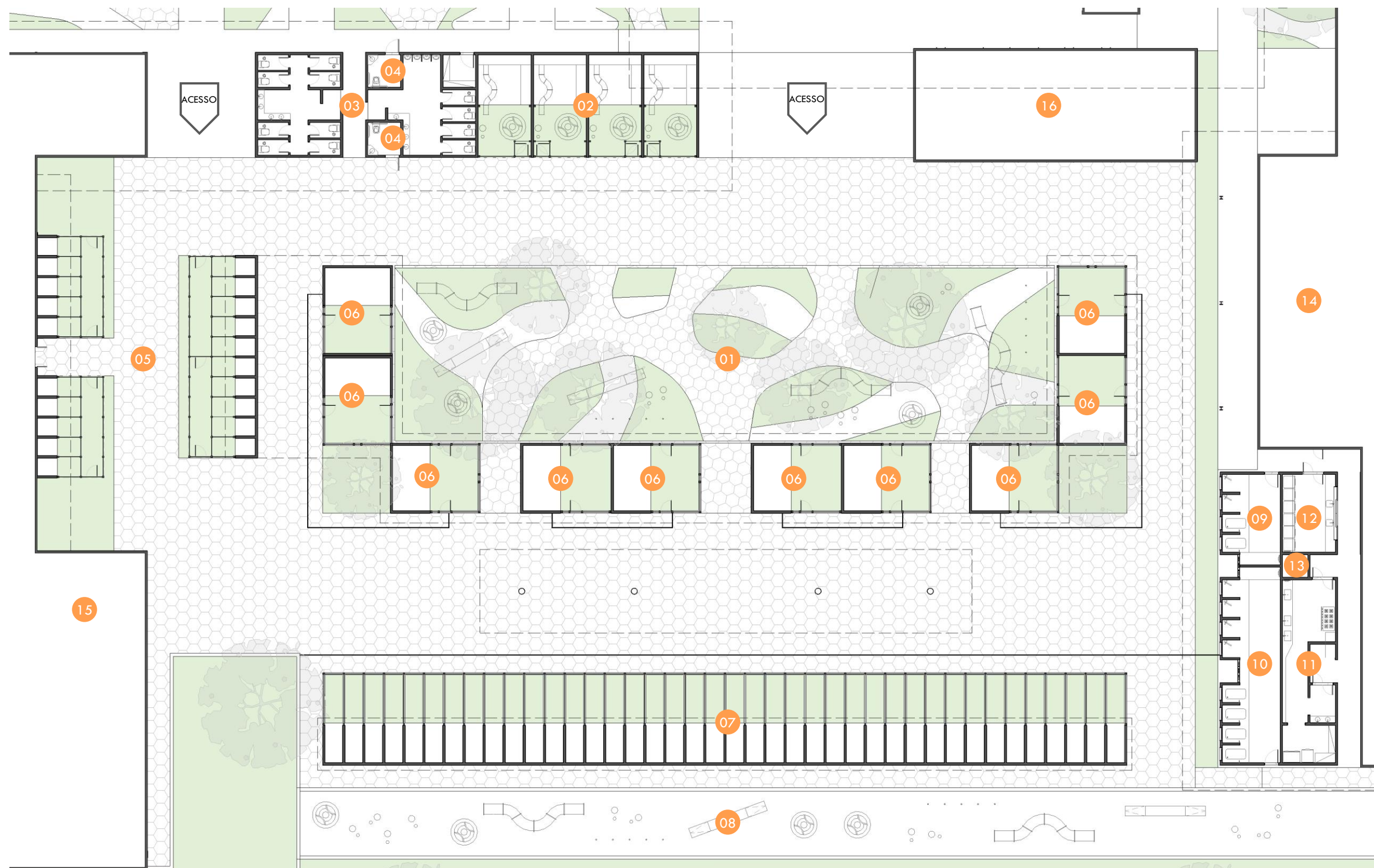
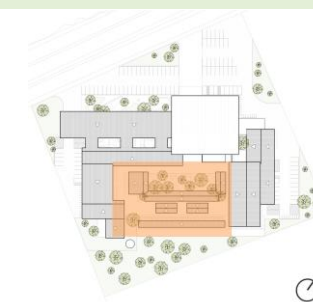


Figura 50 – Planta baixa térreo de recorte do bloco de abrigo escala 1/250

- | | | | |
|----------------------|--------------------------------|------------------------------|----------------------------|
| 01 – Solário parcão | 05 – Gatis individuais | 09 – Banho e tosa do resgate | 13 – Descartes de resíduos |
| 02 – Gatis coletivos | 06 – Canis coletivos | 10 – Banho e tosa do abrigo | 14 – Bloco de resgate |
| 03 – Acesso WCs | 07 – Canis individuais | 11 – Cozinha e DPA | 15 – Bloco administrativo |
| 04 – WCs PNE | 08 – Soltura canis individuais | 12 – Lavanderia e DPL | 16 – Bloco clínico |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.



A extensão do pátio de visitas passa pela lateral do bloco administrativo e chega ao fundo do lote limitando-se pelas baias de canis individuais. Diferentemente dos gatis individuais que compartilham o solário, os canis separados possuem apenas interação visual lateral. A baia aborda pouco mais de 2m² de área coberta, com fundos constituídos do tijolo vazado para permissão controlada da ventilação sul, e 3m² livres para solário, limitado por gradis de proteção. Em relação aos visitantes, cria-se um guarda-corpo afastado como elemento físico de segurança, tendo em vista o comum desconhecimento dos cães para com novos transeuntes.

Em prol da adaptação do animal, foi projetado uma área final na parte mais isolada do terreno para a execução de atividades e recreios em grupo, sobre um campo livre, que pode seguir as diretrizes de funcionamento e agrupamento canino recomendadas.

Ao todo são 40 baias transversais que formulam um volume longitudinal. Também são 40 o número de cães abrigados nas baias coletivas – somando 10, em grupos de 4 animais cada. As baias coletivas se configuram em “U” no meio do pátio, e se integram através do parcão, que é a zona permeável central ilustrada na figura 50 de planta baixa apresentada. As baias seguem um ritmo de abrigo – com mais de 8m² – e solário no sentido anti-horário, a partir do acesso principal, interrompidos por percursos que atravessam o parcão de forma orgânica.

Nesse viés, o parcão se torna uma área permeável variável, onde gradis de segurança móveis podem tanto integrar grupos menores de canis, quanto circundar o interior principal por completo, criando uma zona ampla de convivência animal ideal para realização de eventos, como dias especiais de adoção.

A coberta, por outro lado, conecta as massas dando continuidade ao conjunto, interrompida apenas pelas esquinas verdes do pátio. Entre os canis individuais e coletivos se insere uma área de coberta, repetindo o elemento de colunas árvores da entrada, a fim de colaborar com o sombreamento para os visitantes na zona interna mais aberta da proposta.

Figuras 51, 52 e 53 – Pátio do parcão, canis individuais e vista para a entrada



Fontes: Elaboradas pelo autor, 2025.

Figura 54 – Vista da proposta final no contexto do terreno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

7 Reflexões finais

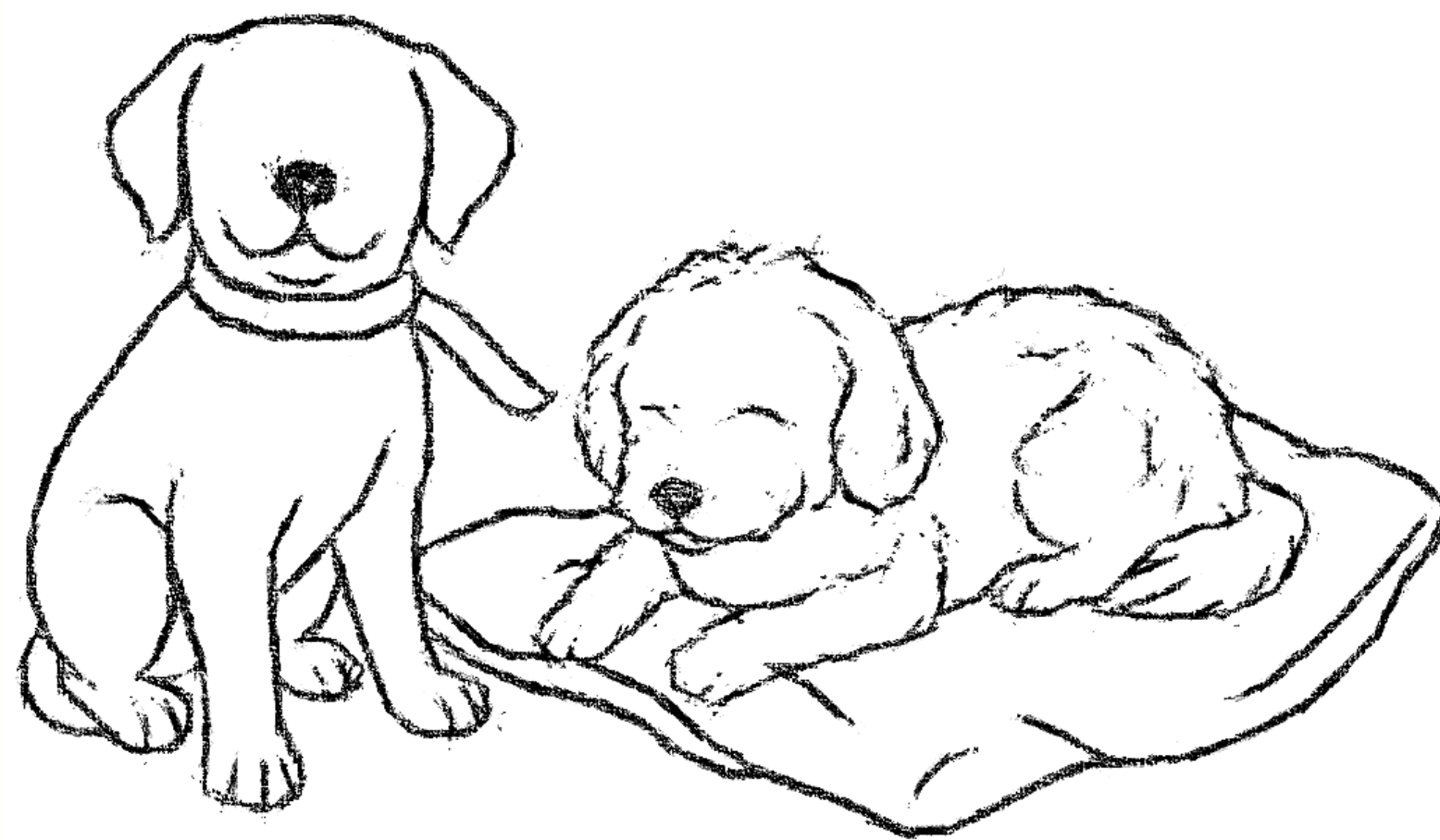
A motivação deste trabalho foi a convivência perturbadora com inúmeros cenários de animais em estado vulnerável, em que sua necessidade de socorro contrasta com as dificuldades pessoais de prestação de auxílio, especialmente financeiras. Além disso, o tema tem sido cada vez mais exposto nas diferentes mídias, alavancando sua relevância no cotidiano.

Nesse interim, a proposta reflete as intenções de caridade com o cenário atual da problemática, enquanto explora mais detalhadamente suas causas e alternativas para superá-las. As análises revelaram que o abandono vai além da falta de direito animal. Corresponde, na verdade, ao descompromisso ético humano em cuidar do ecossistema em que sua racionalidade é soberana. A sociedade, sem discriminação de classes, tem o dever de cuidar do planeta e dos seres que nele habitam, com medidas cada vez mais drásticas sobre as raízes dos problemas.

A criação de leis e programas não assegura ao animal uma vida de qualidade, é necessário introduzi-lo. Prova disso é a escassez de projetos da tipologia que tenham sido executados, paralelo ao alto contingente de animais vulneráveis. O investimento em centros para animais ainda não é necessário? Quais seriam os índices de abandono se a população animal e não-animal tivesse o suporte físico necessário para seu bem-estar?

O estudo, portanto, mostra-se pertinente ao gerar um ponto de partida palpável para a mitigação do problema, levando em consideração não apenas os animais em situação de abandono, mas todo o contexto urbano de inserção. Sendo assim, os objetivos puderam ser alcançados e transmitidos através do projeto, revelando o poder social da arquitetura.

Mais do que um abrigo plural, o Patamiga pode ser uma ferramenta de adesão coletiva e demonstração de apoio para uma das causas mais nobres atualmente.



Para Max e Belinha, fiéis companheiros... (in memoriam)



Referências e Apêndices

ABINPET. **Mercado Pet Brasil 2023**. 14 mar. 2023. Disponível em: https://abinpet.org.br/wpcontent/uploads/2023/03/abinpet_folder_dados_mercado_2023_draft1_incompleto_web.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

ABNT. **NBR 9050: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, RJ: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2020. 147 p.

ALVES A.J.S.; GUILOUX A.G.A.; ZETUN C.B.; POLO G.; BRAGA G.B.; PANACHÃO L.I.; SANTOS O.; DIAS R.A. **Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura**. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 11, n. 2, p. 34-41, 2013.

ANIMAL ETHICS. **Especismo**. 13 ago. 2024. Disponível em: <https://www.animal-ethics.org/especismo-pt/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ANVISA. **RDC 50: regulamento técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projeto físico de estabelecimentos assistenciais de saúde**. Brasília, DF: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2002. 106 p.

ANVISA. **RDC 306: regulamento técnico para gerenciamento de resíduos de serviços de saúde**. Brasília, DF: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2004.

ARAUJO, Bianca de. **Proposta de elemento vazado acústico**. 2010. 197 p. Tese de Doutorado — Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

ARCHDAILY. **Animal Refuge Centre**. 11 jun. 2008. Disponível em: https://www.archdaily.com/2156/animal-refuge-centre-arons-en-gelauff-architecten?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 4 dez. 2024.

AUGUSTO, Fábio. **PMJP instala "Espaço Pet" nas praças de João Pessoa e moradores elogiam**. 2 out. 2024. Disponível em: <https://pautapb.com.br/2024/10/02/pmjp-instala-espaco-pet-nas-pracas-de-joao-pessoa-e-moradores/>. Acesso em: 14 maio 2025.

BRASIL. **Conselho Federal de Medicina Veterinária. Resolução nº 1275, de 25 de junho de 2019**. Condições para o funcionamento de estabelecimentos médico-veterinários de atendimento a animais de estimação de pequeno porte.

BRASIL. **Conselho Federal de Medicina Veterinária. Resolução nº 1374, de 2 de dezembro de 2020**. Responsabilidade Técnica, atividades clínico-laboratoriais, estrutura e funcionamento dos laboratórios clínicos de diagnóstico veterinário, postos de coleta e laboratórios de patologia veterinária.

BRASIL. **Conselho Federal de Medicina Veterinária. Resolução nº 1596, de 26 de março de 2024**. Diretrizes gerais de Responsabilidade Técnica em programas, campanhas e multirões de esterilização cirúrgica de caninos e felinos domésticos com a finalidade de manejo populacional.

BRASIL. **Governo do Estado da Paraíba. Lei nº 10741, de 11 de julho de 2016**. Normas e princípios a serem adotados pelos estabelecimentos comerciais envolvidos com a exposição, manutenção, higiene, estética, venda ou doação de animais no Estado da Paraíba.

BRASIL. **Governo do Estado da Paraíba. Lei nº 10743, de 11 de julho de 2016**. Proteção e Defesa dos Animais no âmbito do Estado da Paraíba.

BRASIL. **Governo do Estado da Paraíba. Lei nº 11140, de 8 de junho de 2018**. Código de direito e bem-estar animal do Estado da Paraíba.

BRASIL. **Governo do Estado da Paraíba. Lei nº 11560, de 9 de dezembro de 2019**. Programa estadual Adote Um Animal.

BRASIL. **Governo Federal. Lei nº 9605, de 12 de fevereiro de 1998**. Sanções penais e administrativas sobre condutas e atividades lesivas ao meio ambiente.

BRASIL. **Governo Federal. Lei nº 11515, de 28 de agosto de 2007**. Medidas de defesa sanitária animal.

BRASIL. **Governo Federal. Lei nº 13426, de 30 de março de 2017**. Política de controle da natalidade de cães e gatos.

BRASIL. **Governo Federal. Lei nº 14064, de 29 de setembro de 2020.** Penas cominadas ao crime de maus-tratos aos animais quando se tratar de cão ou gato.

BRASIL. **Governo Municipal de João Pessoa. Lei Complementar nº 164, de 11 de janeiro de 2024.** Plano Diretor Participativo Municipal de João Pessoa.

BRASIL. **Governo Municipal de João Pessoa. Lei Complementar nº 166, de 29 de abril de 2024.** Zoneamento e Uso e Ocupação do Solo do município de João Pessoa - LUOS.

BRASIL. **Governo Municipal de João Pessoa. Lei nº 14268, de 30 de setembro de 2021.** Programa Amor Por Patas, de conscientização sobre a guarda responsável e proteção aos animais domésticos.

BRASIL. **Governo Municipal de João Pessoa. Lei nº 14698, de 29 de dezembro de 2022.** Conselho e Fundo Municipal de proteção aos animais.

BRASIL. **Governo Municipal de João Pessoa. Lei nº 14728, de 14 de março de 2023.** Diretrizes sobre a proteção e os cuidados com os animais comunitários e transitórios que tenham sido abandonados nas vias públicas do município.

BRASIL. **Governo Municipal de João Pessoa. Lei nº 15469, de 20 de fevereiro de 2025.** Criação da Secretaria Municipal de Cuidado e Proteção Animal, sua estrutura administrativa e atribuições.

BROOM, Donald Maurice. **Animal welfare: concepts and measurement.** Journal of Animal Science, v. 1, n. 69, p. 4167-4175, 1991.

BROOM, Donald Maurice. **Indicators of poor welfare.** British Veterinary Journal, v. 1, n. 142, p. 524-526, 1986.

CAVALCANTI, Alberes. **Animais abandonados: uma perspectiva de ONG's quanto ao problema público da proteção animal no município de João Pessoa - PB.** 2021. 64 p. Trabalho de Conclusão de Curso — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, João Pessoa, PB, 2021.

CERTIFIED HUMANE BRASIL. **Conheça as cinco liberdades dos animais.** 28 set. 2023. Disponível em: <https://certifiedhumanebrasil.org/conheca-as-cinco-liberdades-dos-animais/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

COSTA, Lisa da. **Anteprojeto de centro de reabilitação e abrigo para cães e gatos.** 2020. 99 p. Trabalho Final de Graduação — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2020.

CRMV-PB. **Paraíba tem 80,5 mil cachorros e gatos abandonados e conta com 11 projetos de controle populacional no CRMV-PB.** 19 ago. 2023. Disponível: <https://www.crmvpb.org.br/paraiba-tem-805-mil-cachorros-e-gatos-abandonados-e-Conta-com-11-projetos-de-controle-populacional-no-crmv-pb/#:~:text=Estado%20da%20Para%C3%ADba,Para%C3%ADba%20tem%2080,5%20mil%20cachorros%20e%20gatos%20abandonados%20e,gatos%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua.>

CRMV-PR. **Guia técnico para construção e manutenção de abrigos e canis.** Curitiba, PR: Edição própria, 2016. 35 p.

CRMV-SP. **Manual da resolução CFMV nº1275/2019: estruturação de estabelecimento médico veterinário.** São Paulo, SP: Edição própria, 2023. 55 p.

G1. **Holanda consegue zerar o número de cachorros de rua do país.** 9 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/07/09/holanda-consegue-zerar-o-numero-de-cachorros-de-rua-do-pais.ghtml>. Acesso em: 25 jun. 2025.

GOES, Ronald de. **Manual prático de arquitetura para clínicas e laboratórios.** São Paulo, SP: Edgard Blucher LTDA, 2006. 218 p.

HENZEL, Marcelo. **O enriquecimento ambiental no bem-estar de cães e gatos.** 2014. 53 p. Monografia — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014.

HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no Nordeste.** 7. ed. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 1976. 34 p.

LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS. **Hospital Veterinário Unileão.** 14 maio 2024. Disponível em: <https://www.linsarquitetos.com.br/hospital-veterinario-unileao>. Acesso em: 4 dez. 2024.

MAMEDE, Vanessa. **Engawa: centro de amparo e saúde veterinária.** 2025. 101 p. Trabalho de Conclusão de Curso — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2025.

MERT USLU MIMARLIK. **Pako Sokak Hayvanlari Kampüsü.** 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.mertuslu.com.tr/isler/pako-sokak-hayvanlari-kampusu>.

NACONECY, Carlos Michelon. **Ética e animais: um guia de argumentação filosófica.** Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2006. 234 p.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. 13. ed. São Paulo, SP: Gustavo Gili SA, 1998. 450 p.

PANORAMA PET VET. **População de Pets no Brasil já é a terceira maior do mundo**. 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.petconectadigital.com.br/panorama-petvet/populacao-de-pets-no-brasil-ja-e-3a-maior-do-mundo>. Acesso em: 5 abr.

PET VIDA. **Entenda os Comportamentos dos Gatos - Guia Prático**. 15 jul. 2022. Disponível em: <https://petvidaanimal.com.br/comportamentos-dos-gatos/>. Acesso em: 17 out. 2024.

PINTO, Leonardo; FERREIRA, Aluane; DODONOV, Pavel. **Abandono de cães e gatos: levantamento bibliográfico e documental sobre causas, implicações e experiências de gestão no Brasil e no mundo**. Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 11, n. 30, p. 74-117, 2024.

PUREZA, José Manuel; NASCIMENTO, Daniela. **O Humanitarismo em mudança: do socorrismo aos intervencionismos**. Coimbra, POR: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2024. 180 p.

ROCHA, N.C.; MORAES, I.A. **Termorregulação nos animais**. 28 ago. 2017. Disponível em: <http://fisiovet.uff.br/?s=Termorregulação+nos+Animais>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ROYAL CANIN. **Termorregulação animal: como os cães e gatos regulam a temperatura corporal**. 19 jul. 2024. Disponível em: <https://portalvet.royalcanin.com.br/saude-e-nutricao/outros-assuntos/termorregulacao-animal-em-caes-e-gatos/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

ROYAL, CANIN. **Enriquecimento ambiental para gatos e cães: entenda a importância para a saúde e bem-estar do pet**. 4 dez. 2024. Disponível em: <https://portalvet.royalcanin.com.br/saude-e-nutricao/comportamento/enriquecimento-ambiental-para-caes-e-gatos/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SANTANA, Aline. **Mercado Pet do Brasil está no Top 3 mundial**. 25 set. 2023. Disponível em: <https://www.dermaconecta.com.br/post/mercado-pet-brasil-terceiro-mundial>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SAM CRAWFORD ARCHITECTS. **Blacktown Animal Rehoming Centre**. 9 maio 2023. Disponível em: <https://samcrawfordarchitects.com.au/project/blacktown-western-sydney-animal-rehoming-centre/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

SANTOS, Vanessa dos. **Regulação da temperatura corpórea pela água**. 17 maio 2022. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/a-agua-como-reguladora-temperatura.htm#:~:text=Para%20controlar%20a%20temperatura,%20o,ou%20em%20locais%20muito%20quentes>. Acesso em: 18 out. 2024.

SERRÃO, Vanessa. **Animais sencientes, você sabe o que isso significa?** 3 nov. 2015. Disponível: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/animais-sencientes-voce-sabe-o-que-isso-significa/251287543>. Acesso em: 13 out. 2024

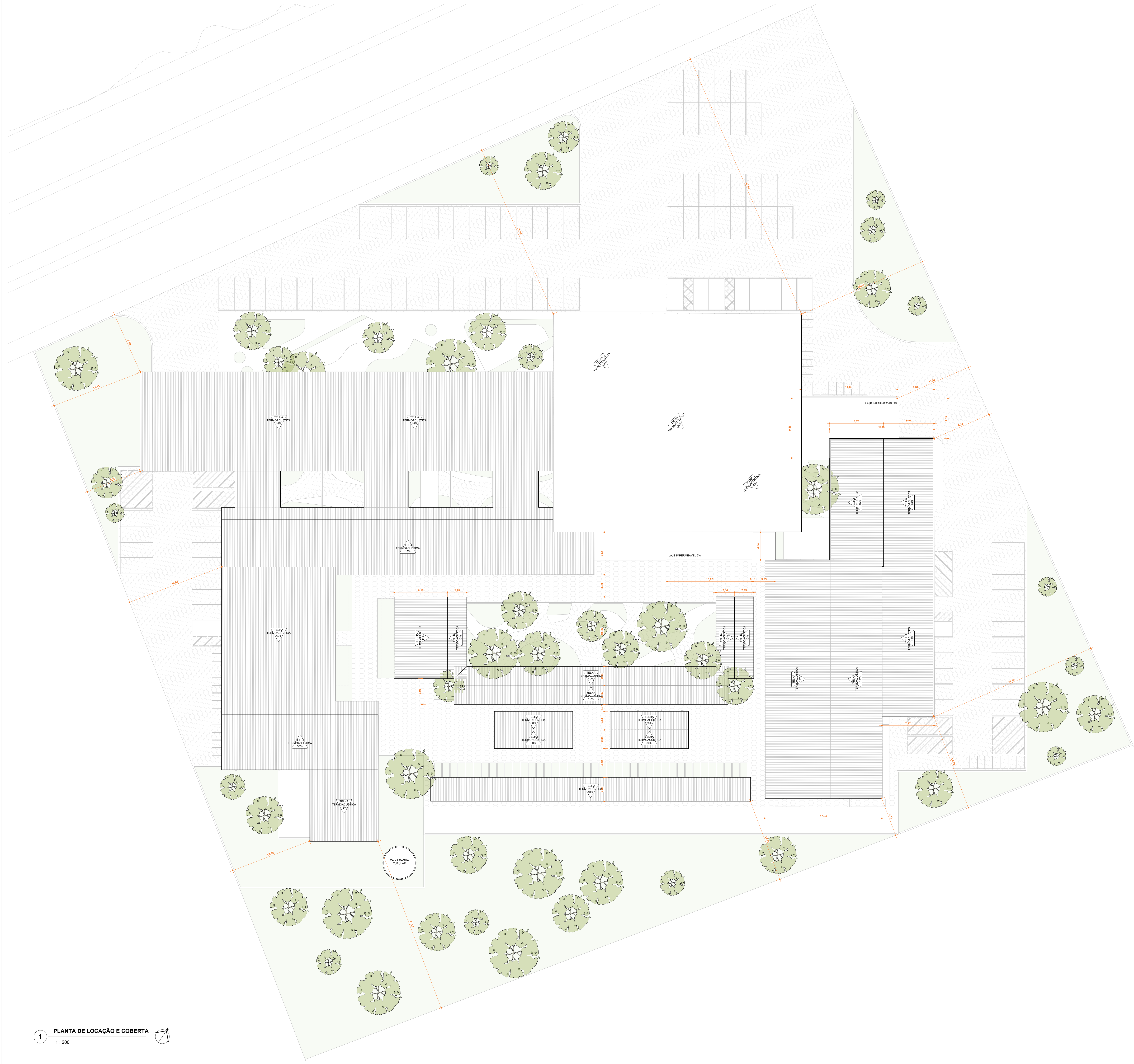
SINGER, Peter Albert. **Animal liberation**. 40. Ed. Nova Iorque, EUA: Open Road Integrated Media, 2009. 484 p.

SILVA, Anita de Souza. **Índice de abandono no Brasil**. 4 abr. 2024. Disponível em: <https://institutomvc.org.br/site/index.php/2024/04/04/indice-de-abandono-no-brasil/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SILVA, Ruama da. **Care: Centro de Acolhimento Animal do Recife**. 2023. 128 p. Trabalho de Conclusão de Curso — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2023.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos dos Animais**. Bruxelas, 1978.

WORLD ANIMAL PROTECTION. **Políticas para abrigos de cães e gatos**. 29 jul. 2012. Disponível em: <https://defensoresdosanimais.wordpress.com/2012/07/29/politicas-para-abrigos-de-caes-e-gatos/#:~:text=A%20WSPA%20%20Sociedade%20Mundial%20de,100%20afiliadas%20em%2023%20estados>. Acesso 5 abr. 2025.



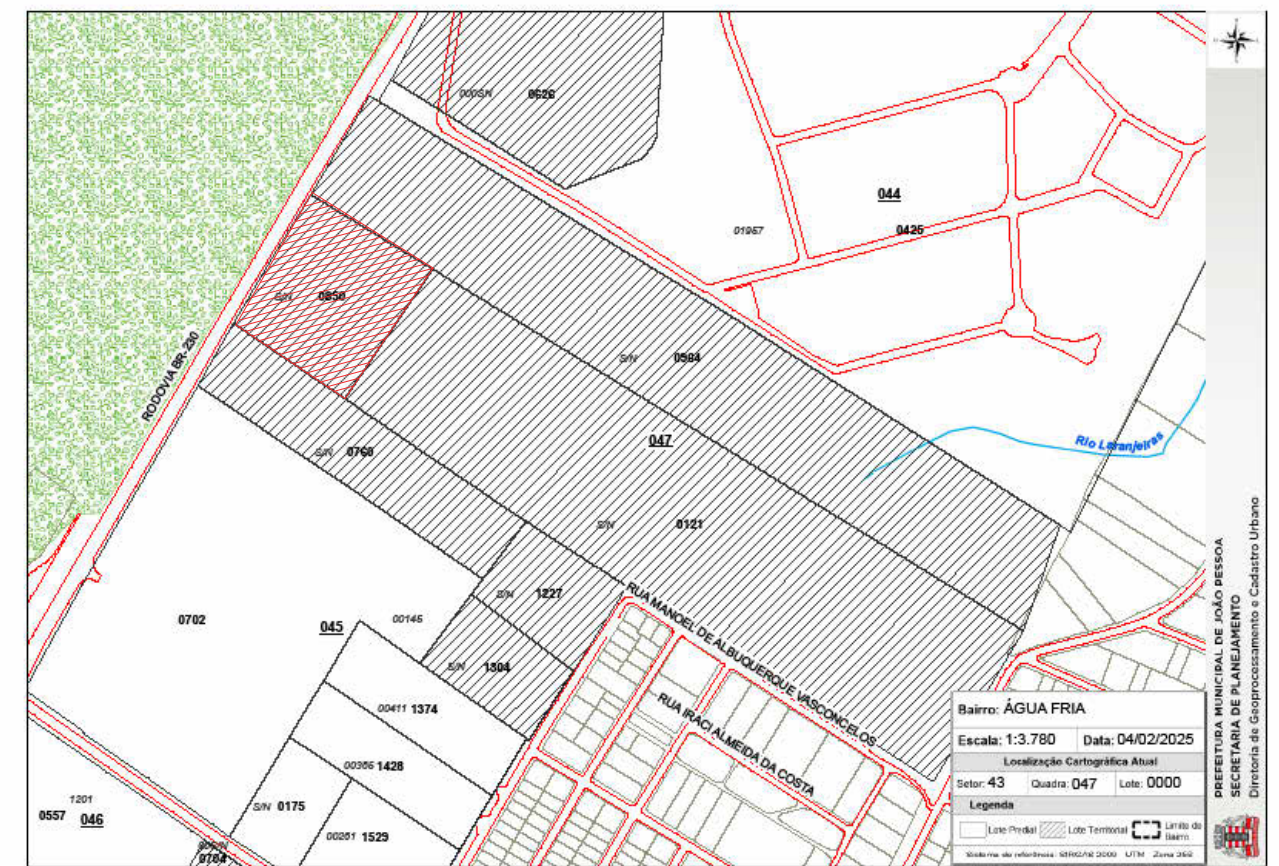
1 PLANTA DE LOCAÇÃO E COBERTA
1 : 200



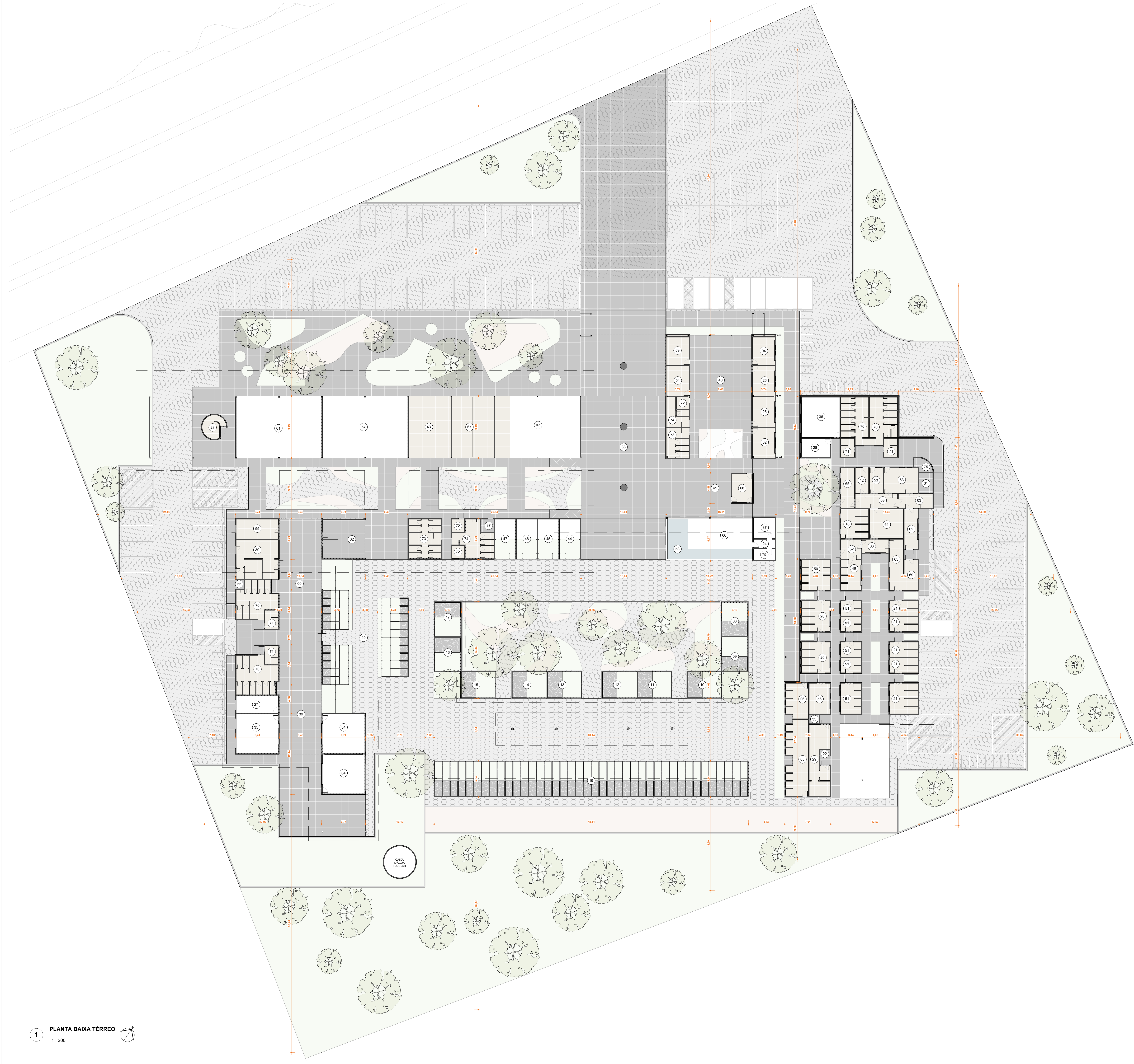
3 PERSPECTIVA ENTRADA PRINCIPAL



4 VISTA ENTRADA OESTE



2 OVERLAY
1 : 3.760



2 VISTA FACHADA PRINCIPAL



3 VISTA JARDINS

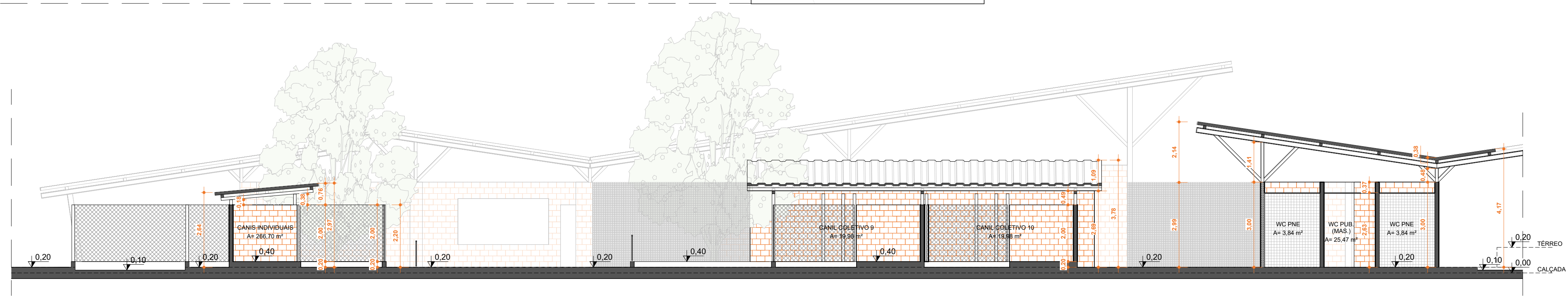
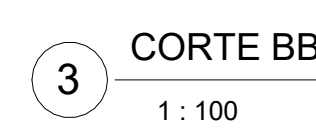


4 VISTA PRAÇA

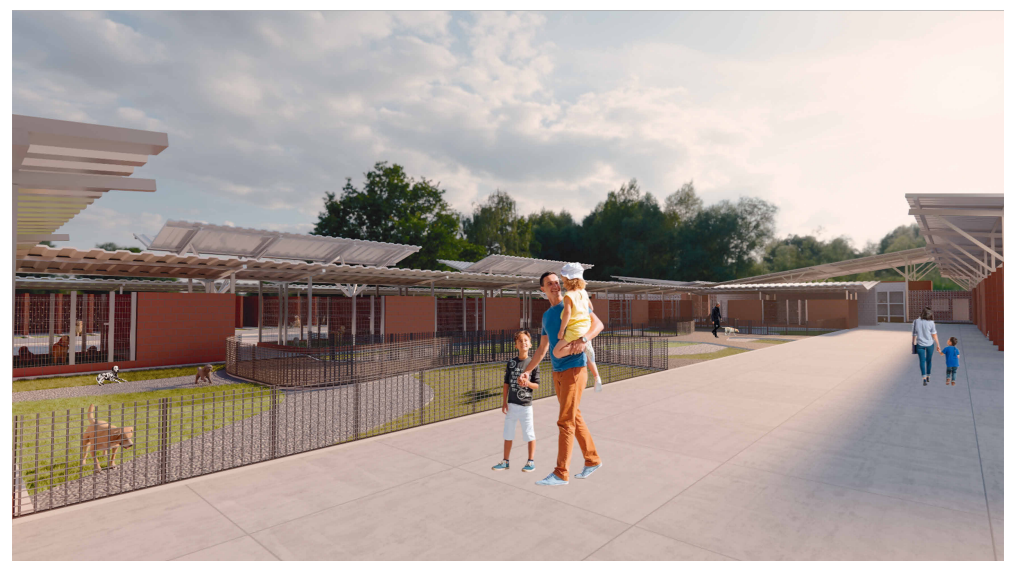
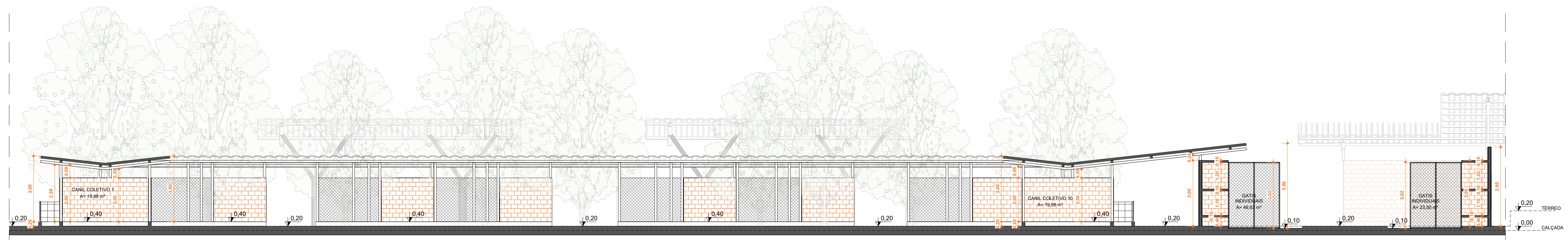
Tabela de Ambiente		
Ind.	Ambiente	Área
01	ACADEMIA PET	119,24 m²
02	ALA DE EXAMES	13,00 m²
03	ANTECAMARAS	33,30 m²
04	ATENDIMENTOS ESPECIAIS	14,84 m²
05	BANHO E TOSA (BGT)	36,01 m²
06	BANHO E TOSA (RGT)	17,53 m²
07	CALDEIRA	119,24 m²
08	CANIL COLETIVO 1	19,98 m²
09	CANIL COLETIVO 2	20,57 m²
10	CANIL COLETIVO 3	19,98 m²
11	CANIL COLETIVO 4	19,98 m²
12	CANIL COLETIVO 5	20,57 m²
13	CANIL COLETIVO 6	19,98 m²
14	CANIL COLETIVO 7	20,57 m²
15	CANIL COLETIVO 8	19,98 m²
16	CANIL COLETIVO 9	19,98 m²
17	CANIL COLETIVO 10	19,98 m²
18	CANIL PÓS OPERATÓRIO	19,30 m²
19	CANIS INDIVIDUAIS	266,70 m²
20	CANIS INT. CLÍNICA	40,84 m²
21	CANIS ISO. RESGATE	59,73 m²
22	CASAS DE GÁS	3,07 m²
23	CENTRAL DE REG.	7,41 m²
24	CIRCULAÇÃO	4,90 m²
25	CONSULTÓRIO 1	15,88 m²
26	CONSULTÓRIO 2	15,88 m²
27	COPIA (ADM)	12,47 m²
28	COPIA (CLN)	17,60 m²
29	COZINHA (ANIMAIS)	30,72 m²
30	COZINHA (FUNCIONÁRIOS)	37,81 m²
31	CREMATÓRIO	6,75 m²
32	CUIDADOS BÁSICOS	15,88 m²
33	DESCARTES (LWQ)	2,05 m²
34	DIRETORIA	38,82 m²
35	DORMITÓRIO (ADM)	38,03 m²
36	DORMITÓRIO (CLN)	38,10 m²
37	DPL (CLN)	10,85 m²
38	ENTRADA PRINCIPAL	445,78 m²
39	ESPAÇO ATIVO	108,46 m²
40	ESPERA CLÍNICA	144,22 m²
41	ESPERA TRIAGEM	28,40 m²
42	ESTERILIZAÇÃO E ARMAZENAGEM	7,84 m²
43	FARMACINHA	58,98 m²
44	GATIL COLETIVO 1	19,94 m²
45	GATIL COLETIVO 2	19,94 m²
46	GATIL COLETIVO 3	19,94 m²
47	GATIL COLETIVO 4	19,94 m²
48	GATIL PÓS OPERATÓRIO	14,73 m²
49	GATIS INDIVIDUAIS	93,85 m²
50	GATIS INT. CURTA E LONGA	20,32 m²
51	GATIS ISO. RESGATE	43,29 m²
52	HALL PÓS OPERATÓRIO	9,51 m²
53	HIGIENIZAÇÃO E PREPARO	7,98 m²
54	LAVANDARIA	15,88 m²
55	LAVANDARIA FUNCIONÁRIOS (ADM)	15,87 m²
56	LAVANDARIA VETERINÁRIA (RGT)	14,73 m²
57	MERCADO	119,24 m²
58	PISCINAS FISIOTERAPIA	34,01 m²
59	RADIOLOGIA	14,84 m²
60	REFEITÓRIO	109,50 m²
61	SALA DE CIRURGIAS	23,41 m²
62	SALA DE ENTREVISTAS	27,75 m²
63	SALA DE NECROPSIAS	20,57 m²
64	SALA DE REUNIÕES	39,05 m²
65	SALA DE HIGIENIZAÇÃO PET	29,45 m²
66	SALA DE FISIOTERAPIA	45,93 m²
67	SALA PET BANHO E TOSA	58,98 m²
68	TRIAGEM CLÍNICA	14,82 m²
69	TRIAGEM DE RESGATE	9,85 m²
70	VESTIÁRIOS E WCS (FUNCIONÁRIOS)	119,82 m²
71	WCS PNE (FUNCIONÁRIOS)	24,35 m²
72	WCS PNE (VISITANTES)	11,25 m²
73	WCS PUB. FEM.	44,71 m²
74	WCS PUB. MAS.	35,15 m²
75	WCS PUB. MAS.	9,88 m²
76	ÁREAS TÉCNICAS	3152,09 m²



2 CORTE AA
1 : 100



4 CORTE CO
1 : 100



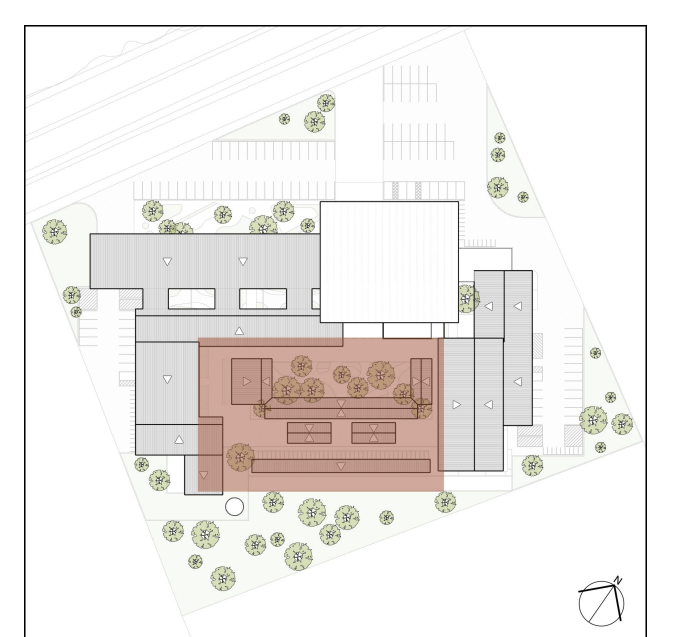
5 VISTA PARCAO

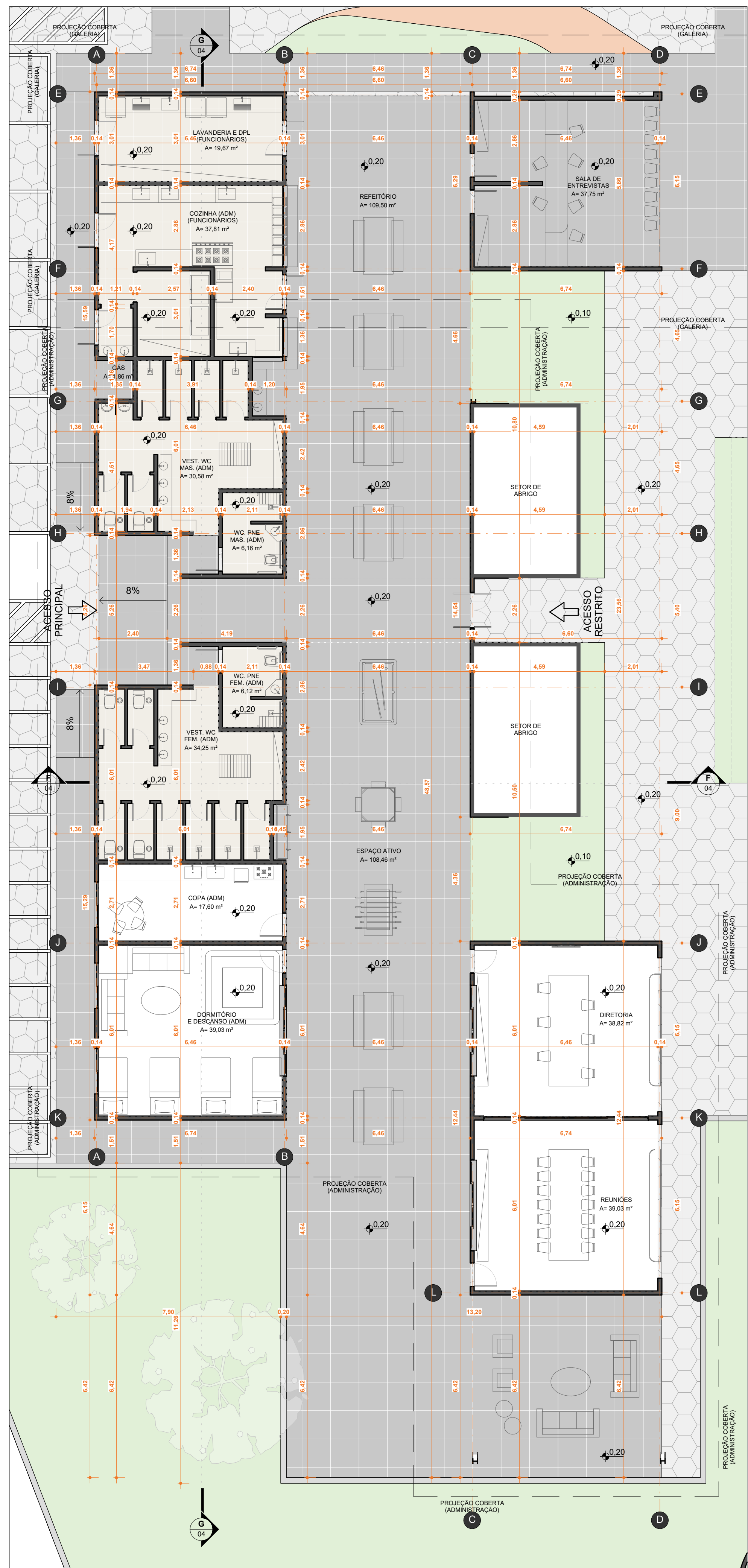


6 VISTA GATIL INDIVIDUAL E COLETIVO

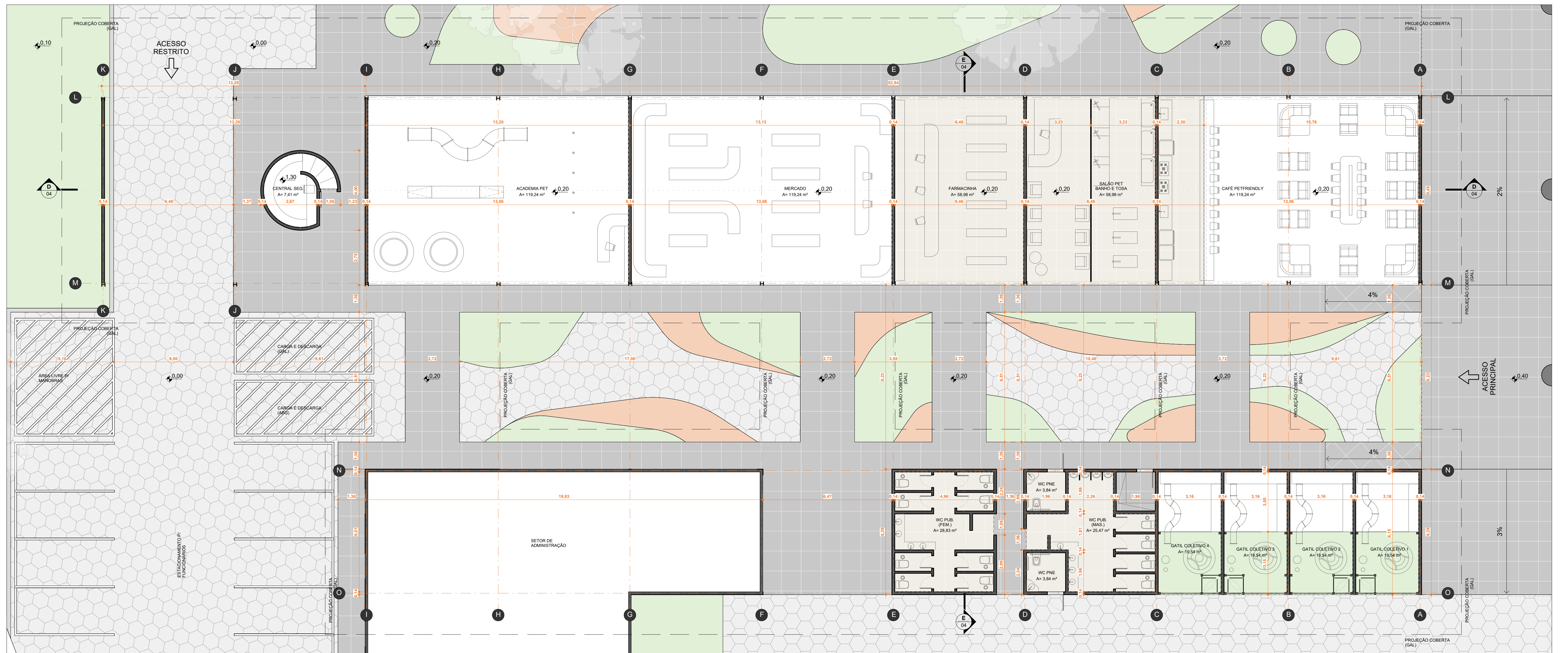
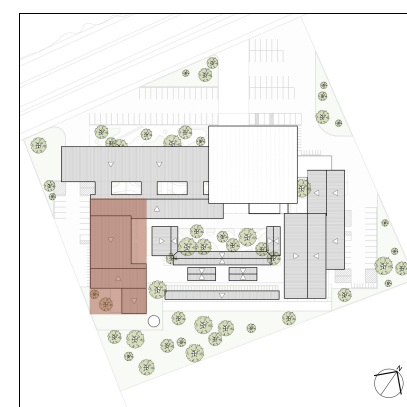


7 VISTA CANIL INDIVIDUAL E COLETIVO

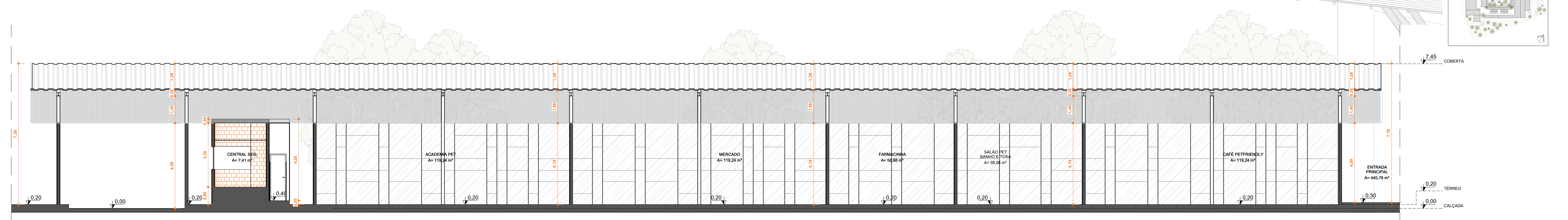
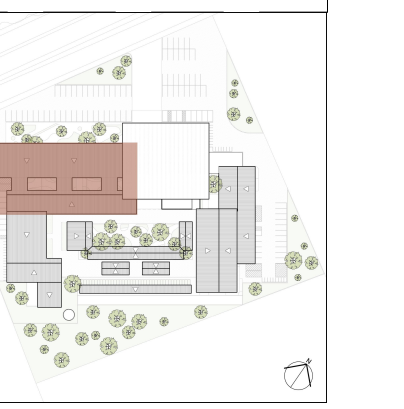




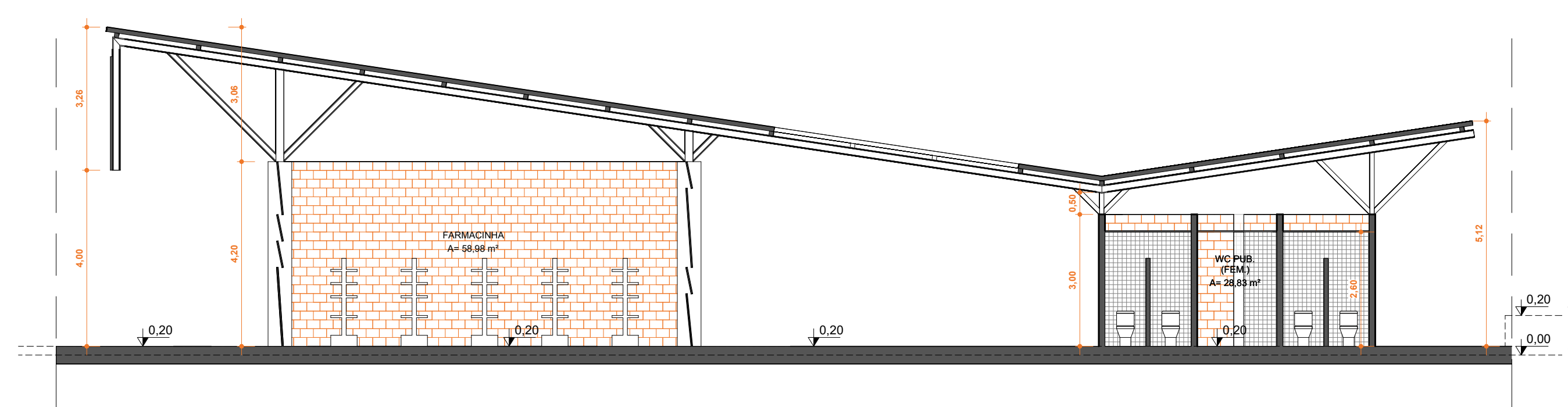
1 PLANTA BAIXA TÉRREO - ADMINISTRAÇÃO
1:100



2 PLANTA BAIXA TÉRREO - GALERIA
1:100



3 CORTE DD
1:100



4 CORTE EE
1:100



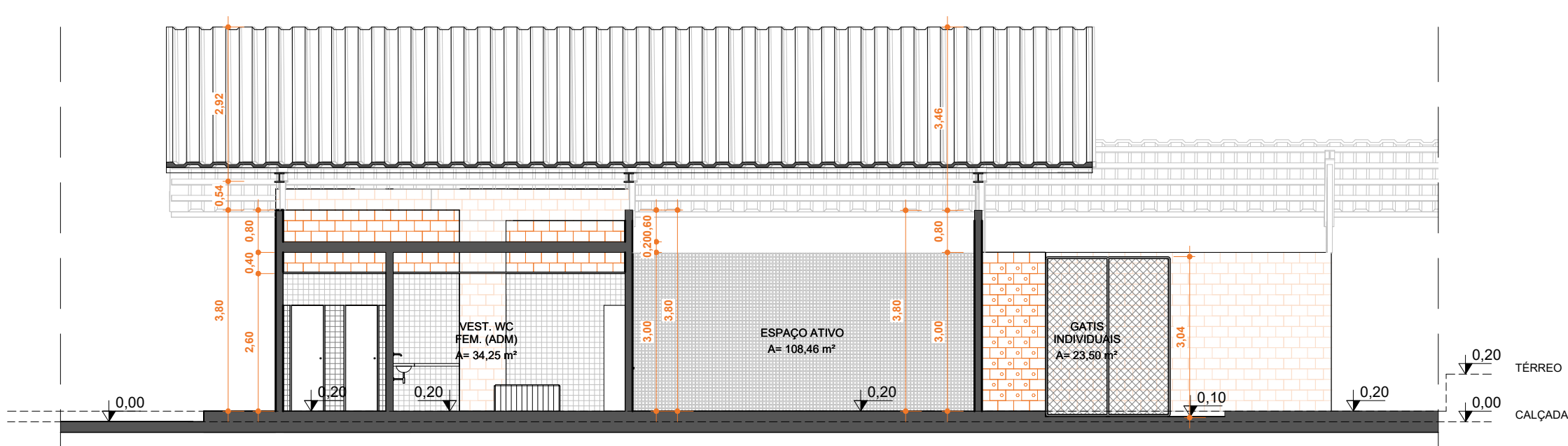
7 VISTA INTERNA BANHO E TOSA



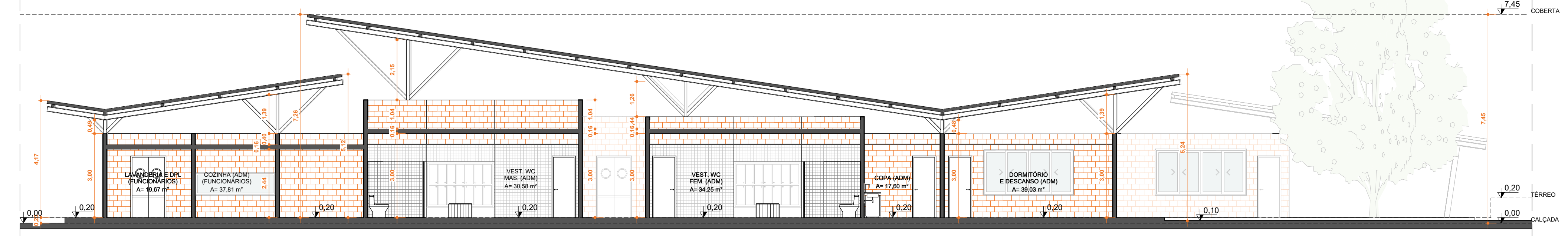
8 VISTA INTERNA TREINAMENTO PET



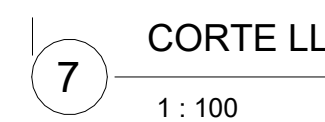
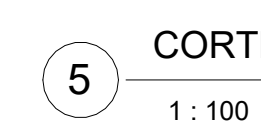
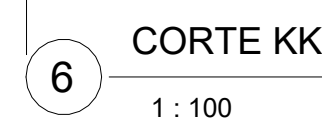
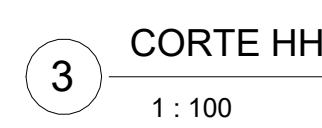
9 VISTA INTERNA CAFETERIA

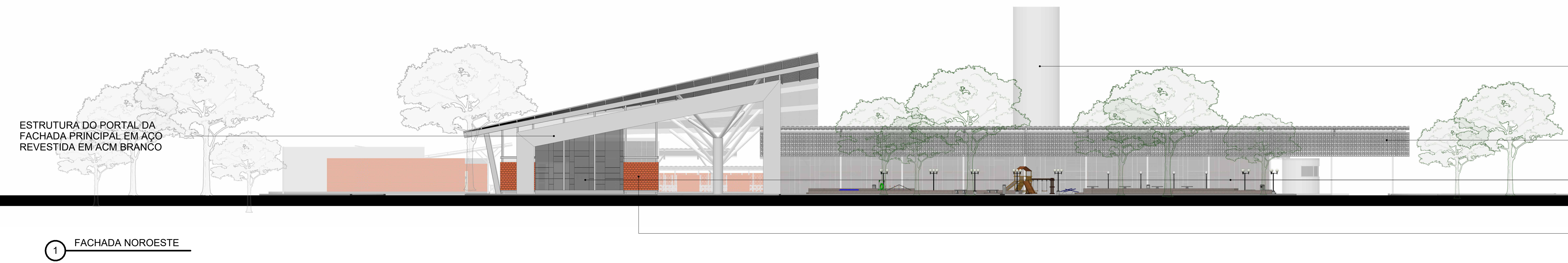


5 CORTE FF
1:100



6 CORTE GG
1:100





1 FACHADA NOROESTE

CAIXA D'ÁGUA EM CONCRETO

PAINEL EM CHAPA DE AÇO PERFORADO

PAREDES DE VIDRO COM ESTRUTURA EM AÇO

ALVENARIA ESTRUTURAL EM BLOCO CERÂMICO APARENTE DE 19X29CM

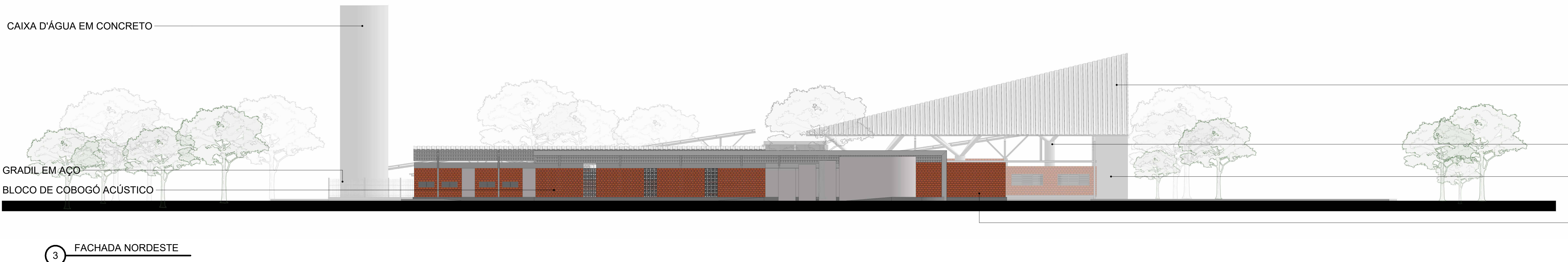


2 FACHADA SUDOESTE

CAIXA D'ÁGUA EM CONCRETO

TELHA TERMOACÚSTICA

ALVENARIA ESTRUTURAL EM BLOCO CERÂMICO APARENTE DE 19X29CM



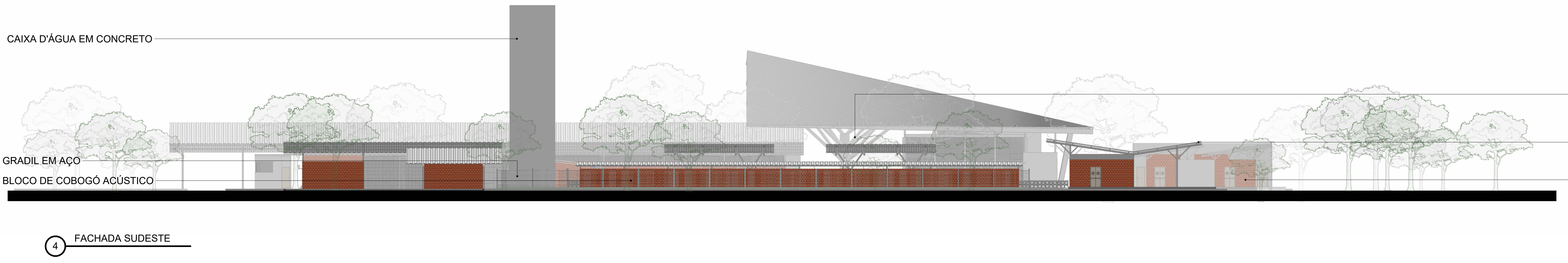
3 FACHADA NORDESTE

TELHA TERMOACÚSTICA

ESTRUTURA DO TELHADO EM AÇO

ESTRUTURA DO PORTAL DA FACHADA PRINCIPAL EM AÇO REVESTIDA EM ACM BRANCO

ALVENARIA ESTRUTURAL EM BLOCO CERÂMICO APARENTE DE 19X29CM



4 FACHADA SUDESTE

ESTRUTURA DO TELHADO EM AÇO

TELHA TERMOACÚSTICA

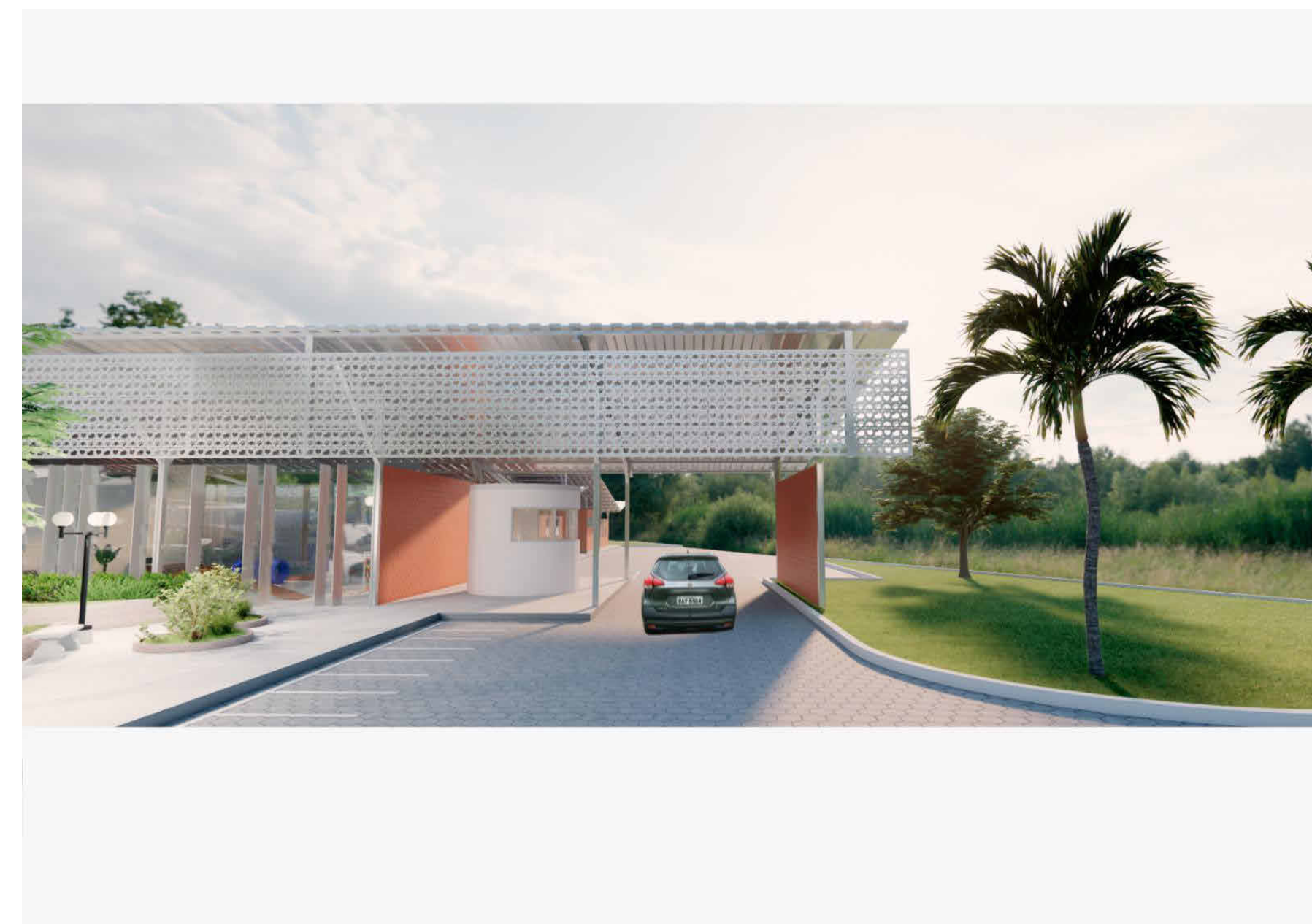
ALVENARIA ESTRUTURAL EM BLOCO CERÂMICO APARENTE DE 19X29CM



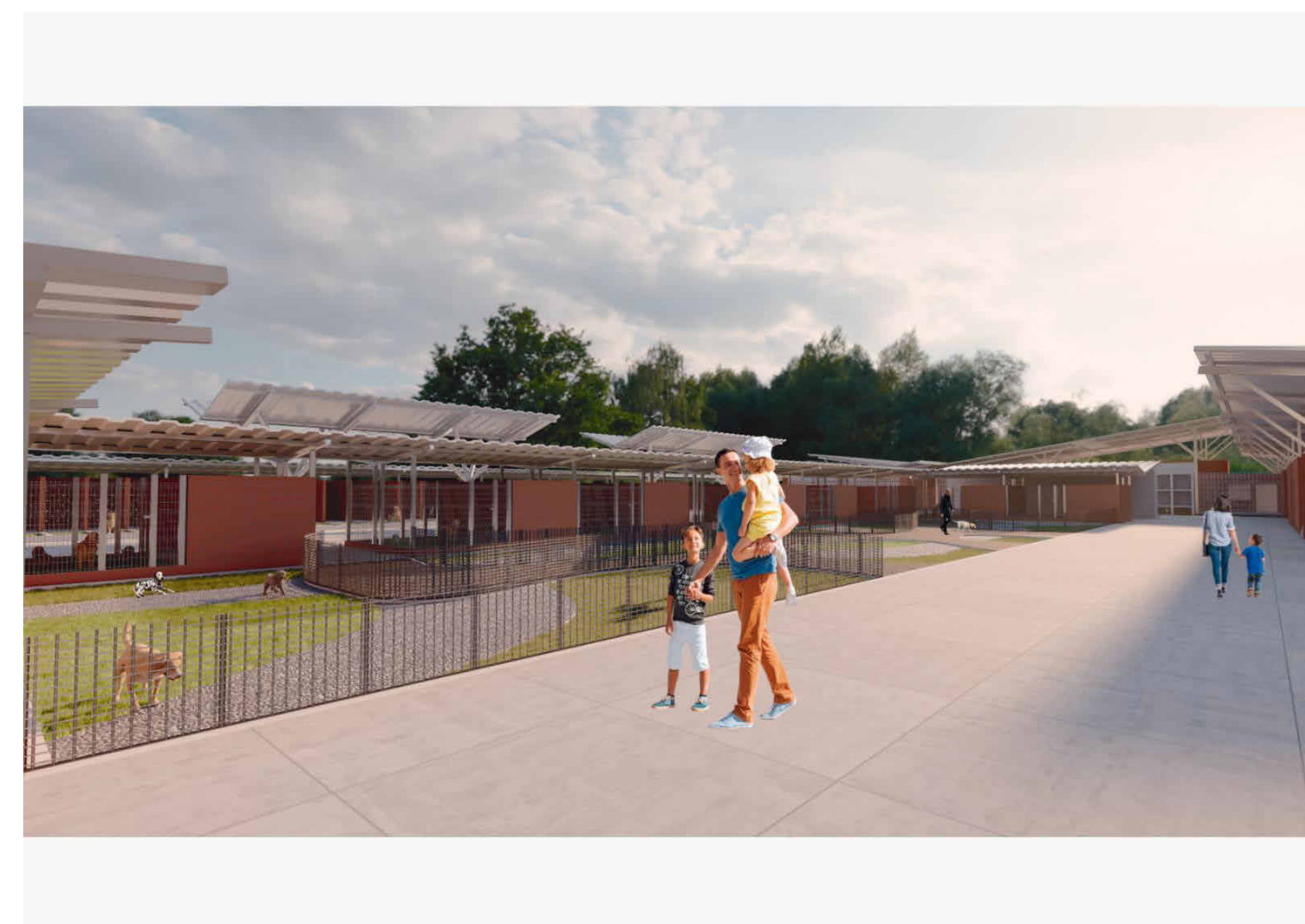
5 VISTA FACHADA PRINCIPAL



6 VISTA CORREDOR PRINCIPAL



5 VISTA ACESSO OESTE



5 VISTA PARCÃO